SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O presente livro apresenta e discute a *análise textual discursiva*. Correspondendo a um conjunto variado de metodologias trabalhando com textos, as análises textuais incluem desde a análise de discurso num extremo, até a análise de conteúdo num outro limite. A *análise textual discursiva* corresponde a uma metodologia de análise de informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdo e a análise de discurso, representando, diferentemente destas, um movimento interpretativo de caráter hermenêutico.

O livro é composto por nove capítulos. O primeiro, o quinto e o sétimo abordam o processo da análise em seu todo. Os outros quatro tratam especificamente de partes deste processo e de temas paralelos à análise propriamente dita.

O primeiro capítulo, *"Uma tempestade de luz"*, apresenta a análise textual discursiva como um ciclo composto de três momentos: *desmontagem dos textos, estabelecimento de relações e captação o novo emergente*. No mesmo tópico ainda se apresenta o processo da análise textual discursiva como *um processo auto-organizado*.

O segundo capítulo, *"Explosão de ideias"*, aprofunda as discussões sobre o processo desconstrutivo denominado *unitarização*. A desmontagem dos textos é mostrada como processo recursivo de

mergulho nos significados dos textos estudados, processo em que se exige que o pesquisador se assuma em suas interpretações, caracterizando-se nisso passo inicial da autoria que o investigador assume ao longo da análise.

O terceiro capítulo, *"Construindo quebra-cabeças ou mosaicos?"*, descreve e aprofunda a *categorização*, apresentada como processo de aprendizagem e comunicação de novos entendimentos produzidos na análise. A categorização constitui movimento de síntese, de construção de sistemas de categorias capazes de expressarem as novas aprendizagens e compreensões construídas no processo da análise.

O quarto capítulo, *"Movimentando-se entre as faces de Jano"*, aprofunda as questões do processo da escrita e da organização de metatextos resultantes do processo analítico. Argumentando-se que uma produção escrita não é um mero expressar de conhecimentos já perfeitamente constituídos, mas que representa ao mesmo tempo momento de concretização de novas aprendizagens, juntamente com a sua expressão, a produção de metatextos é movimento de constante construção e reconstrução. Descrição e interpretação se integram na produção de textos bem-organizados e estruturados em torno de teses e argumentos que apresentam as contribuições originais do pesquisador.

O quinto capítulo retoma o processo da análise textual discursiva em seu todo. Além de enfatizar aspectos já anteriormente discutidos, compara-se o processo da análise textual discursiva com *"Mergulhos discursivos"*, impregnações intensas em discursos sociais visando a sua compreensão cada vez mais profunda e, simultaneamente, à participação em sua transformação.

No sexto capítulo, *"Análise Textual Discursiva: análise de conteúdo? Análise de discurso?"*, procura-se localizar a análise textual discursiva na sua confrontação com outras modalidades de análise, mais diretamente a análise de conteúdo e de discurso. A partir do exame de várias dimensões, comparam-se essas diferentes formas de conduzir a análise textual, apontando-se características específicas de cada uma delas, sempre com o objetivo de compreender melhor a *análise textual discursiva*.

O sétimo capítulo, *"Metamorfoses múltiplas"*, apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com mestrandos e mestres que utilizaram a Análise Textual Discursiva em suas dissertações. Argumenta-se que a prática desta modalidade de análise possibilita transformações não apenas dos conhecimentos e das teorias do pesquisador, mas também de seus entendimentos e paradigmas de ciência, o que implica de forma intensa na transformação do pesquisador e de sua realidade. Explicita-se a partir de depoimentos dos participantes da pesquisa que essas metamorfoses geralmente apresentam-se inesperadas e surpreendentes.

O oitavo capítulo, *"Um contínuo ressurgir de Fênix"*, amplia a [illegible] do processo analítico para além de uma análise de informações de pesquisa propriamente dito, atingindo uma produção textual [illegible] como pesquisa produtiva de novos significados a partir da [illegible] de diferentes vozes, incluída principalmente a do próprio [illegible]. Nessa perspectiva amplia-se o processo de análise no [illegible] como modo de intervenção em discursos sociais, [illegible] em que o pesquisador se envolve em reconstruir entendimentos [illegible], sempre em interação com um conjunto de vozes, tanto [illegible] empíricos quanto de teóricos.

mergulho nos significados dos textos estudados, processo em que se exige que o pesquisador se assuma em suas interpretações, caracterizando-se nisso passo inicial da autoria que o investigador assume ao longo da análise.

O terceiro capítulo, *"Construindo quebra-cabeças ou mosaicos?"*, descreve e aprofunda a *categorização*, apresentada como processo de aprendizagem e comunicação de novos entendimentos produzidos na análise. A categorização constitui movimento de síntese, de construção de sistemas de categorias capazes de expressarem as novas aprendizagens e compreensões construídas no processo da análise.

O quarto capítulo, *"Movimentando-se entre as faces de Jano"*, aprofunda as questões do processo da escrita e da organização de metatextos resultantes do processo analítico. Argumentando-se que uma produção escrita não é um mero expressar de conhecimentos já perfeitamente constituídos, mas que representa ao mesmo tempo momento de concretização de novas aprendizagens, juntamente com a sua expressão, a produção de metatextos é movimento de constante construção e reconstrução. Descrição e interpretação se integram na produção de textos bem-organizados e estruturados em torno de teses e argumentos que apresentam as contribuições originais do pesquisador.

O quinto capítulo retoma o processo da análise textual discursiva em seu todo. Além de enfatizar aspectos já anteriormente discutidos, compara-se o processo da análise textual discursiva com *"Mergulhos discursivos"*, impregnações intensas em discursos sociais visando a sua compreensão cada vez mais profunda e, simultaneamente, à participação em sua transformação.

No sexto capítulo, *"Análise Textual Discursiva: análise de conteúdo? Análise de discurso?"*, procura-se localizar a análise textual discursiva na sua confrontação com outras modalidades de análise, mais diretamente a análise de conteúdo e de discurso. A partir do exame de várias dimensões, comparam-se essas diferentes formas de conduzir a análise textual, apontando-se características específicas de cada uma delas, sempre com o objetivo de compreender melhor a *análise textual discursiva*.

O sétimo capítulo, *"Metamorfoses múltiplas"*, apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com mestrandos e mestres que utilizaram a Análise Textual Discursiva em suas dissertações. Argumenta-se que a prática desta modalidade de análise possibilita transformações não apenas dos conhecimentos e das teorias do pesquisador, mas também de seus entendimentos e paradigmas de ciência, o que implica de forma intensa na transformação do pesquisador e de sua realidade. Explicita-se a partir de depoimentos dos participantes da pesquisa que essas metamorfoses geralmente apresentam-se inesperadas e surpreendentes.

O oitavo capítulo, *"Um contínuo ressurgir de Fênix"*, amplia a discussão do processo analítico para além de uma análise de informações de pesquisa propriamente dito, atingindo uma produção textual entendida como pesquisa produtiva de novos significados a partir da interação de diferentes vozes, incluída principalmente a do próprio pesquisador. Nessa perspectiva amplia-se o processo de análise no sentido de mostrá-lo como modo de intervenção em discursos sociais, processo em que o pesquisador se envolve em reconstruir entendimentos sociais, sempre em interação com um conjunto de vozes, tanto de interlocutores empíricos quanto de teóricos.

O nono capítulo, "*Avalanches reconstrutivas: movimentos dialéticos e hermenêuticos de transformação no envolvimento com a Análise Textual Discursiva*", foi escrito em 2010 e discutido na disciplina de Análise Textual Discursiva ministrada pelos autores na Universidade Federal do Rio Grande – Furg – dali em diante.

Desta forma, o livro em seu todo propõe dois movimentos ao longo dos seus capítulos. Num deles o texto vai do todo para as partes de um processo analítico, retomando-se posteriormente o todo numa perspectiva ampliada. No outro, o texto inicia-se com um foco mais específico em uma metodologia de análise de informações de pesquisa qualitativa, movimentando-se para outro foco mais amplo de entendimento da pesquisa como processo reconstrutivo de discursos sociais.

Em todos esses processos enfatiza-se o necessário envolvimento intenso e rigoroso do pesquisador no processo de análise e de reconstrução. Precisa assumir-se intérprete e autor, processo em que os resultados expressos representam modos de intervenção nos discursos sociais investigados.

Os processos descritos, ainda que possibilitando ao pesquisador a construção de uma segurança e confiança cada vez maiores em seus avanços compreensivos, constituem em sua própria natureza movimentos incertos e inseguros. Ao longo do livro a Análise Textual Discursiva é apresentada como processo auto-organizado e emergente, fundamentada no poder criativo de sistemas complexos e caóticos. Nisso seu funcionamento e seus resultados são seguidamente descritos por quem deles faz uso como surpreendentes e imprevisíveis, *uma vara de condão capaz de transformar fragmentos dispersos de texto em conjuntos de argumentos estruturados e fundamentados, permitindo transformar palavras soltas em sonoros poemas.*

O DESPERTAR DE UMA NOVA VISÃO[1]

O presente estudo, ao mesmo tempo que me exigiu a construção de um caminho metodológico ao longo de sua execução, também constituiu-se num aprofundamento contínuo e gradual dos seus fundamentos filosóficos e epistemológicos.

Esta pesquisa, para mim, foi o meio de me aprofundar em uma forma nova e crítica de conceber o mundo. Foi o caminho para a imersão gradativa em uma realidade em que o homem com sua subjetividade é o balizador do movimento, assim como aquele que define os seus limites, sempre finitos e inacabados. Essa imersão, ao mesmo tempo que me possibilitou perceber os múltiplos mundos construídos de acordo com as formas de perceber dos diferentes sujeitos, também me afastou gradativamente da *atitude natural* (Gilles, 1989), visão de um mundo fechado, dirigida apenas para a realidade exterior e independente do homem.

Estive, ao longo de todo este estudo, à procura de um renovado conceito de ciência, que me ajudasse a explicitar com clareza o tipo de cientificidade implícito no trabalho que estava realizando. Isso me exigiu uma redefinição do significado de investigação científica,

[1] Este capítulo foi retirado da tese de Doutorado de Roque Moraes defendida em 2011.

de modo a substituir o esforço explicativo pelo compreensivo, trocar a meta da previsão pela da descrição, levando-me à busca de uma causalidade interna nos fenômenos investigados.

Tentarei expor a seguir alguns dos fundamentos que foram se desenvolvendo paralelamente ao estudo do fenômeno da educação de professores e cuja explicitação considero essencial à compreensão do presente trabalho.

O ponto de partida

Em termos filosóficos e epistemológicos esta pesquisa constituiu-se numa caminhada pessoal em que dois pontos extremos podem ser destacados, ainda que não rigidamente delimitados. No seu início manifestaram-se, ainda com força, concepções de uma visão de mundo, de ciência e de pesquisa baseadas em todo um histórico anterior de vivência dentro da ciência natural, dentro do positivismo. Seu final caracteriza-se por novos posicionamentos em relação à natureza da ciência, ao conhecimento produzido por meio dela, aos seus métodos e à questão do homem diante da produção do conhecimento. O trabalho, como um todo, ao mesmo tempo que proporcionou um aprofundamento no conhecimento em relação ao fenômeno investigado, também possibilitou um movimento no sentido de uma nova concepção de ciência, um afastamento de uma visão positivista e a aproximação de uma concepção fenomenológica, *"uma ciência num sentido mais pleno"*, na visão de Husserl (Gilles, 1989, p. 70).

A visão inicial, tendo se originado a partir de minha atuação em pesquisas e experimentos nas áreas de Química e em Ciências Naturais, já havia começado a ser questionada desde o envolvimento gradativamente mais intenso com a área da Educação. Esses questionamentos começaram a ser aprofundados ao longo deste trabalho e

mesmo que sombras ainda persistam e certamente a claridade nunca será completa, resultaram na definição de novas concepções em que a historicidade, o subjetivo, a força determinante do homem têm um papel central.

Entre outros, esses questionamentos focalizaram a questão da objetividade. Supero ao longo do trabalho a concepção de que só o conhecimento cientificamente comprovado, no sentido da ciência natural, é que é verdadeiro e real. Supero a ideia de que é necessário o conhecimento ser reproduzido em condições de laboratório, condições isentas em que o pesquisador estude o fenômeno isolando-se dele. Ultrapasso a crença positivista de que só é válido o conhecimento produzido pelos métodos das ciências físicas.

Essa crítica filosófica de minhas concepções de ciência também envolveu a crença de que há um método único capaz de conduzir ao conhecimento verdadeiro: o método da ciência natural. Tornei-me cada vez mais consciente de que há muitos métodos de acordo com as várias atitudes de pesquisa e os diferentes objetos de estudo. *"Nenhuma ciência está justificada a prescrever à outra seus próprios métodos"* (Luijpen, 1973, p. 174). O que pode caracterizar a cientificidade de uma ciência pode ser diferente daquilo que a caracteriza em outra. Parece cada vez mais claro que as ciências do homem necessitam construir seus próprios métodos e abandonar definitivamente a pretensão positivista da unidade de métodos. Seu objeto de estudo não pode ser abordado apenas por um método que empregue uma concepção mecanicista, formalista ou analítica, mas exige a utilização de métodos capazes de conjugar o subjetivo e o objetivo na construção de um novo conceito de cientificidade e rigor.

Superar a visão restrita e limitada de ciência derivada das ciências físicas também implicou repensar o significado de precisão e ênfase na valorização de aspectos quantitativos em prejuízo de caracteres qualitativos. A precisão não avança necessariamente

pela última casa decimal que pode ser mensurada. À discussão da questão do rigor e da precisão é preciso associar o questionamento da relevância. Nesse sentido minhas preocupações coincidem com as de Antoli quando este, ao criticar pesquisas em educação utilizando os cânones positivistas, afirma:

> O rigor se persegue às custas da relevância. Fragmenta-se a realidade, simplifica-se sua estrutura e ignoram-se os significados internos que subjazem ao comportamento observável. Busca-se a generalização como fim último, à imagem e semelhança das ciências naturais (1988, p. 10).

O aprofundamento desses questionamentos levou-me a assumir concepções em que o *valor de verdade* passou da ênfase na *validade interna* para a *credibilidade*; em termos de *aplicabilidade* substituí o conceito de *validade externa* pelo de *transferência*; a *fidedignidade* como medida de *consistência* é substituída pela de *dependência* e a objetividade, representando a *neutralidade* do pesquisador, é substituída pela *confirmabilidade*.

Isso significa que em termos do trabalho realizado procurei desenvolver um conceito de cientificidade em que o valor de verdade, a aplicabilidade, a consistência e a neutralidade, representando o rigor metodológico da pesquisa, não me pudessem impor limites tão estreitos às informações coletadas e ao tipo de problemas a investigar, de modo que os resultados obtidos tivessem efetivamente um significado e uma validade ecológica para os sujeitos a que se referem.

O significado e o papel da teoria também necessitaram ser revistos ao longo do estudo. O modelo de teoria implícito no método hipotético dedutivo, uma construção racional que precede o exame da realidade e que será testado no experimento, com sua validade sendo medida pela capacidade de precisão e de controle dos fenômenos, foi substituído por um modelo de teoria compreensiva, que se desenvolve gradualmente ao longo do estudo a partir das intuições

que as informações recolhidas possibilitam. É o produto da definição das essências dos fenômenos investigados, a partir da vivência e da faticidade dos sujeitos estudados. Teoria, nesse sentido, assume o significado de compreensão.

É importante salientar que o avanço nos fundamentos filosóficos e epistemológicos, de um modo geral, foi sempre posterior ao envolvimento no trabalho prático. O caminho fenomenológico, como observa Merleau-Ponty, *"deixa-se praticar e reconhecer como maneira e como estilo, existe como movimento mesmo antes de haver chegado a uma consciência filosófica total"* (1975, p. 8).

Uma nova concepção é construída

A sensação de incompletude, a percepção de superficialidade que, aos poucos, foi produzindo em mim o envolvimento em pesquisas na área da Educação, ao tentar utilizar o paradigma da ciência natural, até mesmo antes do início desta investigação, já me haviam levado à busca de um paradigma alternativo. Algumas experiências de pesquisa numa abordagem qualitativa já haviam produzido a convicção de que uma pesquisa pode ser eventualmente mais envolvente, mais significativa e profunda do que haviam sido alguns estudos realizados no paradigma quantitativo.

A questão da escolha da Fenomenologia foi gradual e até certo ponto não resultante de uma opção prévia. Quando me deparei com ela, quando aprofundei os estudos nessa abordagem, percebi que realmente já a praticava de algum modo, o que me fez redobrar o esforço de tentar chegar a uma consciência filosófica cada vez mais completa dessa forma de investigar a realidade.

A seguir apresento alguns elementos que fundamentam essa abordagem. Espero que isso possa ser útil à leitura e à compreensão do livro.

Caracterizando a Fenomenologia

A Fenomenologia é ao mesmo tempo uma Filosofia e um método de chegar à compreensão dos fenômenos, à descrição daquilo que se manifesta em si mesmo à consciência, que se dá, que se torna visível.

Como movimento filosófico a Fenomenologia posiciona-se entre o materialismo e o idealismo, não podendo, entretanto, ser identificada com nenhuma dessas duas correntes. Do materialismo aceita a existência das coisas materiais, mas ao mesmo tempo questiona a possibilidade de conhecê-las diretamente em sua materialidade, em sua essência material. Por outro lado a Fenomenologia valoriza a consciência como elemento de ligação entre o homem e o mundo material. Assim, a materialidade do mundo só tem sentido na medida em que é percebida pelo homem, na medida em que se apresenta à consciência como fenômeno. A Fenomenologia fundamenta-se no encontro entre a consciência e a materialidade, a partir do qual só tem sentido falar de um mundo com base nos fenômenos apresentados à consciência. Não tem sentido falar de um mundo sem o homem.

A Fenomenologia opõe-se ao materialismo porque este pretende falar de uma realidade em si, de um mundo em si, esquecendo o homem como origem de tudo. Husserl (1965) denomina isso de concepção ingênua de mundo. Opõe-se também ao idealismo porque, ao contrário deste, admite a existência de uma realidade material, não apenas idealizada, realidade esta que não pode ser conhecida em sua essência material, mas apenas como fenômeno.

A Fenomenologia também opõe-se ao cientismo, o absolutismo das Ciências Naturais, com sua pretensa ênfase na objetividade e na matematização da realidade. A verdade derivada da ciência positivista não é a única verdade. O conhecimento provém do encontro do homem com a realidade material, das manifestações desta à consciência humana. A realidade concreta é muito mais abrangente e rica do que pretende o cientismo, do que aquilo que pode ser objetivado e quantificado.

> A atitude fenomenológica consiste em por entre parênteses a atitude natural, a maneira espontânea do viver que nos habilita à crença de que as coisas estão aí. Quando, desta maneira, o fenomenólogo se capacita a esta perda do mundo, o faz para dar lugar a uma instância de prova e de rigor cuja credencial vá além do mero sistema empírico das certezas sensíveis (Costa, 1980, p. 163).

A Fenomenologia é uma forma de investigação que propõe uma abordagem direta dos fenômenos. Precisa partir do interior do fenômeno, da forma como este se manifesta à consciência. É de lá que se abre um caminho em direção à compreensão do fenômeno.

A Fenomenologia, dessa forma, procura compreender o homem a partir da faticidade. Essa compreensão está necessariamente vinculada à totalidade dos fenômenos e isso faz com que se pronuncie pela não parcialização e não explicação a partir de conceitos prévios, de crenças e de um referencial teórico concebido antes de examinar o fenômeno.

Sendo a Fenomenologia o estudo dos fenômenos como se apresentam à consciência, ela valoriza a subjetividade em sua procura por atingir a essência dos fenômenos. Tanto como movimento filosófico quanto como método de investigação, caracteriza-se como um esforço

de retorno à experiência original, à vida, ao mundo da experiência, ao mundo do irrefletido, como base da construção do conhecimento. Essa experiência é sempre uma experiência total, e por isso, a Fenomenologia caracteriza-se em sua oposição à atomização.

Finalmente, considerando que se baseia na percepção dos fenômenos pela consciência humana, a Fenomenologia fundamenta sua investigação essencialmente na linguagem.

Essas são algumas das características da Fenomenologia cuja apresentação considero importante para a compreensão do presente estudo. Proponho-me, a seguir, aprofundar a discussão de cada uma delas com vistas à preparação do leitor para o entendimento dos capítulos subsequentes.

A importância do sujeito

A Fenomenologia posiciona-se contra o objetivismo da ciência natural e coloca o homem como centro de sua pesquisa, valorizando um mundo vivido por um sujeito, o homem. Enfatiza a subjetividade, começando sua investigação a partir do irrefletido, do mundo da experiência, do mundo da vida. Concebe o homem, com sua intencionalidade e consciência, como aquele que torna possível o ser-ser de tudo. "Alguma coisa há porque existe o homem, que como razão metafísica, deixa acontecer o ser-ser de tudo o que é, e realiza a verdade do ser como ser" (Luijpen, 1973, p. 181).

Com sua ênfase na subjetividade, com sua preocupação em descrever uma experiência mais original do que aquela proveniente de uma concepção ingênua de mundo, experiência que é o sujeito-

-como-cogito, a Fenomenologia caracteriza-se por sua abertura a numerosas atitudes e diferentes possibilidades de percepção de um mesmo fenômeno.

> Quem compreende que o mundo e a verdade sobre o mundo são radicalmente humanos, está preparado para conceber que não existe um mundo-em-si, mas muitos mundos humanos, de acordo com as atitudes ou pontos de vista do sujeito existente. O homem é essencialmente existência e isto acarreta que a significação do mundo se diferencia conforme as várias atitudes ou pontos de vista do sujeito-no-mundo (Luijpen, 1973, p. 76).

A importância do sujeito na Fenomenologia transparece por meio dos conceitos de consciência e intencionalidade. A intencionalidade é uma relação entre o sujeito e a realidade material, donde surge o sentido. Para Husserl, o criador da Fenomenologia, não importa a relação do fenômeno com o mundo exterior. Interessa apenas o fenômeno puro, tal como se manifesta à consciência. Interessa o fenômeno no sentido subjetivo. Isto, entretanto, caracteriza o extremo objetivismo para a Fenomenologia de tal modo que Merleau-Ponty afirma que *"a aquisição mais importante da Fenomenologia é, sem dúvida, de ter unido o subjetivismo e o objetivismo extremos em sua noção de mudo e racionalidade"* (1975, p. 19).

O esforço para chegar ao fenômeno, nesse sentido puro e objetivo, eliminando-se qualquer preconceito ou explicação *a priori*, denomina-se redução fenomenológica. O resíduo ou sobra dessa redução constitui um plano imanente da consciência, que para Husserl (1965) é sempre intencional e intersubjetiva. A consciência é intencional na medida em que está sempre orientada para algo que não é ela própria. É intersubjetiva na medida em que as evidências intencionais vivenciadas por um sujeito são também vivenciadas por outros, emergindo daí o conjunto das significações que constituem o mundo em que vivemos.

À procura das essências

> A Fenomenologia é o estudo das essências e, segundo ela, todos os problemas se resolvem na definição das essências... mas a Fenomenologia é também uma filosofia que re-situa as essências dentro da existência e não acredita que se possa compreender o homem e o mundo a não ser a partir de sua facticidade (Merleau-Ponty, 1975, p. 7).

A Fenomenologia está sempre à procura da essência dos fenômenos. Captar a essência é atingir a compreensão, nunca definitiva, sempre um vir-a-ser. Chegar às essências ou ideias dos fenômenos está associado à redução eidética e à redução fenomenológica, mediante as quais podemos sair da realidade dos fatos e atingir a realidade das ideias. As essências não são generalizações empíricas, que se mantêm na esfera dos fatos, mas são generalizações puras, cuja validade é independente da experiência original, ao mundo vivido pelo sujeito, à *lebenswelt*. É preciso compreender a essência do fenômeno da consciência que se distingue da multiplicidade das representações objetivas como um invariante. Essa só pode ser captada pela totalidade do fenômeno e não pelo seu parcelamento e atomização. A busca da essência ocorre na consciência, em que o ver da mente possibilita a unidade pela intuição.

Encontrar a essência dos fenômenos é encontrar seus invariantes, ou seja, aqueles aspectos que subtraídos dos fenômenos já não permitem que se fale dos mesmos fenômenos.

Atingir a essência é uma preocupação fundamental da Fenomenologia. "O conteúdo da Fenomenologia é constituído dos dados da experiência, seu significado para o sujeito e mais particularmente, a essência dos fenômenos" (Giorgi, 1973, p. 10).

A *redução eidética*, procedimento metódico a partir do qual elevamos nosso conhecimento do domínio dos fatos à esfera das essências, não é um processo fácil, pois o fenômeno apresenta-se sempre numa polarização entre velamento e desvelamento. Só uma intensa impregnação nele permite desvelá-lo cada vez mais.

A investigação proposta pela Fenomenologia consiste em orientar nossos estudos para o *mundo transcendental*. Segundo Zilles:

> Husserl interessou-se pelo fenômeno puro. Prescinde do mundo exterior, para o qual naturalmente estamos orientados. Chama o mundo exterior de transcendente, porque transcende os fenômenos da consciência. Mas, como filósofos, devemos orientar-nos para o mundo interior, que chama de transcendental. Assim, o ser transcendente é o ser real, empírico e transcendental, enquanto oposto ao primeiro, é irreal ou ideal, mas não fictício. Propõe-se, pois, explorar as riquezas da consciência transcendental. Segundo ele, o filósofo não precisa recorrer ao mundo transcendente. Cabe-lhe buscar a evidência apodítica ou indubitável da subjetividade transcendental, através da descrição dos fenômenos puros (1986, p. 176).

Ainda que o fenomenólogo procure a essência dos fenômenos, procurando intuí-la a partir das vivências destes, também está consciente de que nunca atingirá a essência definitiva, o fundo de todos os fundos.

> A verdade jamais é acabada. Pelo desvelamento da verdade fica repelida certa obscuridade, mas nunca o objeto do conhecimento humano será possuído numa lucidez transparente de todo. Jamais se expele a escuridão de tal modo que nada mais fique a descobrir. Não há verdade que não tenha futuro, pois que toda a verdade abre novas lacunas (Luijpen, 1973, p. 148).

À procura das essências andamos em círculos, em que a cada volta que damos eliminamos um pouco mais a obscuridade e lançamos um pouco mais de luz sobre o fenômeno. Esse retorno sistemático aos mesmos fenômenos para maior aprofundamento da compreensão constitui o *círculo hermenêutico*.

A importância da linguagem

Na medida em que a Fenomenologia valoriza como essencial a presença do homem como experiência fundamental, considera o mundo vivido pelo sujeito a origem de todo o conhecimento, e entende que as realidades se constroem de acordo com os diferentes pontos de vista e interrogações dos sujeitos. Ela também destaca a importância central da linguagem, não só como forma de expressar essas diferentes percepções dos fenômenos e de explicitação dos mundos construídos, como, e mais ainda, considera que a linguagem está intrinsecamente ligada à construção da realidade do sujeito.

A Fenomenologia proclama o retorno às coisas mesmas, salienta o estudo dos fenômenos na forma como se manifestam ao sujeito, enfatizando a experiência original, o mundo vivido. Por isso ela, necessariamente, precisa valer-se da linguagem, posto que é por seu intermédio que o sentido surge e se manifesta. Para a Fenomenologia, entretanto, como nos ensina Resweber (1979), introduzindo-nos ao pensamento de Heidegger, a linguagem é mais do que um instrumento de comunicação, uma vez que a palavra está embebida da luz do ser, tendo ela o poder de traduzir a essência do ser. Não há pensamento sem palavras. A interioridade do pensamento e a exterioridade da palavra constituem uma unidade em que não é possível determinar um precedente. Constituem um único plano o percebido e o falado, dado que os objetos só adquirem sua significação pela linguagem.

O ser reside na linguagem. Esta é a sua casa. Investigar a linguagem é, portanto, investigar o próprio ser, tendo a fala o poder efetivo de traduzir a essência do ser e dos fenômenos. Por essa razão a pesquisa fenomenológica vale-se essencialmente das manifestações orais e escritas dos sujeitos. É da análise destas que a pesquisa fenomenológica extrai as essências dos fenômenos investigados.

Duarte Júnior expressa em outras palavras a estreita relação entre o mundo humano e a linguagem:

> O ser humano move-se num mundo essencialmente simbólico, sendo os símbolos lingüísticos os preponderantes e básicos na edificação deste mundo, na construção da realidade. Como afirmou o filósofo Ludwig Wittgenstein, os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo. Ou seja, o mundo para mim circunscreve-se àquilo que pode ser captado por minha consciência e minha consciência apreende as coisas através da linguagem que emprego e que ordena a minha realidade (1984, p. 27).

Com isso podemos começar a compreender o porquê da ênfase que a Fenomenologia põe na linguagem. Se ela procura as essências dos fenômenos a partir das vivências das pessoas e se estas estão limitadas e ordenadas pela linguagem, então a investigação fenomenológica deve principiar com a manifestação oral ou escrita dos sujeitos.

Investigação fenomenológica

A pesquisa fenomenológica visa à compreensão. Esta só pode ser atingida de forma gradual e nunca definitiva. A investigação fenomenológica consiste num retorno permanente aos mesmos fenômenos para um aprofundamento cada vez maior.

O método na investigação fenomenológica não pode ser entendido como uma sequência de passos, como um procedimento canônico. Há um método em Fenomenologia, mas num outro sentido. Corresponde a um caminho a ser trilhado. Não é, entretanto, um caminho suave, nem contínuo ou linear. Tampouco esse método confere a certeza de conduzir a um objetivo predeterminado. Fazer pesquisa numa abordagem fenomenológica consiste em delinear o caminho durante a caminhada, em saber conviver com a insegurança de uma pesquisa aberta para modificações no próprio curso de sua realização.

No seu esforço de chegar às essências e conseguir explicitar cada vez melhor as camadas de sentido mais originárias, como expõem Martins e Bicudo (1983), a pesquisa fenomenológica enfrenta um paradoxo. Para atingir novos níveis de compreensão, é preciso ter compreensão global inicial de determinada camada. Assim, ao mesmo tempo que a Fenomenologia foge dos pressupostos em sua investigação dos fenômenos, necessita, entretanto, de uma idéia geral em relação ao que olhar e a como olhar o fenômeno. O círculo hermenêutico propicia o desvelamento gradual e progressivo de novas camadas veladas, conduzindo a uma compreensão cada vez mais aprofundada do fenômeno.

Em sua essência pode-se descrever três momentos da investigação fenomenológica. O primeiro consiste num olhar atento para o fenômeno, procurando percebê-lo em sua totalidade. Nesse momento procura-se vislumbrar alguma luz que o ser lança, a partir de sua presença, sobre o que ainda se apresenta velado. O segundo momento resume-se a descrever o fenômeno sob investigação, sem, entretanto, deixar-se levar pelas crenças e preconceitos. E descrevê-lo à luz da redução fenomenológica. Por fim, o último momento consiste em um mergulho nos aspectos essenciais do fenômeno. Tudo isso ocorre e se repete em ciclos ou círculos, que cada vez lançam mais luz sobre o fenômeno, desvelando, gradualmente, o que se encontra velado e ampliando o campo de atuação do ser. O movimento da compreensão é circular.

A investigação fenomenológica fundamenta-se em um método que se utiliza essencialmente da *intuição*, da *reflexão* e da *descrição*. A intuição é a fase inicial da pesquisa, em que há uma imersão no que é dado à consciência, uma tentativa de perceber o fenômeno por meio da redução fenomenológica. É um esforço de captar o fenômeno puro, tal qual se manifesta ao sujeito sem a interferência de pressupostos, teorias ou crenças. A reflexão é o momento de procura das essências. Opera à luz da redução eidética em que, procurando-se eliminar todos os aspectos não essenciais ao fenômeno investigado, procura-se chegar às essências. Com isso chega-se ao processo de descrição, quando, a partir da intuição e da reflexão, faz-se a explicitação do fenômeno tal como se manifesta à consciência, enfatizando principalmente sua essência.

> O aspecto mais radical do método fenomenológico se manifesta na vontade de explicitar constantemente as camadas de sentido mais originárias, as essências mais escondidas; a fenomenologia torna-se assim hermenêutica, ciência da interpretação (Bruyne et al., 1977, p. 97).

A Fenomenologia e a pesquisa realizada

Ao concluir essa sucinta introdução ao ver e à investigação fenomenológica, é preciso que volte a salientar que o caminho filosófico foi percorrido simultaneamente ao metodológico. Ainda que a decisão sobre a utilização da abordagem fenomenológica implicasse um conhecimento prévio sobre ela, não houve um preparo teórico, uma fundamentação abrangente em Fenomenologia para depois ocorrer a pesquisa. A consciência filosófica desenvolveu-se juntamente com o exame dos fenômenos e como consequência da imersão nestes.

Isto, de certo modo, era inevitável, pois como afirma Merleau-Ponty, *a Fenomenologia é apenas acessível a um método fenomenológico* (1975, p. 8).

O fato de em Fenomenologia ser impossível adotar uma linha de ação-predeterminada, fundamentada na forma de fazer Fenomenologia de determinado autor, fez com que ao longo do trabalho houvesse uma aproximação de diferentes correntes fenomenológicas. Passando evidentemente por Husserl (1965, 1970, 1987) e Merleau-Ponty (1975, 1984), aproximação feita em parte por meio dos trabalhos de Giorgi (1973, 1985, 1986), não deixou de haver um momento de estudos de Sartre (1972, 1979) e do existencialismo. Também a evolução do trabalho levou a algumas incursões em Heidegger (1987, 1989), especialmente pela obra de Stein (1983, 1988). Além disso, não é possível deixar de mencionar uma leitura que acompanhou todo este trabalho, que foi a *Introdução à Fenomenologia Existencial*, de Luijpen (1973).

Ao tentar refazer o caminho percorrido percebo com clareza que tudo constituiu-se sempre num projeto, um núcleo de pensamento e de procedimentos, um caminho que tinha algo em comum a toda a pesquisa fenomenológica, mas também algo específico. Foi necessário construir o próprio método, o próprio caminho, o que foi feito em sucessivas aproximações, redirecionando-se o caminho à medida que se avançava. Como afirma Paviani (1990), a Fenomenologia não tem certeza de seu ponto de chegada, não por ignorância ou falta de perspectiva, mas por ser uma de suas características mais importantes seu *inevitável inacabamento*.

Ainda é preciso salientar que a construção dessa forma de investigar a realidade não levou apenas a fundamentar filosófica e epistemologicamente um método de pesquisa, como também que esse caminhar fenomenológico reflete-se em toda a investigação. A interpretação das informações coletadas, assim como a teorização daí resultante, foram diretamente afetadas pela abordagem fenomenológica. Houve uma interação dialética entre método e objeto ao longo de toda a pesquisa.

Capítulo 1

UMA TEMPESTADE DE LUZ: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva[1]

Pesquisas qualitativas têm se utilizado cada vez mais de análises textuais. Seja partindo de textos existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e observações, a pesquisa qualitativa pretende chegar a interpretar os fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação. A ATD, inserida no movimento da pesquisa qualitativa não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os temas investigados.

Examina-se a Análise Textual Discursiva organizando argumentos em torno de quatro focos. Os três primeiros compõem um ciclo, no qual se constituem como elementos principais:

1 - *Desmontagem dos textos*: também denominado de processo de unitarização, implica examinar os textos em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de produzir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados.

[1] Versão anterior deste texto publicado em: Moraes, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Ciência e Educação, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

2 – *Estabelecimento de relações*: este processo denominado de categorização envolve construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as, reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos que congregam elementos próximos, resultando daí sistemas de categorias.

3 – *Captação do novo emergente*: a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada nos dois focos anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa compreensão, assim como de sua crítica e validação, constituem o último elemento do ciclo de análise proposto. O metatexto resultante desse processo representa um esforço de explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores.

A exposição segue com foco no ciclo como um todo, aproximando-o de sistemas complexos e auto-organizados:

4 – *Um processo auto-organizado*: o ciclo de análise, ainda que composto de elementos racionalizados e em certa medida planejados, em seu todo pode ser compreendido como um processo auto-organizado do qual emergem as compreensões. Os resultados finais, criativos e originais, não podem ser previstos. Mesmo assim é essencial o esforço de preparação e impregnação para que a emergência possa concretizar-se.

Ao longo da apresentação e discussão desses elementos, pretende-se defender o argumento de que a análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que os entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do "corpus", a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. Esse processo em seu todo é comparado a uma tempestade de luz. Consiste em criar as

condições de formação dessa tempestade em que, emergindo do meio caótico e desordenado, formam-se *flashes* fugazes de raios de luz sobre os fenômenos investigados, que, por meio de um esforço de comunicação intenso, possibilitam expressar as compreensões alcançadas ao longo da análise. Nesse processo a escrita desempenha duas funções complementares: de participação na produção das compreensões e de sua comunicação cada vez mais válida e consistente.

Desmontagem dos Textos: desconstrução e unitarização

O primeiro elemento do ciclo de análise é a desmontagem dos textos. Ao examinar esse elemento, faz-se, em primeiro lugar, uma incursão sobre o significado da leitura e sobre os diversificados sentidos que esta permite construir a partir de um mesmo texto. Daí nos movemos para tratar do *corpus* da análise textual, discursiva, a partir disso, o cerne desse primeiro elemento da análise, que é a desconstrução e unitarização dos textos do *corpus*. Conclui-se esta discussão com o destaque à importância de um envolvimento e impregnação aprofundados com os materiais analisados, condição de possibilidade para a emergência de compreensões dos fenômenos investigados.

Leitura e significação

Ao iniciar uma discussão de análise qualitativa, precisa-se ter presente a relação entre leitura e interpretação. Se um texto pode ser considerado objetivo em seus significantes, não o é nunca em seus significados e sentidos. Todo texto possibilita uma multiplicidade de leituras; leituras essas relacionadas com as intenções dos autores, com os referenciais teóricos dos leitores e com os campos semânticos em que se inserem.

A Análise Textual Discursiva opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos. Os materiais textuais constituem significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados.

Na perspectiva do presente trabalho, a análise textual propõe-se a descrever e interpretar sentidos que a leitura de um conjunto de textos pode suscitar. Sempre parte do pressuposto de que toda leitura é uma interpretação e que não existe uma leitura única e objetiva. Ainda que, seguidamente, dentro de determinados grupos, possam ocorrer interpretações semelhantes, um texto sempre possibilita construir múltiplas interpretações.

O ciclo da Análise Textual Discursiva aqui focalizado é um exercício de produzir e expressar sentidos. Os textos são assumidos como significantes em relação aos quais é possível exprimir sentidos simbólicos. Pretende-se, assim, construir compreensões a partir de um conjunto de textos, analisando-os e expressando a partir da análise os sentidos e significados possíveis. Os resultados obtidos dependem tanto dos autores dos textos quanto do pesquisador.

A polissemia que está implícita em qualquer texto pode dar origem a diferentes tipos de leituras. Algumas leituras e interpretações podem ser compartilhadas, com relativa facilidade, entre diferentes leitores. É o que se denomina de leituras do manifesto ou do explícito. Corresponde ao denotativo. Em contrapartida, denomina-se leitura do latente ou implícito aquele tipo de interpretação mais exigente e aprofundada, não compartilhada tão facilmente por diferentes leitores. Pode-se denominar este segundo nível de conotativo (Hall, 1997). Tanto uma como outra forma de leitura, entretanto, constituem interpretações que os leitores fazem a partir de seus conhecimentos e teorias, dos discursos em que se inserem. Uma delas, segundo Olabuenaga e Ispizua (1989), é uma leitura mais direta do sentido manifesto; a outra é uma leitura mais aprofundada do sentido latente.

Outro aspecto que merece ser destacado em relação às leituras de textos é o exercício de uma atitude fenomenológica. Esta requer um esforço de colocar entre parênteses as próprias ideias e teorias e exercitar uma leitura a partir da perspectiva do outro. Isso é especialmente recomendado em pesquisas de cunho etnográfico e fenomenológico, em que é importante valorizar a perspectiva dos sujeitos investigados, mesmo sabendo que é impossível alcançar a compreensão do que o autor quis dizer.

A multiplicidade de significados possíveis de construir a partir de um mesmo conjunto de significantes tem sua origem nos diferentes pressupostos teóricos que cada leitor adota em suas leituras.

Toda leitura é feita a partir de alguma perspectiva teórica, seja esta consciente ou não. Ainda que se possa admitir o esforço em pôr entre parênteses essas teorias, qualquer leitura implica ou exige algum tipo de teoria para se concretizar. É impossível interpretar sem teoria; é impossível ler e interpretar sem ela. Diferentes teorias possibilitam diferentes sentidos de um texto. Como as interpretações das teorias podem sempre se modificar, um mesmo texto sempre pode dar origem a sentidos diversos.

Se as teorias estão presentes em qualquer leitura, também o estarão nas diferentes etapas da análise. Essas teorias podem ser implícitas ou explícitas. O conhecimento das teorias que fundamentam uma pesquisa pode facilitar o processo da Análise Textual Discursiva. Isso, entretanto, não é uma exigência, uma vez que o pesquisador também pode ter pretensões de construir teorias a partir do material analisado. Não significa que nesse caso não haja teorias orientadoras, mas o pesquisador exercita um esforço de construir novas teorias a partir de elementos teóricos dos interlocutores empíricos, manifestados por meio dos textos que analisa. É o que diferentes autores denominam teorias emergentes da análise (Lincoln; Guba, 1985; Olabuenaga; Izpizua, 1989; Laville; Dionne, 1999). O processo

analítico, quando não há uma teoria "a priori", é geralmente mais desafiador, posto que nesse caso é mais incerto e inseguro, exigindo definir o caminho enquanto o processo avança.

Sintetizando o que se expressou até este ponto, entende-se que a análise textual discursiva parte de um conjunto de pressupostos em relação à leitura dos textos examinados. Os materiais analisados constituem um conjunto de significantes. O pesquisador atribui a eles significados a partir de seus conhecimentos, intenções e teorias. A emergência e comunicação desses sentidos e significados são os objetivos da análise.

"Corpus"[2]

A Análise Textual Discursiva concretiza-se a partir de um conjunto de documentos denominado *corpus*. Este representa as informações da pesquisa e para a obtenção de resultados válidos e confiáveis requer uma seleção e delimitação rigorosa. Seguidamente não se trabalha com todo o *corpus*.

O *corpus* da Análise Textual Discursiva, sua matéria-prima, é constituído essencialmente de produções textuais. Os textos são entendidos como produções linguísticas, referentes a determinado fenômeno e originadas em um determinado tempo e contexto. São vistos como produções que expressam discursos sobre diferentes fenômenos e que podem ser lidos, descritos e interpretados, correspondendo a uma multiplicidade de sentidos possíveis.

Embora ao longo do presente capítulo, geralmente, os textos tenham sido considerados no sentido de produções escritas, o termo deve ser entendido num sentido mais amplo, incluindo imagens e outras expressões linguísticas.

[2] Denominação retirada de Bardin (1977).

Os textos que compõem o *corpus* da análise podem tanto ser produzidos especialmente para a pesquisa quanto podem ser documentos existentes. No primeiro grupo integram-se transcrições de entrevistas, registros de observação, depoimentos produzidos por escrito, assim como anotações e diários diversos. O segundo grupo pode ser constituído de relatórios, publicações de variada natureza, tais como editoriais de jornais e revistas, resultados de avaliações, atas de diversos tipos, entre muitos outros documentos.

Costuma-se denominar o *corpus* textual da análise de dados. Assumindo, contudo, que todo dado se torna informação a partir de uma teoria, pode-se afirmar que "nada é realmente dado", mas tudo é construído. Os textos não carregam um significado a ser apenas identificado; trazem significantes exigindo que o leitor ou pesquisador construa significados a partir de suas teorias e pontos de vista. Isso requer que o pesquisador em seu trabalho se assuma como autor das interpretações construídas a partir dos textos analisados. Naturalmente nesse exercício hermenêutico de interpretação é preciso ter sempre em mente o outro polo, o autor do texto original.

Como se define e delimita o *corpus*? Geralmente uma pesquisa utilizando Análise Textual Discursiva exige que se produza um conjunto adequado de documentos a serem analisados. Quando os textos existem previamente, seleciona-se um conjunto capaz de produzir resultados válidos e representativos em relação aos fenômenos investigados. Quando os documentos são produzidos no processo da pesquisa, os textos podem ser selecionados de diversas formas, destacando-se a intencional, com definição da amplitude do "corpus" pelo critério de saturação. Entende-se que a saturação é atingida quando a introdução de novas informações na análise não produz modificações nos resultados. Isso, naturalmente, implica um processo concomitante de produção de informações e de análise.

Desse modo, dentro do processo de pesquisa, o investigador precisa definir e delimitar seu *corpus*. A partir daí pode dar início ao ciclo de análise, cujo primeiro passo é a desconstrução dos textos.

Desconstrução e unitarização

Uma vez de posse do conjunto de textos a serem analisados, ou de uma parte deles, inicia-se o processo de análise propriamente dito. O primeiro passo é a desconstrução dos textos e sua unitarização.

A desconstrução e a unitarização do *corpus* consistem num processo de desmontagem ou desintegração dos textos, destacando seus elementos constituintes. Significa colocar o foco nos detalhes e nas partes componentes dos textos, um processo de decomposição requerido por qualquer análise. Com essa fragmentação ou desconstrução pretende-se conseguir perceber os sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores, ainda que se saiba que um limite final e absoluto nunca é atingido. É o próprio pesquisador quem decide em que medida fragmentará seus textos, podendo daí resultarem unidades de análise de maior ou menor amplitude.

Da desconstrução dos textos surgem as *unidades de análise*, aqui também denominadas unidades de significado ou de sentido. É importante que o pesquisador proceda as suas análises de modo que saiba em cada momento quais as unidades de contexto, geralmente os documentos, que deram origem a cada unidade de análise. Para isso utilizam-se códigos indicadores da origem de cada unidade. Uma das formas de codificação corresponde a atribuir inicialmente um número ou letra a cada documento do *corpus*. Um segundo número ou letra pode então ser atribuído a cada uma das unidades de análise construída a partir de cada texto. Assim, o texto 1 dará origem às unidades 1.1, 1.2, etc. O documento 2 originará as unidades 2.1, 2.2, etc., e assim sucessivamente.

As unidades de análise são sempre identificadas em função de um sentido pertinente aos propósitos da pesquisa. Podem ser definidas em função de critérios pragmáticos ou semânticos. Num outro sentido, sua definição pode partir tanto de categorias definidas "a priori", como de categorias emergentes. Quando se conhecem de antemão os grandes temas da análise, as categorias *a priori*, basta separar as unidades de acordo com esses temas ou categorias. Uma pesquisa, entretanto, também pode pretender construir as categorias, a partir da análise. Nesse caso as unidades de análise são elaboradas com base nos conhecimentos tácitos do pesquisador, sempre em consonância com os objetivos da sua pesquisa.

Em qualquer das formas o processo de construção de unidades é um movimento gradativo de explicitação e refinamento de unidades de base, em que é essencial a capacidade de julgamento do pesquisador, sempre tendo em vista o projeto de pesquisa em que as análises se inserem. Pode-se fazer uma primeira tentativa de unitarização com parte do *corpus* apenas. A partir disso, decidem-se os critérios para a desconstrução dos textos. Feito isso, se estende o processo a todo o *corpus*.

A prática de unitarização tem demonstrado que esta pode ser concretizada em três momentos distintos (Moraes, 1999):

1 – fragmentação dos textos e codificação de cada unidade;

2 – reescrita de cada unidade de modo que assuma um significado, o mais completo possível em si mesma;

3 – atribuição de um nome ou título para cada unidade assim produzida.

A fragmentação dos textos é concretizada por uma ou mais leituras, identificando-se e codificando-se cada fragmento destacado resultando daí as unidades de análise. Cada unidade constitui u[illegible]
mento de significado pertinente ao fenômeno em análi[illegible]
como na fragmentação sempre se tende a descontextuali[illegible]

é importante reescrever as unidades de modo que expressem com clareza os sentidos construídos a partir do contexto de sua produção. Isso implica incluir alguns elementos de unidades anteriores ou posteriores dentro da sequência do texto original. Isso se faz necessário porque as unidades, quando levadas à categorização, estarão isoladas e é importante que seu sentido seja claro e fiel aos textos dos sujeitos da pesquisa. Finalmente, para facilitar outro elemento importante da análise – a categorização – é interessante atribuir a cada unidade de análise um título, o qual deve apresentar a ideia central da unidade.

É importante salientar que o processo da unitarização não necessita se prender exclusivamente ao que está expresso nos textos num sentido mais explícito. Podem ser construídas unidades que se afastam mais do imediatamente expresso, correspondendo a interpretações do pesquisador que atingem sentidos implícitos dos textos.

Assim o primeiro passo do ciclo de Análise Textual Discursiva revela-se em um momento de intenso contato e impregnação com o material da análise, envolvimento que é condição para a emergência de novas compreensões. O processo necessita ser reinventado em cada pesquisa. Nesse sentido, mesmo que os passos possam transformar-se, especialmente a partir de uma vivência mais prolongada do pesquisador com a metodologia, é importante compreender que no momento da análise é importante atingir um profundo envolvimento com os materiais submetidos à análise.

Envolvimento e impregnação

A Análise Textual Discursiva, voltada à produção de compreensões aprofundadas e criativas, requer um envolvimento intenso com as informações do *corpus*. Exige uma impregnação aprofundada com os elementos do processo analítico. Somente essa impregnação possibilita uma leitura pertinente dos documentos analisados.

A impregnação persistente nas informações dos documentos do *corpus* passa por um processo de desorganização e desconstrução, antes que se possa atingir novas compreensões. É preciso desestabilizar a ordem estabelecida, desorganizando o conhecimento existente. Tendo como referência as ideias dos sistemas complexos, esse processo consiste em levar o sistema semântico ao limite do caos. A unitarização é um processo que produz desordem a partir de um conjunto de textos ordenados. Torna caótico o que era ordenado. Nesse espaço uma nova ordem pode constituir-se à custa da desordem. O estabelecimento de relações entre os elementos unitários de base possibilita a construção de uma nova ordem, e novas compreensões em relação aos fenômenos investigados.

Fazer uma análise rigorosa constitui um exercício de ir além de uma leitura superficial, possibilitando construção de teorias a partir de um conjunto de informações sobre determinados fenômenos.

Exercitar uma leitura aprofundada significa explorar uma diversidade de significados que podem ser construídos a partir de um conjunto de significantes. É ainda explorar significados em diferentes perspectivas, a partir de diferentes focos de análise. Essa diversidade de sentidos que podem ser construídos a partir de um conjunto de textos, está estreitamente ligada às teorias que os leitores empregam em suas interpretações textuais. Por mais sentidos que se consiga mostrar, sempre haverá outros.

É preciso salientar que este processo de análise, iniciado com a unitarização dos textos, é uma atividade exigente e trabalhosa.

Na análise exige-se uma leitura cuidadosa, aprofundada e pormenorizada dos materiais do *corpus*, garantindo-se no mesmo movimento a separação e o isolamento de cada fração significativa. Este trabalho pode ser entendido como levar o sistema ao limite do caos. A partir disso criam-se as condições para a emergência de interpretações criativas e originais, produzidas a partir da capacidade do pesquisador

de estabelecer e identificar relações entre as partes e o todo, tendo como base uma intensa impregnação no material de análise. O raio de uma tempestade só é possibilitado pela formação de um sistema conturbado de nuvens em permanente agitação e movimento. A desordem é condição para a formação de novas ordens. Novas compreensões dos fenômenos investigados são possibilitadas por uma desorganização dos materiais de análise, permitindo ao mesmo tempo uma impregnação intensa com os fenômenos investigados.

Estabelecimento de Relações: o processo de categorização

O segundo momento do ciclo de análise consiste na categorização das unidades anteriormente construídas, aspecto central de uma análise textual discursiva. Nesta parte do texto discutem-se categorias, seus modos de produção, tipos e propriedades. A partir disso, pretende-se mostrar como este processo se insere na construção de compreensões em relação aos fenômenos investigados, processo este de auto-organização. As categorias são constituintes da compreensão que emerge do processo analítico.

Processo de categorização

A categorização é um processo de comparação constante entre as unidades definidas no momento inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes. Conjuntos de elementos de significação próximos constituem as categorias.

A categorização, além de reunir elementos semelhantes, também implica nomear e definir as categorias, cada vez com maior precisão, na medida em que vão sendo construídas. Essa explicitação

se dá por meio do retorno cíclico aos mesmos elementos, no sentido da construção gradativa do significado de cada categoria. Nesse processo, as categorias vão sendo aperfeiçoadas e delimitadas.

No processo de categorização podem ser construídos diferentes níveis de categorias. Em alguns casos, elas assumem as denominações de iniciais, intermediárias e finais, constituindo, cada um dos grupos, na ordem apresentada, categorias mais abrangentes e em menor número.

No seu conjunto, as categorias constituem os elementos de organização do metatexto que se pretende escrever. É a partir delas que se produzirão as descrições e interpretações que comporão o exercício de expressar as novas compreensões possibilitadas pela análise.

Como o pesquisador pode chegar às categorias?

As categorias na Análise Textual Discursiva podem ser produzidas por intermédio de diferentes métodos. Cada método apresenta produtos que se caracterizam por diferentes propriedades. Por outro lado, também traz implícitos os pressupostos que fundamentam a respectiva análise.

O método dedutivo, um movimento do geral para o particular, implica construir categorias antes mesmo de examinar o "corpus". As categorias são deduzidas das teorias que servem de fundamento para a pesquisa. São "caixas" (Bardin, 1977) nas quais as unidades de análise serão colocadas ou organizadas. Esses agrupamentos constituem as categorias *a priori*.

No método indutivo implica produzir as categorias a partir das unidades de análise construídas desde o *corpus*. Por um processo de comparar e contrastar constante entre as unidades de análise, o pesquisador organiza conjuntos de elementos semelhantes, geralmente com base em seu conhecimento tácito, conforme descrevem Lincoln e Guba (1985). Este é um processo indutivo, de caminhar do particular ao geral, resultando no que se denomina de categorias emergentes.

Os dois métodos, dedutivo e indutivo, também podem ser combinados num processo misto de análise pelo qual, partindo de categorias definidas "a priori" com base em teorias escolhidas previamente, o pesquisador encaminha transformações gradativas no conjunto inicial de categorias, a partir do exame das informações do *corpus* de análise. Nesse processo, segundo Laville e Dionne (1999), a indução auxilia a aperfeiçoar um conjunto prévio de categorias produzidas por dedução.

É possível ainda descrever um terceiro método de produção de categorias, denominado intuitivo. Chegar a um conjunto de categorias por meio da intuição exige integrar-se num processo de auto-organização em que, a partir de um conjunto complexo de elementos de partida, emerge uma nova ordem. O processo intuitivo pretende superar a racionalidade linear que está implícita tanto no método dedutivo quanto no indutivo e defende que as categorias tenham sentido a partir do fenômeno focalizado como um todo. As categorias produzidas por intuição originam-se de inspirações repentinas, *insights* que se apresentam ao pesquisador a partir de uma intensa impregnação nos dados relacionados aos fenômenos. Representam aprendizagens auto-organizadas que são possibilitadas ao pesquisador com base em seu envolvimento intenso com o fenômeno investigado.

De algum modo, tanto o método dedutivo quanto o indutivo requerem em algum grau a intuição. Somente dessa forma as categorias construídas terão criatividade, possibilitando novas compreensões em relação aos fenômenos investigados. Quando produzidas nesse contexto, porém, as intuições parecem ter um sentido mais limitado, ocorrendo no interior da linearidade da indução ou dedução, despontando dentro da racionalidade que orienta essas abordagens.

Ainda que essas relações seguidamente fiquem implícitas, a escolha de métodos para a categorização sempre trará junto com ela um conjunto de pressupostos teóricos e paradigmáticos. Enquanto,

por exemplo, a dedução implica, geralmente, a procura de objetividade, verificabilidade e quantificação, a opção pela indução e intuição traz dentro de si a subjetividade, o foco na qualidade, a ideia de construção, a abertura ao novo. A primeira opção seguidamente carrega pressupostos do paradigma dominante de ciência, enquanto a segunda pode ser relacionada com o paradigma emergente (Souza Santos, 1996). Certamente não é possível fazer aqui uma classificação rígida em relação ao emprego dos métodos descritos, mas cabe um alerta para que o pesquisador esteja atento ao que implicam as opções que faz em cada caso.

A descrição anterior dos métodos de categorização mostra que a análise textual qualitativa pode utilizar na sua construção de novas compreensões dois tipos de categorias: categorias *a priori* e categorias emergentes. As primeiras correspondem a construções que o pesquisador elabora antes de realizar a análise propriamente dita. Provêm das teorias em que fundamenta o trabalho e são obtidas por métodos dedutivos. Já as categorias emergentes são construções teóricas que o pesquisador elabora a partir do *corpus*. Sua produção é associada aos métodos indutivos e intuitivos. Conforme já proposto, uma terceira alternativa constitui um modelo misto de categorias, no qual o pesquisador parte de um conjunto de categorias definido *a priori*, complementando-as ou reorganizando-as a partir da análise.

Todos esses tipos de categorias podem ser válidos. O importante no processo não é sua forma de produção, mas as possibilidades de o conjunto de categorias construído propiciar uma compreensão aprofundada dos textos-base da análise e, em consequência, dos fenômenos investigados. Isso, pelo menos em parte, é função das propriedades das categorias construídas.

Propriedades das categorias

A caracterização da Análise Textual Discursiva pode ser feita a partir das propriedades que se exigem para as categorias. Ao examinarem a questão das propriedades das categorias, não há necessariamente uma uniformidade entre diferentes autores. Especialmente em alguns aspectos o encaminhamento das análises pode levar a produtos bem-diversificados. Nem todas as formas de conduzir as análises são idênticas em seus pressupostos.

Uma das propriedades em relação à qual certamente não há maiores divergências é a questão da validade ou pertinência das categorias. Categorias de análise necessitam ser válidas ou pertinentes no que se refere aos objetivos e ao objeto da análise. Um conjunto de categorias é válido quando é capaz de propiciar uma nova compreensão sobre os fenômenos pesquisados. Quando um conjunto de categorias é válido, os sujeitos autores dos textos analisados precisam perceber nestas categorias seus entendimentos sobre os fenômenos.

Outra propriedade desejável em conjuntos de categorias é a homogeneidade. As categorias necessitam ser homogêneas, ou seja, precisam ser construídas a partir de um mesmo princípio, a partir de um mesmo contínuo conceitual. Evidentemente é possível construir dois conjuntos de categorias complementares em que cada um deles tem um princípio classificatório diferente. Evidentemente, a complexidade das categorias e subcategorias tem relação com os materiais analisados, assim como com as capacidades do pesquisador em perceber e construir diferentes estruturas de classificação. Cada conjunto de categorias, todavia, sejam gerais e amplas, sejam subcategorias mais específicas, necessita ser homogêneo.

Algumas modalidades de pesquisa que adotam a categorização exigem que esta atenda à propriedade de exclusão mútua. Na análise textual discursiva entende-se que esse critério não se sustenta diante das múltiplas leituras de um texto. Uma mesma unidade pode ser lida

de diferentes perspectivas, resultando em múltiplos sentidos, dependendo do foco ou da perspectiva em que seja examinada. Por essa razão, aceita-se que uma mesma unidade possa ser classificada em mais de uma categoria, ainda que com sentidos diferentes. Isso representa um movimento no sentido da superação da fragmentação, em direção a descrições e compreensões mais holísticas e globalizadas.

Cabe, no entanto, um alerta em relação à necessidade de o pesquisador explicitar seus pressupostos de análise, a fim de que os leitores não sejam confundidos. Uma das questões que o pesquisador precisa ter presente na condução de suas análises é o modo como lida com a fragmentação, uma limitação necessariamente presente em algum grau em qualquer análise, haja vista que analisar sempre é decompor.

A proposta de analisar textos por meio da categorização dos sentidos, superando a regra da exclusão mútua, representa um esforço no sentido da fuga da fragmentação e do reducionismo, características de algumas modalidades de análise qualitativa. O que se propõe na análise textual discursiva é utilizar as categorias como modos de focalizar o todo por meio das partes. Cada categoria consiste em uma perspectiva diferente de exame de um fenômeno, ainda que se possa analisá-lo de uma forma holística. Isso constitui um exercício de superação do reducionismo que o exame das partes sem referência permanente ao todo representa. O desafio é exercitar um diálogo entre o todo e as partes, ainda que dentro dos limites impostos pela linguagem, especialmente na sua formalização em produções escritas.

Categorização e teorias

Retoma-se aqui uma questão fundamental na condução de um processo de Análise Textual Discursiva, já abordada anteriormente quando tratou-se sobre a unitarização: É o papel da teoria no processo da categorização.

Toda categorização implica teoria. O conjunto de categorias é construído a partir desse referencial de abstração que o suporta. Esse olhar teórico pode estar explícito ou não, ainda que seja desejável sua explicitação. O modo de conceber as teorias em relação à pesquisa e à categorização das informações origina diferentes tipos de categorias.

Conforme já discutido, quando as teorias são definidas e assumidas *a priori*, classificando-se os materiais textuais com base em teorias escolhidas com antecedência, as categorias construídas são denominadas *a priori*. São "caixas" em que os dados serão colocados.

Quando o pesquisador examina o *corpus* com base em seus conhecimentos tácitos ou teorias implícitas, não assumindo conscientemente nenhuma teoria específica *a priori*, as categorias resultantes da análise são denominadas emergentes. Entende-se que, nesse caso, não é que não existam teorias orientadoras, mas que estas não são conhecidas e assumidas pelo pesquisador de forma consciente. Estão de algum modo implicadas nas informações analisadas e no próprio conhecimento do pesquisador, e o papel deste é explicitá-las, porém não devem ser entendidas como estando prontas. Requerem um esforço construtivo do pesquisador, e desse processo podem resultar diversas estruturas teóricas, dependendo dos conhecimentos de quem pesquisa.

Assim como na identificação das unidades de análise os significados não são dados a serem extraídos dos textos, também as categorias não são encontradas prontas nos textos analisados. Categorias constituem conceitos abrangentes que possibilitam compreender os fenômenos que precisam ser construídos pelo pesquisador. Da mesma forma como há muitos sentidos em um texto, sempre é possível construir vários conjuntos de categorias a partir de um mesmo conjunto de informações. Cada conjunto terá possibilidade de mostrar alguns dos sentidos que o *corpus* permite construir. As categorias não são dadas, mas requerem um esforço construtivo intenso e rigoroso de parte do pesquisador até sua explicitação clara e convincente. Esse esforço não envolve apenas

caracterizar as categorias, mas também estabelecer relações entre os elementos que as compõem, talvez produzir subcategorias, assim como construir relações entre as várias categorias emergentes da análise. Esse é um momento em que o pesquisador necessita assumir sua função de autor de seus próprios argumentos.

Produção de argumentos em torno das categorias

O processo de categorização pode tanto ir de um conjunto de categorias gerais para conjuntos de subcategorias mais específicas quanto no sentido inverso. O primeiro movimento está mais diretamente associado às categorias *a priori*. O segundo, às categorias emergentes. Independentemente do processo assumido, no entanto, o pesquisador também deve desafiar-se, na medida em que avança na explicitação de seu sistema de categorias, a expressar em forma de argumentos seus principais *insights* em relação às categorias que vai construindo. No que respeita às grandes categorias é importante que consiga expressar um argumento que aglutine e sintetize as subcategorias que as formam e, assim, as unidades de análise que as constituem. Esse processo de produção de argumentos aglutinadores pode também ser aplicado desde os níveis menores de classificação até aquele que o pesquisador entenda adequado.

Uma vez que as categorias estejam definidas e expressas descritivamente a partir dos elementos que as constituem, inicia-se um processo de explicitação de relações entre elas no sentido da construção da estrutura de um metatexto. Nesse movimento, o pesquisador, a partir dos argumentos parciais de cada categoria, exercita a explicitação de um argumento aglutinador do todo. Este é então empregado para costurar as diferentes categorias entre si, na expressão da compreensão do todo. Este processo é por natureza recursivo,

exigindo uma crítica permanente dos produtos parciais no sentido de uma explicitação cada vez mais completa e rigorosa de significados construídos e da compreensão atingida.

A produção de hipóteses de trabalho e de argumentos para defendê-las constitui um dos elementos da Análise Textual Discursiva. Em vez de defesas com números, característica de abordagens quantitativas, nas abordagens qualitativas é preciso fazê-la com argumentos.

Realizar pesquisas utilizando a Análise Textual Discursiva implica assumir uma atitude fenomenológica, ou seja, deixar que os fenômenos se manifestem, sem impor-lhes direcionamentos. É ficar atento às perspectivas dos participantes. Essa abordagem valoriza argumentos qualitativos, movendo-se do verdadeiro para o verossímil, daquilo que é provado por argumentos fundamentados na lógica formal para o que é fundamentado por meio de uma argumentação dialética rigorosa.

Na medida em que se concretiza esse deslocamento, o pesquisador move-se da quantidade para a qualidade, da explicação causal para a compreensão globalizada. Pesquisar e teorizar passam a significar construir compreensão, compreender esse nunca completo, mas atingido por meio de um processo recursivo de explicitação de inter-relações recíprocas entre categorias, superando a causalidade linear e possibilitando uma aproximação de entendimentos mais complexos. Essa atitude implica valorizar a desordem e o caos como um momento necessário e importante para atingir uma compreensão aprofundada dos fenômenos. Isso só pode ser atingido por meio de movimentos hermenêuticos em espiral, em que a cada retomada do fenômeno é possibilitada uma compreensão mais radical e aprofundada. Na tempestade sempre há muita luz. A paisagem em sua totalidade não pode ser captada num único relâmpago. A compreensão necessita ser produzida a partir de múltiplos movimentos.

Na perspectiva assumida na presente discussão, por trás da construção de uma nova compreensão a partir de um conjunto de textos, está um processo de auto-organização. Esse processo, mesmo

que não seja racional e que não se possa prever seus produtos, pode ser "ajudado" ou "facilitado" por meio do estabelecimento de relações e pontes entre as unidades de base. Na Análise Textual Discursiva isso é feito por meio da categorização. As categorias podem funcionar como pontes que possibilitam que a compreensão do fenômeno pesquisado se auto-organize (Kauffman, 1995).

Se no primeiro momento da análise textual se processa uma separação, isolamento e fragmentação de unidades de significado, na categorização, o segundo momento da análise, o trabalho dá-se no sentido inverso: estabelecer relações, reunir semelhantes, construir categorias. O primeiro é um movimento de desorganização e desmontagem, uma análise propriamente dita; o segundo é de produção de uma ordem, uma compreensão, uma síntese. A pretensão não é o retorno aos textos originais, mas a construção de um novo texto, um metatexto que tem sua origem nos textos originais, expressando a compreensão do pesquisador sobre os significados e sentidos construídos a partir deles.

Desde as gotículas de água e de suas cargas elétricas formando o mundo desordenado e caótico das nuvens de uma tempestade, podem emergir os raios de luz a iluminar todo o cenário. Assim também, a partir da desorganização dos textos submetidos à análise, podem surgir significados combinando os elementos de base, constituindo as categorias e suas diversificadas formas de combinação.

Captação do Novo Emergente: expressão das compreensões atingidas

A Análise Textual Discursiva visa à construção de metatextos analíticos que expressem os sentidos elaborados a partir de um conjunto de textos. A estrutura textual é construída por meio das categorias e subcategorias resultantes da análise. Os metatextos são

constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto, um modo de teorização sobre os fenômenos investigados. A qualidade dos textos resultantes das análises não depende apenas de sua validade e confiabilidade, mas é, também, consequência do fato de o pesquisador assumir-se autor de seus argumentos.

Construção do metatexto e sua estrutura textual

Diferentes tipos de textos podem ser produzidos por meio da Análise Textual Discursiva, com ênfases diversificadas em descrição e interpretação e procurando atingir diferentes objetivos de análise. Alguns textos serão mais descritivos, mantendo-se mais próximos do "corpus" analisado. Outros serão mais interpretativos, pretendendo um afastamento maior do material original num sentido de abstração e teorização mais aprofundado.

Em qualquer de suas formas, a produção escrita na análise textual discursiva caracteriza-se por sua permanente incompletude e pela necessidade de crítica constante. É parte de um conjunto de ciclos de pesquisa em que, por meio de um processo recursivo de explicitação de significados, pretende-se atingir uma compreensão cada vez mais profunda e comunicada com maior rigor e clareza. Desse modo, toda análise textual discursiva corresponde a um processo reiterativo de escrita em que, gradativamente, atingem-se produções mais qualificadas.

Todo o processo de Análise Textual Discursiva volta-se à produção do metatexto. A partir da unitarização e categorização constrói-se a estrutura básica do metatexto. Uma vez construídas as categorias, estabelecem-se pontes entre elas, investigam-se possíveis sequências em que poderiam ser organizadas, sempre no sentido de expressar com maior clareza as intuições e compreensões atingidas. Simultaneamente, o pesquisador pode ir produzindo textos parciais para as

diferentes categorias que, gradativamente, poderão ser integrados na estruturação do texto como um todo. A impregnação do pesquisador com o material analisado possibilitará a tomada de decisão sobre um encaminhamento adequado na construção desses metatextos.

Ao mesmo tempo em que se envolve na explicitação de suas compreensões iniciais e parciais referentes a cada uma das categorias de análise, o pesquisador pode desafiar-se a produzir "argumentos centralizadores" ou "teses parciais" para cada uma das categorias, ao mesmo tempo em que exercita a elaboração de um "argumento central" ou "tese" para sua análise como um todo. As teses parciais devem constituir argumentos capazes de construir a validação e defesa da tese principal. Criar esses argumentos aglutinadores não representa apenas uma das contribuições mais significativas e originais do pesquisador, como também estabelece as condições para a estruturação de um texto coerente e consistente. A tese geral servirá de elemento estruturador e organizador de todos os componentes do texto, permitindo não apenas fugir da excessiva fragmentação, mas também possibilitando ao pesquisador assumir-se efetivamente autor de seu texto.

Para a elaboração dessas "teses" ou "argumentos", seja para o metatexto como um todo, seja para cada uma das categorias ou partes do texto, o pesquisador precisa exercitar um estranhamento em relação aos materiais que analisa e dos produtos parciais produzidos, procurando examinar o fenômeno com um olhar abrangente. É nesse movimento de abstração que ele pode exercitar o esforço de sintetizar as compreensões atingidas por meio de argumentos aglutinadores, a "tese geral" do texto e as "teses secundárias" referentes a cada uma de suas partes. Chegar a esses argumentos novos e originais não é apenas um exercício de síntese. Constitui-se muito mais em momento de inspiração e intuição resultante da impregnação intensa no fenômeno investigado. Significa a essência da teorização do pesquisador sobre os fenômenos que investiga.

O que acaba-se de descrever mostra de alguma forma o corpo principal de um metatexto. A ele necessitam reunir-se uma introdução e um fechamento de qualidade. A introdução, vista como "dizer o que vem depois," e o fechamento, entendido como "dizer o que veio antes," são elementos para a construção de textos claros e de fácil leitura. O autor precisa preocupar-se em ajudar o leitor na compreensão de seu texto. Boas introduções e fechamentos, seja no texto como um todo, seja em cada uma de suas partes, dão garantias nesse sentido. Neles, um dos elementos principais podem ser as teses ou argumentos centralizadores. Evidentemente, em cada caso, esses elementos serão apresentados variando suas formas de exposição, de modo que a própria repetição se constitua em possibilidade de uma compreensão mais ampla para os leitores.

Esse processo não pode se dar em uma única vez. Requer um exercício e um esforço de retomada periódica das produções, seja em seu todo, seja em cada uma de suas partes, submetendo-as a críticas e reformulações. Só assim se conseguirá atingir produções com qualidade cada vez mais aprimorada. A produção textual, mais do que simplesmente um exercício de expor algo já perfeitamente dominado e compreendido, é uma oportunidade de aprender. É um processo vivo, um movimento de aprendizagem aprofundada sobre os fenômenos investigados. Combina duas faces de um mesmo movimento, o aprender e o comunicar.

Descrição e interpretação

Os exercícios de comunicação carregam junto teorias e visões de mundo. O ser humano se constitui na linguagem e não tem como sair dela para observar um fenômeno. Enxerga as coisas, percebe os fenômenos, lê textos, age sempre a partir de referenciais teóricos

constitutivos de domínios linguísticos, os nossos discursos. Por isso sempre esta interpretando. Não tem como sair da "prisão" da linguagem e dos discursos sociais. Necessita manifestar-se de dentro deles.

Seria, então, possível falar em descrição? Mesmo conscientes das dificuldades que isso representa, pretende-se dar aqui ao termo uma conotação específica. Entende-se a descrição como esforço de exposição de sentidos e significados em sua aproximação mais direta com os textos analisados. Descrever, nesse sentido, constitui-se num movimento de produção textual mais próximo do empírico, sem envolver um exercício interpretativo mais aprofundado. Desse modo, a descrição significa uma exposição de ideias de uma perspectiva próxima de uma leitura imediata, mesmo que cuidadosa e detalhada. Na medida em que o pesquisador se afasta dessa realidade mais imediata do texto, entretanto, está se envolvendo gradativamente mais num exercício interpretativo.

A descrição na análise textual qualitativa concretiza-se a partir das categorias construídas no decorrer da análise. Descrever é apresentar as categorias e subcategorias, fundamentando e validando essas descrições a partir de interlocuções empíricas ou ancoragem dos argumentos em informações retiradas dos textos. Uma descrição densa, recheada de citações dos textos analisados, sempre selecionadas com critério e perspicácia, é capaz de dar aos leitores uma imagem fiel dos fenômenos que descreve. Essa é uma das formas de sua validação.

O que seria então interpretação na Análise Textual Discursiva?

Coerente com os posicionamentos anteriores, afirma-se que toda leitura e toda Análise Textual Discursiva já são uma interpretação. Pretende-se, contudo, ampliar um pouco mais a discussão sobre interpretação. No contexto da Análise Textual Discursiva interpretar é construir novos sentidos e compreensões, afastando-se do imediato e exercitando uma abstração. Interpretar é um exercício de construir

e de expressar uma compreensão mais aprofundada, indo além da expressão de construções obtidas a partir dos textos e de um exercício meramente descritivo. Uma pesquisa de qualidade necessita atingir essa profundidade maior de interpretação.

Essa interpretação nada mais é que um exercício de teorização e pode se dar de diferentes formas. Um dos modos é a confrontação com teorias já existentes. O pesquisador, quando está interpretando os sentidos de um texto com base em um fundamento teórico escolhido "a priori", ou mesmo selecionado a partir das análises, exercita um conjunto de interlocuções teóricas com os autores mais representativos de seu referencial. Procura com isso ampliar a compreensão dos fenômenos que investiga, estabelecendo pontes entre os dados empíricos com que trabalha e suas teorias de base. Nesse movimento está também ampliando o campo teórico no qual se baseia.

Outra forma de interpretação é aquela em que, não tendo o pesquisador optado por um referencial teórico explícito de antemão, exercita uma abstração e teorização em relação aos fenômenos que estuda a partir do conjunto de categorias que construiu em sua análise e das relações entre elas. A própria estrutura de categorias e subcategorias constitui-se no arcabouço teórico emergente a partir do qual o pesquisador pode exercitar reflexões e interpretações cada vez mais afastadas do referencial empírico (Martínez, 1994).

Ainda que a segunda perspectiva de interpretação seja mais desafiadora, ambas as formas são válidas como modos de construção de novas compreensões e de expressão de sentidos intuídos nos fenômenos investigados. Também ambas carregam possibilidades de o investigador construir seus argumentos, suas teses. Isso será sua contribuição teórica dentro da pesquisa, contribuição sem a qual nenhum estudo tem sentido. Por isso, no momento interpretativo, é importante que o pesquisador se assuma como autor.

Produção textual, compreensão e teorização

A produção de um metatexto, combinando descrição e interpretação, uma das formas de caracterizar a análise textual discursiva, constitui-se num esforço para expressar intuições e entendimentos atingidos a partir da impregnação intensa com o *corpus* da análise. É, portanto, um esforço construtivo no intuito de ampliar a compreensão dos fenômenos investigados. É um movimento sempre inacabado de procura de mais sentidos, de aprofundamento gradativo da compreensão dos fenômenos. A construção dessa compreensão é um processo reiterativo em que, num movimento espiralado, retomam-se periodicamente os entendimentos já alcançados, sempre na perspectiva de procura de mais sentidos. O questionamento e a crítica estarão sempre presentes e impulsionam o processo, possibilitando reconstruir argumentos já formulados, submetendo-os novamente à crítica e à reconstrução. A validação das compreensões atingidas ocorre por interlocuções teóricas e empíricas, representando uma estreita relação entre teoria e prática. Nisso também se põe em movimento a teorização do pesquisador.

O interpretar constitui modo de teorização. Nesse movimento cíclico hermenêutico de procura de mais sentidos, tanto a teoria auxilia no exercício da interpretação, quanto a interpretação possibilita a construção de novas teorias.

Conforme salientado anteriormente, a teorização implica um movimento de afastamento do material empírico, um exercício de abstração e descontextualização em que se procura expressar compreensões que a análise possibilitou. A impregnação na análise possibilita *insights* criativos que, uma vez explicitados com clareza, constituem novas teorias sobre os fenômenos investigados.

O modo de teorização fenomenológico-hermenêutico é aquele que se propõe a construir novas teorias a partir do exame do material do *corpus*. O primeiro movimento de teorização nessa perspectiva é a

construção de uma estrutura de categorias expressando os principais elementos constituintes dos fenômenos estudados e suas relações. Nisso também se incluem os argumentos aglutinadores que o pesquisador produz na construção de seu texto. Num certo sentido, as teorias vão emergindo da análise do conjunto de textos, ainda que essa emergência necessite ser compreendida como um exercício construtivo gradativo e não como a descoberta de algo que já se encontra constituído no *corpus*.

O segundo modo de teorização é a ampliação de teorias já existentes. Pode estar associado ao tipo de análise que se utiliza de categorias *a priori*, ou seja, derivadas de alguma teoria. Teorizar, nessa perspectiva, é tornar mais complexas as categorias existentes e suas relações, significando nesse sentido uma ampliação e uma complementação de teorias já existentes.

Ambas as formas de teorização são válidas, ainda que o exercício de construção teórica a partir do conjunto de textos seja mais desafiador. Exige, entretanto, capacidade de conviver com o inacabado, com a insegurança de ter de construir a nova perspectiva compreensiva ao mesmo tempo em que se constrói o caminho para atingi-la.

Teorizar é um movimento produtivo do pesquisador. Como se manifesta sua autoria no processo?

Ao longo de toda a discussão anterior, enfatizou-se que os metatextos não devem ser entendidos como modos de expressar algo já existente nos textos, mas como construções do pesquisador com intenso envolvimento de sua parte. As descrições, as interpretações e as teorizações expressas como resultados da análise não se encontram nos textos para serem descobertas, mas constituem resultado de um esforço de construção intenso e rigoroso do pesquisador. Nessa perspectiva, o pesquisador não pode deixar de se assumir autor de seus textos.

Ainda que os metatextos produzidos necessitem ser submetidos a grupos de interlocutores para sua crítica e validação, expressam as compreensões e intuições do pesquisador e devem ser assumidos como tais. Necessitam, entretanto, estabelecer-se nos discursos sociais a que se referem, o que é propiciado pela sua publicação e crítica.

Construção de validade

Os produtos de uma análise textual discursiva devem ser válidos e confiáveis. Se submetidos a críticas dos autores dos textos originais do *corpus*, estes precisam sentir-se contemplados nos resultados apresentados.

A validade e a confiabilidade dos resultados de uma análise são construídas ao longo do processo. O rigor com que cada etapa da análise é conduzida é uma garantia delas. Assim, uma unitarização e categorização rigorosas encaminham metatextos válidos e representativos dos fenômenos investigados.

A propósito, também constrói-se validade a partir da ancoragem dos argumentos na realidade empírica, o que é conseguido pelo uso de "citações" de elementos extraídos dos textos do *corpus*. A inserção crítica de excertos bem-selecionados dos textos originais constitui uma forma de validação dos resultados das análises.

A validade de um metatexto também se funda na construção de uma qualidade formal num sentido mais amplo. O esforço em realizar análises cada vez mais significativas requer que o pesquisador procure superar uma descrição estática para conseguir captar a realidade em movimento. O desafio é ir de uma fotografia para um filme com seu movimento dinâmico, mesmo que este também se constitua em uma sequência de tomadas estáticas. Isso, evidentemente, tem relação com o modo como o pesquisador concebe a própria realidade. Assume-se aqui a aceitação de uma realidade entendida como dialética, em per-

manente movimento de superação. Captar essa dinâmica da realidade é conseguir compreender e descrever o movimento contraditório da realidade, em que novas teses emergem continuamente a partir do questionamento e superação de antigas teorias.

Captar esse movimento e expressá-lo é um permanente desafio. Diferentes modos de consegui-lo podem ser arquitetados, alguns mais próximos a uma fotografia, outros mais próximos a uma dinâmica de um filme e outros ainda procurando expressar a complexidade de sistemas integrados em múltiplas dimensões. Os objetivos do pesquisador em seu estudo é que indicarão o equilíbrio a ser atingido.

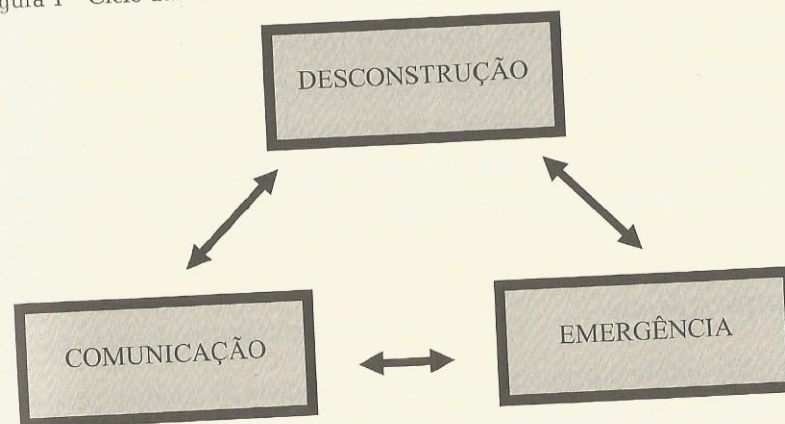
O objetivo da Análise Textual Discursiva é a produção de metatextos baseados nos textos do *corpus*. Esses metatextos, descritivos e interpretativos, mesmo sendo organizados a partir das unidades de significado e das categorias, não se constituem em simples montagens. Resultam de processos intuitivos e auto-organizados. A compreensão emerge, tal como em sistemas complexos, revelando-se muito mais do que uma soma de categorias. Dentro dessa perspectiva, um metatexto, mais do que apresentar as categorias construídas na análise, deve constituir-se a partir de algo importante que o pesquisador tem a dizer sobre o fenômeno que investigou, um argumento aglutinador construído a partir da impregnação com o fenômeno e que representa o elemento central da criação do pesquisador. Todo texto necessita ter algo importante a dizer e defender e deveria expressá-lo com o máximo de clareza e rigor.

Auto-organização: um processo de aprendizagem viva

A Análise Textual Discursiva, culminando numa produção de metatextos, pode ser descrita como um processo emergente de compreensão, que se inicia com um movimento de desconstrução,

em que os textos do *corpus* são fragmentados e desorganizados, seguindo-se um processo intuitivo auto-organizado de reconstrução, com emergência de novas compreensões que, então, necessitam ser comunicadas e validadas cada vez com maior clareza em forma de produções escritas. Esse conjunto de movimentos constitui um exercício de aprender em que se lança mão da desordem e do caos para possibilitar a emergência de formas novas e criativas de entender os fenômenos investigados.

O processo descrito pode ser entendido como um ciclo, representado na Figura 1:

Figura 1 – Ciclo da análise textual discursiva

A desconstrução: o movimento para o caos

O primeiro movimento do ciclo de análise é uma desconstrução de um conjunto de textos, as informações de pesquisa submetidas à análise. Essa desconstrução consiste na fragmentação das informações, desestruturando sua ordem, produzindo um conjunto desordenado e caótico de elementos unitários. Corresponde a mover o sistema para o limite do caos, espaço de criação original e de auto-organização. Entende-se esse movimento como um esforço de ope-

ração de modo inconsciente, preparando as condições para a intuição e a emergência de novas compreensões. Conforme Demo (2000b, p. 77), com base em Norretranders, "percepção e seleção subliminar são o segredo por trás da consciência". E acrescenta: "o pensamento é inconsciente". Esse conjunto de operações também pode ser entendido como um exercício de impregnação intensa com o fenômeno investigado, envolvimento consciente e inconsciente, impregnação necessária para a emergência das novas compreensões pretendidas.

Esse movimento para o caos também pode ser interpretado como o ato de desfazer amarras anteriormente estabelecidas entre conceitos e categorias referentes aos fenômenos estudados. É desestruturar ideias existentes, jogando o material para o inconsciente. Nisso estaria implícita a crença de que, por esse processo, criam-se as condições para a emergência de novas relações entre os elementos unitários dos fenômenos investigados, assim como entre outros elementos pertinentes do inconsciente.

A emergência do novo

Enquanto o primeiro movimento do ciclo de análise proposto é racionalizado, exigindo um investimento e esforço consciente de explorar em detalhes os sentidos dos textos do *corpus*, o segundo movimento não pode ser organizado dessa forma. O movimento da desordem em direção a uma nova ordem, a emergência do novo a partir do caos, é um processo auto-organizado e intuitivo. Não pode ser previsto ainda que se possa contribuir para desencadeá-lo. De certo modo pode ser entendido como um conjunto de operações inconscientes que resultam em "insights" repentinos e globalizados. *Flashes* compreensivos emergem repentinamente. Possivelmente muitas intuições diferentes se formam, uma avalanche de novas estruturas (Kaufman, 1995), muitos raios de luz na tempestade. Algumas

são percebidas ou captadas pelo pesquisador. A maioria se perde. É preciso estar atento para captar o emergente e registrar as impressões que carrega. Tal como um sonho, essas inspirações criativas tendem a ser esquecidas se não forem registradas imediatamente.

Os *insights* focalizam o fenômeno de forma global e holística; entretanto, ao mesmo tempo em que se constituem em uma visão completa, apresentam-se cheios de lacunas e elementos implícitos. Os relâmpagos apenas dão uma visão rápida da paisagem. Requer-se investimento intenso para a explicitação e expressão dos fenômenos que iluminam, em forma de uma produção escrita. Esse, entretanto, já constitui novamente um esforço consciente e racionalizado. Parte desse trabalho talvez já tenha sido concretizado antes da inspiração criativa; parte se realizará depois. Entre essas operações estão a explicitação das categorias e das relações entre elas. Também nisso se incluem a construção de argumentos aglutinadores de cada categoria, assim como do fenômeno como um todo. Isso, entretanto, já leva ao terceiro estágio do ciclo da análise, a comunicação das novas compreensões.

Comunicando as compreensões emergentes

O terceiro movimento no processo de análise é a comunicação das novas compreensões alcançadas. É um exercício de explicitação das novas estruturas emergentes da análise. Concretiza-se em forma de metatextos em que os novos *insights* são expressos em forma de linguagem e em profundidade e detalhes. Muitos dos materiais iniciais são descartados, sempre na busca de um texto com clareza e rigor. É preciso conseguir levar a nova compreensão dos fenômenos investigados para os interessados, mesmo que não tenham participado do processo de sua construção. O desafio é tornar compreensível o que antes não o era, e isso precisa ser feito com um texto de qualidade e sabor. Nisso podem desempenhar um papel importante as metáforas. Eventualmente a própria compreensão já emerge em

forma de metáfora. Também poderão ser úteis esquemas e figuras, mas é fundamental a construção de um texto em que cada uma de suas categorias ou partes seja perfeitamente integrada num todo. Para isso é importante que haja uma "tese" ou argumento central, capaz de possibilitar o encadeamento das partes no todo.

Também é importante compreender que a construção do metatexto é um processo reiterativo de reconstrução. Várias versões poderão ser produzidas, sendo cada uma delas submetida a leitores críticos para seu aperfeiçoamento.

Da ordem ao caos, e daí à nova ordem: um processo de aprendizagem

Por meio do ciclo de análise pretendeu-se mostrar que a construção de uma nova compreensão de um fenômeno dentro da análise textual discursiva pode ser descrita como um movimento em um ciclo, que se inicia com uma desorganização dos materiais de análise. Isso se dá por meio da unitarização do *corpus*. Constitui um exercício de desconstrução de materiais textuais reunidos como informações pertinentes de uma pesquisa em andamento. Dessa desconstrução podem participar tanto elementos teóricos como empíricos. Esse primeiro momento analítico consiste num esforço de impregnação intensa nos fenômenos sob investigação.

A partir disso criam-se as condições para a emergência de novos entendimentos. É o segundo momento do ciclo. Enquanto o primeiro é um exercício racionalizado de fragmentação e isolamento de elementos de base do fenômeno investigado, o segundo é um movimento intuitivo de reconstrução. Não está, portanto, inteiramente sob controle do pesquisador. Ele precisa estar atento para a emergência do novo, surpreendente e inesperado. É importante captar alguns dos

insights auto-organizados e investir neles no sentido de explorar seu significado da forma mais completa. É preciso estar alerta para o raio no meio da tempestade e captar os elementos essenciais da paisagem.

Esse exercício de explicitação das novas compreensões atingidas na análise é o terceiro movimento do ciclo. Consiste na construção de metatextos com base nos produtos da análise. Esses textos necessitam ser aperfeiçoados gradativamente, submetendo-os à crítica. Nesse mesmo processo também se consubstancia sua validação.

Desse modo, a Análise Textual Discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de novos significados em relação a determinados fenômenos, a partir de materiais textuais referentes a esses fenômenos. Nesse sentido, é um efetivo aprender, aprender auto-organizado, resultando sempre num conhecimento novo (Assmann, 1998).

Ainda que a metodologia da Análise Textual Discursiva possa auxiliar a emergência da compreensão dos fenômenos estudados, os novos "insights" e teorizações não são construídos apenas racionalmente, mas emergem por auto-organização a partir de uma impregnação intensa com os dados e informações do "corpus" analisado.

Considerações Finais

O objetivo deste texto foi apresentar alguns fundamentos iniciais da Análise Textual Discursiva. Apresentando-a como uma tempestade de luz, procura-se argumentar que essa abordagem de análise pode ser concebida como um processo auto-organizado de produção de novas compreensões em relação aos fenômenos que examina.

Descreveu-se esta abordagem de análise como um ciclo de operações que se inicia com a unitarização dos materiais do *corpus*. Daí o processo move-se para a categorização das unidades de análise. A partir da impregnação atingida por esse processo, argumenta-se que é possível a emergência de novas compreensões, aprendizagens criativas que se constituem por auto-organização. A explicitação de luzes sobre o fenômeno, em forma de metatextos, constitui o terceiro momento do ciclo de análise proposto.

No seu conjunto, as etapas desse ciclo podem ser definidas como um processo capaz de aproveitar o potencial dos sistemas caóticos no sentido da emergência de novos conhecimentos. Inicialmente, leva-se o sistema até o limite do caos, desorganizando e fragmentando os materiais textuais da análise. A partir disso, é possibilitada a formação de estruturas de compreensão dos fenômenos sob investigação, expressas então em forma de produções escritas.

A qualidade e originalidade das produções resultantes se dão em função da intensidade de envolvimento nos materiais da análise, dependendo ainda dos pressupostos teóricos e epistemológicos que o pesquisador assume ao longo de seu trabalho.

A metáfora de "uma tempestade de luz" procura mostrar como emergem as compreensões no processo analítico, atingindo-se outras ordens por meio do caos e da desordem.

Capítulo 2

EXPLOSÃO DE IDEIAS: a unitarização de informações como encaminhamento de uma leitura aprofundada e compreensiva na Análise Textual Discursiva

A Análise Textual Discursiva pode ser concebida a partir de dois movimentos opostos e ao mesmo tempo complementares: o primeiro de desconstrução, de análise propriamente dita; o segundo reconstrutivo, um movimento de síntese. O presente capítulo pretende aprofundar a discussão do movimento desconstrutivo.

Na sequência dos argumentos propostos, no sentido de chegar a uma compreensão deste processo desconstrutivo, ele é apresentado como parte importante da construção do objeto de uma pesquisa. Em continuidade, argumenta-se no sentido da participação ativa do pesquisador neste processo de desconstrução, denominado ao longo do texto de unitarização das informações.

A unitarização do *corpus* da pesquisa, um processo de recorte e fragmentação de textos reunidos a partir de uma diversidade de metodologias de coleta, pode dar-se de diversas formas e a partir de diferentes focos linguísticos, resultando daí múltiplas unidades de análise. Estas podem ter amplitudes variadas, de acordo com os

objetivos da pesquisa e segundo a natureza dos materiais analisados. O processo, entretanto, necessita garantir uma validade dos produtos obtidos, pertinência construída a partir de uma constante focalização nos objetivos e fenômenos da pesquisa.

Por fim, pretende-se mostrar que o processo da unitarização não pode ser visto como um movimento isolado do processo de análise e da pesquisa como um todo. Requer-se que seja concebido como parte do ciclo da pesquisa, exigindo-se por isso um permanente exercício de se projetar para a frente e ao mesmo tempo reconsiderar o caminho já percorrido, sempre no sentido da construção do objeto, de atingir maior aprofundamento nas análises. A compreensão dos fenômenos investigados é um processo integrado. Ainda que possam ser reconhecidos movimentos específicos, requer-se um esforço permanente de focalização no todo. A unitarização constitui um movimento da análise de dados e informações capaz de propiciar as condições para uma reconstrução criativa da compreensão dos fenômenos focalizados.

Desconstrução dos Textos como Parte da Construção do Objeto da Pesquisa

Nesta primeira parte da discussão da unitarização enfatiza-se, além de alguns aspectos gerais do processo, a relação da desconstrução do "corpus" com os metatextos resultantes da análise, aprofundando especialmente a importância da construção de unidades de análise válidas para as finalidades da pesquisa.

Denomina-se de unitarização o movimento inicial da análise. Constitui um exercício desconstrutivo em que as informações são gradativamente transformadas em constituintes elementares, componentes de base pertinentes à pesquisa. Representa um movimento

de leitura e interpretação em que os significantes dos textos são interpretados produzindo-se diversificados significados, resultando deste processo elementos ou unidades, pretendendo-se com isto ressaltar aspectos significativos do fenômeno analisado. A escolha das unidades é importante, pois os resultados da pesquisa são muito sensíveis aos tipos de unidades trabalhados.

Assim sendo, a unitarização é parte do esforço de construir significados a partir de um conjunto de textos, entendendo que sempre há mais sentidos do que uma leitura possibilita elaborar. A construção das unidades de significado representa um movimento e interpretação dos textos, uma leitura rigorosa e aprofundada.

Unitarizar um texto é desmembrá-lo, transformando-o em unidades elementares, correspondendo a elementos discriminantes de sentidos, significados importantes para a finalidade da pesquisa, denominadas de unidades de significado.

O momento da unitarização é um movimento desconstrutivo. Consiste numa explosão de ideias, uma imersão no fenômeno investigado, por meio do recorte e discriminação de elementos de base, tendo sempre como ponto de partida os textos constituintes do *corpus*. Esta desconstrução, mesmo sendo essencial para uma reconstrução posterior, não pode ser levada ao excesso. A fragmentação sempre necessita ter como referência o todo. Mesmo que se recortem os textos, a visão do fenômeno em sua globalidade precisa estar sempre presente como pano de fundo. O limite das desmontagens coincide com o limite de sentidos que podem ser construídos a partir dos textos em análise.

Um outro aspecto que necessita ser tratado, num sentido paralelo à discussão da Análise Textual Discursiva, é a codificação. É importante que o pesquisador elabore um sistema de códigos para identificar seus textos originais, suas unidades de significado, assim como outros elementos que fazem parte da análise. O sistema de códigos pode ser

numérico, alfabético ou combinações deles. Constitui um conjunto de indicadores que possibilita relacionar as unidades e categorias construídas com os textos dos quais se originaram. Permite neste sentido voltar aos textos originais sempre que isto se fizer necessário.

A codificação das unidades de significado pode empregar uma combinação de vários indicadores: um para indicar o material textual que originou a unidade, outro para mostrar sua localização dentro do texto. Conforme o tipo de material, outros indicadores podem se fazer necessários. Um código 3.5, desta forma, pode identificar uma unidade de significado que foi obtida do material textual 3, sendo a quinta unidade deste texto. Além disso, o pesquisador poderá criar outros indicadores para, por exemplo, identificar as unidades de significado que constituem leituras mais distantes do texto propriamente dito, com participação interpretativa mais radical do pesquisador. Nisso pode utilizar, por exemplo, uma letra, tal como em 3.5.r. Este código significaria que esta unidade não é localizável diretamente no texto, mas foi elaborada pelo pesquisador numa leitura mais aprofundada de sentidos implícitos, ainda que nas proximidades da unidade 3.5.

Retoma-se aqui novamente a unitarização como tema central. Conforme se expressou, a unitarização é um processo de recorte ou fragmentação dos materiais do *corpus* de uma análise textual discursiva, que encaminha para o processo de categorização, por sua vez realizado com a finalidade de formar uma estrutura para a elaboração dos metatextos, textos que pretendem apresentar novas compreensões dos documentos analisados e dos fenômenos investigados. A produção analítica do pesquisador está voltada à compreensão dos fenômenos sob investigação.

A partir desta perspectiva, a construção das unidades de significado tem como finalidade chegar à elaboração de textos descritivos e interpretativos, apresentando os argumentos pertinentes à compreensão do pesquisador em relação aos fenômenos que investiga.

Por isto as unidades construídas precisam ser válidas e pertinentes em relação aos fenômenos pesquisados, garantindo-se desta forma a validade dos metatextos.

Afirmar que as unidades de significado devem ser válidas é defender que devem ter relação com os fenômenos investigados. As unidades precisam ser significativas na sua relação com os temas estudados, sendo capazes de contribuir para sua compreensão. Como em geral, no início da pesquisa, tem-se apenas uma clareza limitada dos fenômenos que se está investigando, a validade das unidades requer uma construção gradativa e reiterativa.

Outra forma de compreender e garantir a pertinência das unidades de análise é assegurando sua relação com os objetivos da pesquisa. No processo de unitarização é preciso ter sempre presentes os objetivos do estudo que está sendo conduzido, os quais servirão de referência para os recortes dos textos. Cada fragmento produzido deve ter relação com os objetivos, e o processo de unitarização como um todo deve refletir as intenções da pesquisa e ajudar a alcançá-las. Em relação a isso é interessante salientar que os objetivos podem também ser modificados ao longo do processo, incluindo novos direcionamentos que a própria análise pode indicar. Assim, o que efetivamente direciona o processo é a procura de uma compreensão mais ampla e válida dos fenômenos, o que é a própria razão de se fazer qualquer pesquisa.

A validade das unidades de análise também pode ser referida à teoria ou às teorias que sustentam a pesquisa. Quando estas teorias são adotadas *a priori* podem ser efetivamente um balizador na delimitação de unidades. Quando, entretanto, o estudo se propõe a construir teorias a partir da análise, o pesquisador precisa balizar-se principalmente em seus objetivos e numa percepção intuitiva dos fenômenos que investiga.

A construção de unidades válidas encaminha a produção de resultados de pesquisa também válidos. Unidades pertinentes aos fenômenos sob investigação conduzem à construção de categorias válidas; destas se atingem descrições e interpretações também pertinentes. Desse modo, podemos afirmar que a construção da validade dos resultados de uma pesquisa se encaminha a partir de um processo de unitarização que produz recortes válidos em termos dos fenômenos que estão sendo investigados.

Este esforço de validação pode ainda ser examinado a partir da relação íntima entre o processo de unitarização e categorização.

A unitarização ou desconstrução dos textos, um exercício fenomenológico-hermenêutico, na análise textual discursiva, adquire seu sentido quando realizada como encaminhamento para uma categorização ou classificação. Por essa razão os recortes necessitam ser feitos tendo em perspectiva as categorias da análise, sejam conhecidas de antemão ou não. A validade exigida no processo de categorização é também uma exigência na unitarização. Há uma relação muito estreita entre os processos de unitarização e categorização, entre análise e síntese. Atingir a validade em um deles é atingi-la também no outro.

Com base no exposto, o processo de unitarização requer um olhar prospectivo em relação aos passos seguintes do processo da análise. As unidades discriminantes recortadas na sequência da análise, serão categorizadas no sentido da construção da estrutura de metatextos significativos e válidos em relação aos fenômenos estudados. Assim, mesmo que, neste momento, ainda não se tenha as categorias definidas, a unitarização de algum modo é realizada em função delas. É necessário recortar os textos tendo em vista uma possível estrutura de categorias a ser construída posteriormente. O inventário das unidades de base é um passo preparatório para a categorização.

A partir dessa discussão inicial pretende-se focalizar o papel central e ativo do pesquisador na unitarização.

O Papel Ativo do Pesquisador na Unitarização e seus Limites

O processo de unitarização é um esforço de construção de significados. É um exercício de elaboração de mais sentidos a partir dos textos sob análise. Constitui um esforço de interpretação e construção pessoal do pesquisador em relação aos significantes do *corpus*. É um movimento de aplicação de teorias, sejam conscientes ou tácitas, implicando necessariamente o envolvimento da subjetividade do pesquisador. Os sentidos das unidades produzidas são aqueles construídos pelo pesquisador, carregando assim sua marca de autoria.

Pode-se conceber a unitarização como um trabalho criativo de reconstrução de significados que os autores dos textos expressarem neles. Os sentidos não se desprendem dos textos; precisam ser reconstruídos. Estas reconstruções são necessariamente afetadas pelas concepções teóricas do pesquisador, por suas teorias e sua visão de mundo.

É preciso compreender, no entanto, que uma análise não pode restringir-se à aplicação de teorias do pesquisador. Este precisa exercitar um esforço de fidelidade aos textos. É preciso atenção aos sentidos presentes nos textos. Isso implica exercitar uma atitude de respeito ao outro, uma atitude fenomenológica de "deixar que o fenômeno se manifeste". Somente assim o pesquisador poderá avançar em suas compreensões teóricas. Estacionar nas próprias teorias não tem sentido na pesquisa científica. É o outro – os autores dos textos analisados –, que desafia o pesquisador e possibilita avançar em suas compreensões dos fenômenos investigados.

Desta forma o processo da unitarização, compreendendo sempre uma leitura marcada por teorias, requer do pesquisador uma tomada de consciência dos pressupostos teóricos que orientam seu processo de análise. O pesquisador necessita justificar os tipos de

leituras que realiza em seu exercício de unitarização. Não há leitura neutra e objetiva. Por isso é preciso que o pesquisador defina de que perspectiva faz suas interpretações e leituras.

Examinando-a de outra perspectiva, podemos conceber a unitarização como um esforço de leitura que vai além daquela superficial comum, procurando atingir níveis de sentido mais aprofundados, talvez não evidentes numa primeira leitura.

Afirmar que é possível ler produzindo mais sentidos é apontar para o fato de que toda leitura é uma interpretação. Não há modo de ler objetivo, mas toda leitura se origina a partir das teorias do autor e do leitor, sejam estas teorias conscientes ou não. A partir da hermenêutica podemos entender a interpretação de um texto como uma "imitação" (Fabian; Barrera, 1995) que o leitor exercita, procurando captar os sentidos que o autor imprimiu em seu texto. Esta "imitação" será sempre dependente das teorias de quem lê.

Ao se referir a teorias que determinam sentidos nas leituras pode-se destacar dois tipos (Navarro; Diaz, 1994): teorias analíticas e teorias interpretativas. As primeiras são aquelas que derivam de opções metodológicas e paradigmáticas, traduzindo-se em metodologias e técnicas de análise. Nisso se enquadra a atitude fenomenológica antes referida. As teorias interpretativas são aquelas referentes aos fenômenos propriamente ditos, teorias cognitivas sobre os objetos investigados. São as teorias sobre os temas investigados. Em relação às últimas podemos salientar dois tipos: teorias formais ou científicas e teorias tácitas ou implícitas.

Os significantes de uma comunicação têm natureza vicária, representativa. Os textos são seus suportes. Por isto sempre se exigem interpretações do leitor. As interpretações, seguidamente, estão baseadas em elementos inconscientes, em teorias implícitas do pesquisador. O processo de unitarização requer inferências do pesquisador.

As informações não falam por si mesmos. É preciso fazê-las falar. Isto dá-se pela interpretação, tanto na leitura dos textos quanto no momento da unitarização.

As inferências têm como ponto de partida os textos do *corpus*, os significantes do material que está sendo analisado. Representam um movimento dos textos para o contexto a que se referem. As unidades de significado construídas a partir dos textos constituem inferências dos textos ao contexto ou contextos em que foram produzidos. Por esse motivo no processo da unitarização é importante ter em vista permanentemente o contexto a que a pesquisa se refere.

Deste modo a unitarização na Análise Textual Discursiva, voltada à identificação de sentidos e significados dos textos, não pode esquecer a relação inseparável entre texto e contexto. Os significados são sempre contextualizados. Os sentidos estão sempre presos aos contextos e discursos dos quais se originam. Todo texto faz parte de campos semânticos mais amplos, dentro dos quais as palavras adquirem seus sentidos (Assmann, 1998).

Este alerta torna-se tanto mais crítico quanto mais pesquisados se move no sentido de interpretações mais subjetivas, quando vai do conotativo ao denotativo. O latente e o oculto estão vinculados ao contexto e as interpretações construídas precisam dar-se a partir deste contexto. O texto de algum modo carrega o contexto, ainda que este necessite ser inferido e construído a partir do texto.

Nesse sentido, a consciência de que as interpretações mais profundas dos textos devem ser contextualizadas e dos riscos em termos de objetividade que explorações de sentidos mais distantes podem originar, também parece constituir o desafio da pesquisa qualitativa, capaz de atingir resultados de maior validade e prazer. A satisfação particular atingida nas pesquisas qualitativas parece estar associada

a este maior vínculo que o pesquisador estabelece com o contexto investigado, derivando-se daí sentidos de validade e pertinência mais profundos nesse tipo de pesquisa.

No processo da unitarização, portanto, o contexto precisa ser considerado. As unidades de análise precisam ser contextualizadas. O aprofundamento das leituras deve dar-se a partir do contexto. Neste sentido é importante estar alerta para o fato de que, em geral, quanto mais fragmentado, menos contextualizado. Cada pesquisa necessita definir seus modos e níveis de contextualização. Contextualizar é inserir-se no discurso a que as informações se referem, é garantir que as unidades produzidas tenham relação com os gêneros discursivos nos quais foram produzidas, que se mostrem pertinentes ao discurso social no qual se inserem.

O exposto até aqui sobre a importância do contexto na análise textual leva a sugerir que no processo de unitarização se defina, além das unidades de significado, um segundo tipo de unidade: a unidade de contexto. Estas são fragmentos relativamente amplos de textos que delimitam o contexto das unidades de análise. Carregam elementos linguísticos e discursivos dentro dos quais as unidades de análise tomam seu significado. Constituem, portanto, marcos interpretativos para as unidades de análise.

De uma unidade de contexto, em geral, podem derivar-se várias unidades de significado. Há uma correspondência estreita entre uma unidade de contexto e as unidades de análise dela derivadas, assumindo estas últimas seu sentido mais pleno dentro das respectivas unidades de contexto. Seguidamente as unidades de contexto correspondem às unidades de coleta das informações, sejam depoimentos ou entrevistas.

Procurou-se demonstrar aqui que a unitarização é parte de um esforço hermenêutico de interpretação de um conjunto de textos. É, neste sentido, uma reconstrução que implica o envolvimento ativo do pesquisador. É um exercício de mergulho num discurso. Em suas

leituras e interpretações, o pesquisador recorre as suas teorias, sejam conscientemente assumidas ou implícitas. O processo de desconstrução dos textos, no sentido do aprofundamento da compreensão, constitui uma construção do pesquisador, exigindo dele um esforço constante de inferência e interpretação.

A inferência possibilita estabelecer pontes entre os textos e o contexto. Ao mesmo tempo, a necessidade de se considerar o contexto, e de forma mais ampla os determinantes históricos que condicionam a produção e interpretação dos textos, estabelece limites às interpretações do pesquisador. Suas leituras, mesmo que exijam seu envolvimento ativo e participativo, são condicionadas pelo contexto e pelos discursos em que os textos analisados se enquadram. Interpretações rigorosas e válidas requerem que se associe de forma competente o texto e o contexto.

O que acabou de ser exposto encaminha para o exame de dois aspectos importantes na unitarização: *aspectos relativos à linguagem* e *elementos de caráter metodológico*.

Explosão de Ideias I: considerações linguísticas

A unitarização como parte do processo de análise textual discursiva constitui-se na busca e reconstrução de uma multiplicidade de sentidos que todo texto possibilita. Aprofundar a leitura é conseguir identificar e isolar diferentes elementos unitários de sentido, sempre com foco no fenômeno investigado. Constitui um exercício intimamente associado à linguística.

Ao avançar neste processo é preciso ter presente o caráter vicário e simbólico da comunicação. As mensagens linguísticas são simbólicas. Os significantes têm a função representativa de entes da realidade, tanto materiais como virtuais, objetos das comunicações.

Estas questões tornam-se ainda mais complexas quando se percebe que as informações de uma pesquisa se constituem a partir de representações sociais influenciadas pela linguagem cultural e pelo contexto linguístico em que se produzem. Nesse sentido, conforme já disposto, todo significado se produz de modo contextualizado e sua reconstrução não pode prescindir dos elementos contextuais em que o texto foi originalmente produzido. As informações de uma pesquisa são de natureza linguística e discursiva, tendo caráter histórico e contextualizado.

A unitarização é um processo de desconstrução dos textos do *corpus* no sentido de diferenciação e identificação de elementos unitários constituintes. É um exercício analítico de desmembramento de enunciados constitutivos de uma comunicação, procurando-se neste processo detectar elementos de sentido, não necessariamente evidentes numa primeira leitura. Ao realizar esse processo de divisão é importante ter presente que as unidades resultantes são componentes de discursos, em que os enunciados se integram e inter-relacionam intimamente, tais como os nós de uma rede. Por isso, o processo de unitarização é mais bem-entendido como modo de destacar partes da rede, e não como processo de desmontagem da mesma.

Mesmo tendo isto presente, o movimento de desconstrução dos textos corresponde a rupturas de relações percebidas nos textos do *corpus*, levando a destacar alguns significados em prejuízo de outros. Por isto, sempre tendo como referência a natureza dos textos, é preciso fugir de um desmembramento excessivo. Nesse sentido, é importante estar atento às relações e conexões entre os elementos da comunicação, procurando-se não perdê-las, ainda que destacando diferentes relações. As unidades obtidas devem expressar relações significativas correspondentes aos fenômenos investigados, percebidas e destacadas pelo pesquisador numa rede de relações.

Assim, é importante diferenciar e valorizar as diferentes ideias lidas nos textos, procurando atingir seus sentidos em profundidade. Essa desconstrução, porém, não deve promover a perda das conexões que fazem as ligações com o objeto da pesquisa. Encontrar o equilíbrio entre uma leitura do detalhe e manter as unidades numa dimensão tal que ainda sejam significativas para os objetivos da pesquisa, é um desafio que se apresenta ao pesquisador neste momento. O desafio é destacar elementos sem perder de vista o todo, ainda que o todo não seja tanto os textos individuais de diferentes sujeitos, mas o discurso.

O processo da unitarização, ainda que também de natureza psicológica, vincula-se à Linguística, derivando-se de algum modo daí seus critérios de recorte dos textos. Dela podemos extrair três domínios principais que podem orientar a desconstrução dos textos: léxico, sintático e semântico.

Adotar critérios léxicos na unitarização é operar no domínio dos vocábulos, é basear os recortes no domínio das palavras.

Utilizar critérios sintáticos para o recorte do *corpus* é definir unidades com base na ordem e disposição das palavras nas frases, ou das frases no discurso. É operar no domínio da construção gramatical, da relação lógica dos elementos do discurso entre si. Tal como na opção anterior, é operar no âmbito dos significantes.

Finalmente adotar critérios semânticos de recorte é fundamentar a unitarização no significado, no estudo da significação das palavras e das frases. Uma análise semântica se direciona aos temas e aos significados que os textos possibilitam construir.

A Análises Textual Discursiva pode operar com combinações destes critérios. Para fins desta discussão, entretanto, mesmo que na análise se integrem outros critérios, o foco será sempre semântico ou temático. As análises temáticas propostas trabalham no domínio das conexões entre o nível sintático e seus referentes semânticos. A aná-

lise temática opera em âmbito semântico, trabalhando com unidades de significação. Escolhe os temas como unidades de comunicação, explorando seus sentidos e significados.

Na análise temática procura-se elaborar núcleos de sentido, proposições que conduzem a significados, tendo em vista a compreensão de determinados fenômenos. Assumindo que as palavras isoladamente têm pouco sentido, a análise temática opera com recortes de ideias e enunciados, atuando assim em plano semântico.

Deste modo as unidades produzidas na análise representam aspectos específicos e significativos percebidos nos textos. Constituem significados que podem ser construídos a partir dos textos. Podem corresponder a unidades de significação mais ou menos complexas, cuja validade é de natureza psicológica e derivada dos fenômenos que se pretende investigar.

Na análise temática o foco é o sentido, os significados atribuídos aos significantes dentro do discurso. É a partir dela que a análise qualitativa se aproxima de uma hermenêutica, valorizando tanto o psicológico quanto o linguístico, conjugando o psicológico e o gramatical (Ruedel, 1999).

Na opção por unidades temáticas o pesquisador ainda se depara com a necessidade de decidir sobre a profundidade de suas leituras. Mesmo aceitando que toda leitura já é uma interpretação, num exercício de aprofundamento o pesquisador depara-se com diferentes níveis de interpretação. Daí resultam em seus extremos dois tipos de leituras que têm sido caracterizadas como leitura do manifesto e leitura do latente. A primeira relaciona-se à leitura do que é diretamente posto, a leitura do sentido manifesto num sentido imediato. Corresponde às interpretações comuns que as pessoas produzem, aproximando ao que Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) referem como interpretações de auditórios universais. A outra corresponde a um exercício de ir

além da mera transcrição, atingindo uma leitura de profundidade dos sentidos latentes. Ainda que não haja um sentido literal de um texto ou enunciado, algumas interpretações são mais imediatas e compartilhadas por maior número de pessoas.

Mesmo que algumas pesquisas ainda pretendam restringir-se à objetividade de uma leitura do explícito, sem recorrer a inferências mais aprofundadas, de um modo geral a pesquisa qualitativa movimenta-se no sentido de leituras de maior profundidade, de interpretações mais sutis, de desocultação do oculto. Nisto se valoriza a subjetividade do pesquisador, procurando-se explorar ao máximo a fecundidade que isto pode significar.

Pesquisas que valorizam o discursivo vão do dito ao não dito, num movimento permanente entre o manifesto e o oculto, num afastamento dos sentidos imediatos para a identificação de sentidos contextualizados, cuja explicitação requer inferências cada vez mais aprofundadas. Este esforço de captar mensagens conscientes e inconscientes implica um movimento de ultrapassagem de uma leitura de primeiro plano para outra de maior profundidade.

O mesmo movimento de aprofundamento das leituras do manifesto ao latente também requer um deslocamento de uma leitura representacional e expressiva para uma leitura instrumental (Olabuenaga; Ispizua, 1989). De um exercício de leitura para captar o que está expresso, o pesquisador amplia seus esforços interpretativos de modo a atingir os sentidos pragmáticos que deram origem aos textos, suas finalidades instrumentais. A passagem do representacional ao instrumental constitui um movimento que vai da procura do "o quê?" para o "com que finalidade?". Movimentar-se do expressivo para o instrumental corresponde ao movimento da análise de conteúdo para outras mais discursivas. A Análise Textual Discursiva constitui neste sentido uma superação da Análise de Conteúdo, ainda que também possa trabalhar com o expressivo.

Os tipos de leitura propostos, manifesto e latente, expressivo ou instrumental, refletem-se diretamente no processo de unitarização. Também as opções que o pesquisador faz em relação a eles o apresentam quanto aos pressupostos e paradigmas que assume em sua investigação.

Procurou-se demonstrar nessa parte do texto a relação entre a unitarização e a linguagem. A unitarização como etapa da análise textual corresponde ao recorte e decomposição do *corpus*. Daí podem originar-se unidades de análise com características diversificadas. Os critérios linguísticos para a construção das unidades podem ser vários, destacando-se unidades temáticas, definidas a partir de critérios semânticos. Estas, por sua vez, podem ser produzidas a partir de leituras do manifesto ou do latente. Todas estas são opções em relação às quais o pesquisador necessita definir-se no processo da unitarização, determinando a riqueza e a profundidade de suas interpretações. Nesse processo também se incluem opções metodológicas, elementos a serem abordados na parte seguinte deste capítulo.

Explosão de Ideias 2: considerações metodológicas

O processo ativo de reconstrução e de ampliação dos sentidos de um texto pretende destacar elementos de informação, unidades de base para ajudar a encaminhar o processo de síntese e categorização posterior.

O processo de unitarização é diretamente afetado pelos pressupostos teórico-metodológicos assumidos pelo pesquisador, ou seja, por suas teorias analíticas, podendo conduzir à produção de diferentes tipos de unidades.

Ainda que na unitarização seja desejável obter unidades precisas, concretas e claras, em pesquisas qualitativas a característica mais desejada é a validade ou pertinência. Este atributo está associado como a relação das unidades com os objetivos da pesquisa, sua pertinência em função do objeto de estudo.

Ao avançar no processo de unitarização é importante lembrar a necessidade de um movimento prospectivo. Mesmo que as categorias ainda não tenham sido definidas, elas, de alguma forma, precisam ser vislumbradas de modo que as unidades construídas apontem para elas. As unidades somente serão válidas se o forem em função das categorias a serem construídas. Por outro lado, também serão elementos importantes no sentido da construção destas mesmas categorias.

Da mesma forma pode ser importante um movimento retrospectivo. Neste caso, o pesquisador, no momento da unitarização, terá de olhar para trás, para suas teorias. Estas lhe servirão de apoio e suporte para a procura das unidades de sentido que estará construindo a partir dos textos.

Além das opções que faz em termos dos sentidos manifestos e latentes, no processo da unitarização o pesquisador também precisa definir-se em termos se suas opções referentes a direcionar seu exame a elementos quantitativos ou qualitativos.

A opção pelo quantitativo implica valorização da objetividade e precisão. Seguidamente nisso pressupõe-se a opção pela neutralidade. Ao decidir-se pelo quantitativo, o pesquisador orienta-se pelo rigor da medida, pela objetividade dos números. Ainda que uma análise de caráter quantitativo possa atingir novas explicações para os fenômenos examinados, é preciso estar consciente de que a minúcia da análise de frequência e a formalidade dos testes inferenciais daí derivados não garantem por si sós a validade dos resultados.

Quando a opção do pesquisador for pela qualidade, estará valorizando a subjetividade com toda sua fecundidade (Minayo, 1993). Nisto se inclui valorizar nos textos a significância e a validade em função dos objetivos propostos. Esta análise será, em princípio, de maior complexidade, sempre na procura da importância, novidade, interesse e valor dos temas tratados. No seu afã de explorar intuições criativas e originais, entretanto, o pesquisador mais facilmente pode movimentar-se em direções em que a cientificidade de seus resultados possa ser questionada. Isto exige um permanente alerta no sentido da construção da validade e confiabilidade das novas compreensões atingidas. De qualquer modo, e quaisquer que sejam suas opções paradigmáticas e teóricas, a cientificidade sempre será função do conceito de ciência assumido. Não há uma definição unívoca de ciência, e, portanto, há muitos modos de atingir resultados cientificamente válidos.

O processo de unitarização é diretamente afetado pelas opções do pesquisador em direção preferencial à quantidade ou à qualidade. Cada uma delas carrega um conjunto diferente de pressupostos. Cada pesquisa requer posicionar-se em algum ponto entre os extremos da objetividade e subjetividade, da valorização dos números e inferências estatísticas, em contraposição à exploração de significados em profundidade, da ênfase na extensão ou na intensidade e profundidade. O pesquisador precisa mostrar onde se localiza na opção entre frequência e importância e saber conjugá-las de modo inteligente. Em algumas pesquisas, quiçá a escolha por uma complementação entre qualidade e quantidade seja o melhor encaminhamento.

O processo de unitarização, além de sua descrição em termos quantitativos e qualitativos, pode ainda ser examinado à luz de dois modos de pensamento: indução e dedução. Um processo de recorte seleciona, preferencialmente, um destes dois processos, dependendo da interação do pesquisador com as informações trabalhadas e de suas opções metodológicas em termos da pesquisa que está realizando.

O processo dedutivo é aquele que vai das teorias às informações. Explora significados a partir de teorias anteriormente assumidas. No recorte, dentro deste processo, as unidades se originam na aplicação da teoria ao "corpus". De algum modo são as teorias que ajudam a delimitar significados e unidades. Neste processo o movimento da unitarização vai da regra ao exemplo, num movimento retrospectivo. O pesquisador volta às teorias, anteriormente explicitadas, com a finalidade de que estas o ajudem a apontar onde deve realizar seus recortes dentro dos textos.

O processo indutivo encaminha-se no sentido oposto. Vai dos exemplos às regras. Pretende chegar às teorias a partir de significados construídos nos textos, sem adotar formalmente teorias *a priori*. Como no processo indutivo o movimento se inicia com as informações, este requer a utilização intensa do conhecimento tácito do pesquisador na atribuição de significados. Não pode, entretanto, ser concebido como um movimento sem orientação. Exige um esforço prospectivo permanente. Requer saber fazer os recortes tendo em vista categorias que ainda não foram explicitadas, mas que gradativamente se mostram com maior evidência. Neste caso é importante a intuição do pesquisador, saber libertar-se de construções e teorias já existentes, sempre no sentido de construir novas formas de estruturar os elementos do fenômeno sob investigação. É nisto que reside a capacidade criativa do processo, essencialmente fundado na intuição.

Pode-se questionar a possibilidade de realizar esse movimento indutivo, dado que se precisa de teoria para ler e interpretar, entretanto também é importante dar-se conta de que, se não se consegue ir além das teorias já constituídas, não há possibilidade de avançar na compreensão.

O processo dedutivo representa maior segurança na definição de unidades de análise. O processo indutivo exige saber conviver com a insegurança de uma construção em que o movimento é definido

dentro do próprio processo. Em algumas pesquisas se combinará estes dois processos. Será, entretanto, a natureza do fenômeno e dos materiais textuais em análise que indicará qual o melhor caminho a ser seguido em cada análise.

Após examinar a construção de unidades em termos de opções entre quantitativo e qualitativo, dedução e indução, ainda pretende-se, no aprofundamento das questões metodológicas, analisar a questão da amplitude das unidades.

As unidades de análise podem ter amplitudes variadas. Diferentes tipos de unidades possibilitam atingir diferentes níveis de sentido. A amplitude das unidades e sua diversidade estão relacionadas com a procura de maior profundidade e validade das leituras. Em cada pesquisa cabe a quem a realiza decidir sobre a amplitude das unidades de base com as quais pretende trabalhar, sempre tendo como foco a procura de uma compreensão mais aprofundada do fenômeno que investiga.

De algum modo o limite dos recortes é dado pela capacidade das unidades ainda expressarem sentidos significativos para a pesquisa. Não cabe proceder a recortes em que as unidades já não expressam relações significativas. Num extremo, com unidades excessivamente pequenas, perde-se a conexão com o fenômeno. No outro, unidades excessivamente amplas deixam de destacar elementos de significado particulares, ao mesmo tempo em que o processo analítico é dificultado.

O pesquisador em sua atividade analítica precisa lidar com dois movimentos complementares e ao mesmo tempo antagônicos. Um deles o leva a explorar camadas de sentido cada vez mais aprofundadas, focalizado mais no todo, num exercício intensivo de construção de compreensão que poderíamos denominar de vertical. Este esforço tende a empregar unidades maiores de análise. No sentido

oposto, está o movimento na direção de extensão, um movimento horizontal. Um investimento no sentido da exaustividade extensiva tende a produzir mais recortes nos textos, trabalhando com unidades de amplitude cada vez menor. É importante que o pesquisador decida sobre o tipo de movimento que lhe possibilite atingir compreensões mais significativas em relação aos fenômenos que investiga e aos seus objetivos.

Desta forma a unitarização pode produzir unidades que vão da amplitude de um livro, artigo, entrevista ou depoimento tomados como um todo único, até unidades intermediárias e de menor amplitude, como parágrafos, frases e palavras. Unidades menores tendem a ser mais objetivas; unidades mais amplas subentendem maior subjetividade do investigador. Novamente a opção depende de outros pressupostos assumidos pelo pesquisador em seu trabalho, das abordagens de pesquisa em que se insere, das suas teorias analíticas.

Na definição do nível de recorte o pesquisador pode basear-se em diferentes critérios. Dentre estes destacam-se os tipos de materiais analisados, os custos e o tempo a ser investido na análise, as opções metodológicas e teóricas assumidas. O critério básico e de maior importância, contudo, será sempre a pertinência e adequação ao fenômeno sob investigação. O processo de unitarização mais efetivo será aquele que possibilitar atingir níveis de compreensão mais profundos e significativos, ainda que a clareza em torno disto não exista, necessariamente, no início do processo. Especialmente em abordagens qualitativas, se existe um método, este só poderá nascer durante a pesquisa; talvez no final se consiga formulá-lo (Morin; Ciurana; Motta, 2003, p. 22).

A prática com a análise textual discursiva tem ainda apontado para novas possibilidades na unitarização. Assim, por exemplo, o processo, em vez de ser concretizado num único movimento, pode ser

realizado em dois momentos distintos e complementares. No primeiro, definem-se unidades mais amplas, dando origem a um conjunto de unidades iniciais de amplitude relativamente grande e que podem apresentar elementos de mais de uma categoria. Essas unidades, uma vez classificadas, são então reinterpretadas visando à construção de unidades menores, as subunidades, agora já produzidas com um foco específico na categoria a que pertencem. Nesse processo cada unidade inicialmente produzida pode dar origem a uma ou mais subunidades, escritas de modo a demonstrarem sua relação direta com as categorias nas quais se inserem. Ao fazer-se isto está-se, ao mesmo tempo, encaminhando o futuro texto de cada categoria.

Propôs-se discutir nesta parte algumas implicações metodológicas do processo de unitarização. Nele o pesquisador, no seu esforço de procura de sentidos, pode produzir uma diversidade de unidades. Em suas leituras pode pretender manter-se numa opção quantitativa, ou então decidir pela valorização do qualitativo. Poderá ainda optar por criar as unidades por dedução ou indução. Ao fazer tais tipos de opções, o pesquisador estará, também, ao mesmo tempo, lidando com maior ou menor afastamento do contexto ao qual os textos se referem. Em tudo isso é essencial que faça opções conscientes e assumidas, deixando claros os pressupostos em que fundamenta suas análises.

No seu todo este processo de desconstrução constitui um exercício preparatório para intuições criativas em relação aos fenômenos que se investiga. É o que será focalizado no último item do presente capítulo.

Promovendo a Desordem para Encaminhar a Auto-organização

Uma análise qualitativa rigorosa exige um investimento e esforço competente do pesquisador. A qualidade é obtida a partir de um estudo minucioso dos textos em que o pesquisador, de forma reiterada, investe numa produção de sentidos cada vez mais aprofundados.

A unitarização é parte do processo de superação de uma leitura imediata e superficial para atingir sentidos mais aprofundados a partir de um afastamento cada vez maior dos textos em seu sentido imediato. Corresponde a um aprofundamento da leitura, constituindo--se em exercício inicial de uma construção criativa realizada a partir dos textos.

Os documentos do *corpus*, conjuntos de significantes que possibilitam elaborar sentidos simbólicos, exigem interpretação do pesquisador. Pela desmontagem e desconstrução de um texto ele procura atingir gradativamente novos níveis de compreensão, novos sentidos para seu objeto de pesquisa.

Esta procura de profundidade da compreensão pressupõe uma leitura crítica, uma procura do oculto, do contraditório. Muitos sentidos não são imediatamente evidentes, exigindo um retorno sistemático aos textos e às unidades deles derivadas.

Ainda que uma leitura total e completa nunca seja atingida, o pesquisador na unitarização move-se na procura de novos sentidos. Procura destacar elementos das mensagens, fazendo comparações e avaliações para destacar o principal. A unitarização procura identificar e ressaltar aspectos originais e criativos dos textos que se propõe a analisar. Isto exige um envolvimento intenso e perspicaz, capaz de preparar as intuições a emergirem do processo. Constitui um movimento de uma ordem existente, para um estado mais caótico, visando à emergência de novas organizações.

O processo desconstrutivo da unitarização também pode ser concebido como um movimento do consciente ao inconsciente. Os textos submetidos à análise representam estados de consciência dos sujeitos que os produziram. Sua desconstrução e a produção de elementos unitários destrói ordenações anteriormente construídas. O caos de elementos assim criado é espaço de operação do inconsciente, capaz de dar origem a novas ordenações. O movimento em seu todo vai, assim, do consciente ao inconsciente, retornando a novas ordenações por intuição. Esse último passo, contudo, já envolve a categorização.

O envolvimento prolongado com os textos em análise, propiciado pela unitarização, possibilita uma intensa impregnação com o objeto da pesquisa. O retorno reiterado à procura de sentidos mais aprofundados cria as condições para a percepção do novo, não tanto por este já se encontrar no texto, mas porque o pesquisador consegue estabelecer novas e originais conexões. A criatividade e a intuição se fundamentam na impregnação. Intuições de sentidos originais são resultados de uma auto-organização dos conhecimentos do pesquisador, em integração com elementos derivados dos textos analisados, consistindo desta forma em novas aprendizagens de quem investiga.

Para atingir esta impregnação e assim tornar-se mais preparado para as intuições criativas que daí possam auto-organizar-se, o pesquisador pode, ainda, investir no sentido de explicitar sua compreensão de cada unidade identificada e destacada nos textos. Para isto, segundo sugestão de Moraes (1999), poderá reescrevê-las em linguagem própria, ainda que mantendo pontes com os significados originais das mensagens. Dessa forma também estará garantindo relações contextuais que ajudem a compreender cada unidade a partir do contexto do qual elas se originam.

O exercício de reescrita das unidades inicialmente recortadas dos textos constitui-se em um primeiro momento na ação de o pesquisador exercitar seu papel de autor das construções que produz, autoria depois intensificada na redação dos metatextos a que toda análise textual

aspira. Essas reescritas podem, gradativamente, representar afastamentos maiores dos textos em sua forma explícita, constituindo interpretações do pesquisador cada vez mais marcadas por sua autoria.

A intensidade na leitura e a impregnação nos temas não ocorrem de modo simples e linear. A unitarização constitui um processo iterativo, de progressão por aproximações sucessivas. A própria definição da unidade de análise, sua amplitude e seus critérios de constituição, são definidos gradativamente. Os critérios de unitarização se esclarecem ao longo do processo, especialmente quando o pesquisador não adota um conjunto de categorias *a priori*. As regras do jogo se produzem enquanto o jogo evolui.

Considerando que o processo da análise se dá num movimento de constante aperfeiçoamento, exige-se do pesquisador, especialmente nas etapas iniciais da análise, conviver com a insegurança e a ambiguidade de um processo apenas parcialmente dominado. O domínio e a segurança são construídos ao longo do processo. Exige muitas idas e vindas entre os textos e as unidades de significado.

A Análise Textual Discursiva constitui-se em um processo em espiral. Nisto se inclui a unitarização, também de caráter cíclico, de retomada periódica dos mesmos elementos, em um contínuo refinamento. A reflexão constante sobre o processo e os resultados parciais atingidos possibilitam um constante aperfeiçoamento e esclarecimento tanto do processo como dos produtos. A Análise Textual Discursiva não é um movimento linear e continuado; é antes um movimento em espiral em que, a cada avanço, se exigem retornos reflexivos e de aperfeiçoamento do já feito, movimento reiterativo capaz de possibilitar cada vez maior clareza e validade aos produtos.

Em sintese, pode-se afirmar que a unitarização constitui um exercício de leitura intensa e rigorosa, capaz de fazer emergir múltiplos significados a partir de uma reunião de textos, um exercício de desordenação na procura de uma nova ordem. Para isso é necessário um investimento intenso, resultando do processo, além das unidades construídas, também uma impregnação aprofundada nos fenômenos investigados.

É esta impregnação intensa, movimento para o caos e o inconsciente, que possibilitará a intuição de novas organizações e compreensões, um processo cíclico e reiterativo. Numa espiral ascendente vão emergindo níveis de sentido cada vez mais profundos dos fenômenos investigados. No limite entre a ordem e o caos criam-se as condições de emergência de novas ordens, novas compreensões, novas aprendizagens.

Considerações Finais

Pretendeu-se neste capítulo expor e discutir o movimento inicial de uma Análise Textual Discursiva. Apresentou-se a unitarização como um processo de recorte e desconstrução de materiais de comunicação submetidos à análise qualitativa. Dele resulta uma "explosão de ideias", movimento em direção ao caos capaz de possibilitar a emergência de novas formas de compreensão.

Procurou-se demonstrar que o exercício de desconstrução de textos é um processo que exige o envolvimento construtivo e participativo intenso do pesquisador. Constitui uma forma de impregnação com os fenômenos investigados, tendo como meta possibilitar a emergência auto-organizada de novas intuições sobre os temas trabalhados.

Neste processo são envolvidos elementos linguísticos e metodológicos. As leituras propostas pela desconstrução dos materiais da análise visam à construção de unidades elementares de significado, válidas em relação aos fenômenos investigados. Estas unidades serão a base do processo de categorização, movimento subsequente da análise.

Em síntese, a unitarização pode ser entendida como o movimento inicial de um processo de aprendizagem em que se envolve o investigador ao longo de sua pesquisa. De um conjunto ordenado de textos, representando um nível consciente de compreensão dos fenômenos sob investigação, encaminha-se uma "explosão de ideias", movimento para o inconsciente e o caos, capaz de propiciar as condições de emergência de novas compreensões e aprendizagens, a serem expressas e comunicadas nas etapas posteriores da análise.

Capítulo 3

CONSTRUINDO QUEBRA-CABEÇAS OU CRIANDO MOSAICOS?

Aprendizagem e comunicação no processo de categorização

A categorização é uma das etapas do processo analítico de pesquisas qualitativas. Inserindo-se em uma metodologia aberta e em permanente construção, esse movimento de síntese que segue a unitarização desenvolve-se a partir de pressupostos derivados da linguagem com suas características polissêmicas e polifônicas, especialmente quando a pesquisa tem um foco temático e semântico.

A categorização pode encaminhar-se a partir de dois processos localizados em extremos opostos. Um deles, de natureza mais objetiva e dedutiva, conduz às categorias denominadas *a priori*. O outro, indutivo e mais subjetivo, produz as denominadas categorias emergentes. Em qualquer de suas formas a categorização corresponde à construção de uma estrutura de categorias e subcategorias, levando à produção de metatextos (Navarro; Diaz, 1994), compostos de descrições e interpretações dos materiais analisados. Especialmente a abordagem indutiva implica uma construção gradativa do objeto da pesquisa, constituindo a categorização elemento central nesse processo.

O presente capítulo apresenta a categorização como um processo que pode ser entendido como se localizando num espaço entre a construção de um quebra-cabeças e a criação de um mosaico. Dependendo dos pressupostos assumidos, pode aproximar-se mais de um ou de outro desses processos produtivos. Em qualquer uma das metáforas, entretanto, inclui-se a atividade construtiva do pesquisador criando as categorias e não apenas descrevendo algo já inteiramente constituído. Nisso o pesquisador, ao mesmo tempo que aprende, comunica sobre os fenômenos investigados.

O Método e Seus Pressupostos

A categorização é parte do processo de análise e interpretação de informações de pesquisas qualitativas. Pode tomar uma diversidade de direcionamentos, dependendo dos pressupostos assumidos pelo pesquisador em sua análise. Na Análise Textual Discursiva corresponde a uma organização, ordenamento e agrupamento de conjuntos de unidades de análise, sempre no sentido de conseguir expressar novas compreensões dos fenômenos investigados. Equivale, nesse sentido, à construção de estruturas compreensivas dos fenômenos, posteriormente expressas em forma de textos descritivos e interpretativos.

Inicia-se a seguir as discussões da categorização examinando-a como processo classificatório e como metodologia de análise.

A categorização como processo de classificação

A categorização faz parte dos processos cognitivos dos seres humanos. É modo de estabelecer relações das vivências no meio com os sistemas de conhecimento expressos pela linguagem.

Conforme Capra (2002, p. 75), o processo de categorização das experiências é um aspecto fundamental da cognição em todos os níveis de vida. São as categorias que estabelecem a ponte entre as vivências concretas dos seres humanos e as abstrações elaboradas por meio dos conceitos.

No mesmo sentido, Varela, Thompson e Rosch (2000, p. 176) afirmam que

> uma das atividades cognitivas mais fundamentais que todos os organismos desempenham é a categorização. Por esse meio, as experiências individuais são transformadas em conjuntos mais limitados de categorias significativas e aprendidas, às quais os seres humanos e outros organismos respondem.

No contexto da presente discussão a categorização revela-se um exercício de classificação dos materiais de um *corpus* textual. Nisso um conjunto desorganizado de elementos unitários é ordenado no sentido de expressar novas compreensões atingidas no decorrer da pesquisa. Esse processo de classificação é recursivo e iterativo, avançando no sentido de, gradativamente, se explicitarem com maior clareza e precisão as categorias construídas, assim como as próprias regras de categorização.

Categorizar é reunir o que é comum (Olabuenaga; Ispizua, 1989). Corresponde a simplificações, reduções e sínteses de informações da pesquisa, concretizadas por comparação e diferenciação de elementos unitários, resultando em formação de conjuntos de elementos que possuem algo em comum. A categorização constitui um processo de classificação em que elementos de base – as unidades de significado – são organizados e ordenados em conjuntos lógicos abstratos, possibilitando o início de um processo de teorização em relação aos fenômenos investigados.

Para que possa ser concretizado um processo de classificação requer-se a separação e decomposição dos materiais textuais em unidades de base, também denominadas unidades de significado. As categorias se estruturam a partir dessas unidades, podendo formar-se diferentes tipos de categorias a partir da tipologia de unidades de base. Por sua vez, a ordem do processo, da unitarização para a categorização ou o inverso, depende de opções metodológicas e analíticas assumidas pelo pesquisador. Por vezes as unidades precedem as categorias; em outras inicia-se com as categorias. No primeiro caso temos as categorias emergentes, no segundo as categorias *a priori*.

O processo de construção de categorias não ocorre num único movimento. A categorização dá-se por um encadeamento sequenciado de passos analíticos, possibilitando um aperfeiçoamento gradativo dos agrupamentos ou classes. Constitui um processo reiterativo dos elementos em construção, possibilitando uma reconstrução permanente, não só dos produtos da análise, mas também do processo analítico de classificação. A melhora e validação gradativa das categorias estão associadas à produção de uma compreensão cada vez mais aprofundada dos fenômenos. Depende, portanto, das aprendizagens feitas pelo pesquisador em relação ao tema que investiga.

Juntamente com a compreensão dos fenômenos e com a construção das categorias o pesquisador também precisa explicitar suas regras de classificação. Ainda que exista um conjunto de regras gerais de categorização, para cada pesquisa é preciso construir procedimentos específicos para a classificação das unidades de base. Em pesquisas de natureza qualitativa a explicitação desses procedimentos precisa dar-se ao longo do processo, sendo continuamente aperfeiçoada. No final é importante que o pesquisador tenha clareza sobre os procedimentos usados na classificação dos materiais do *corpus*.

Assim, caracterizou-se o processo de categorização descrevendo-o como uma sequência de passos classificatórios que conduz a um conjunto de categorias reunindo elementos semelhantes. Juntamente com essa construção também se constroem compreensões do fenômeno da pesquisa e dos procedimentos de classificação.

Como se insere a categorização dentro do processo de análise mais amplo? É o que se focalizará a seguir.

A categorização no processo de análise

O processo de categorização na análise textual discursiva é longo e exigente. Requer uma clara explicitação de seus pressupostos tanto em teorias de análise quanto de interpretação. Exige uma impregnação aprofundada nas informações, propiciando a emergência auto-organizada de novas compreensões em relação aos fenômenos investigados. Nesse mesmo movimento é preciso eliminar o excesso de informações, apresentando o fenômeno de um modo sintético e ordenado. É, portanto, um movimento que vai de conjuntos desordenados de informações para modos ordenados de apresentar essas mesmas informações. O processo de categorização é diretamente influenciado pelas teorias analíticas e interpretativas que o pesquisador assume em suas pesquisas. Essas opções também têm reflexos no tipo de rigor que os resultados podem atingir.

A categorização pode também se concretizar em uma diversidade de métodos e técnicas. Dois de seus extremos, segundo denominação de Lincoln e Guba (1985), constituem os polos explicativo-verificatório e compreensivo-construtivo. O primeiro tem bases na dedução, enquanto o segundo é de natureza indutiva. Na análise textual discursiva valoriza-se o segundo, ancorado na indução analítica, correspondendo a processos construtivos e emergentes de categorias. Em qualquer de suas abordagens o processo de categori-

zação é constituído de uma sequência de procedimentos integrados, que parte de uma impregnação intensa com os materiais de análise. Leituras reiteradas das informações levam a definir as unidades de análise e posteriormente encaminham a construção das categorias e da lógica de sua elaboração.

A categorização é um processo exigente e que requer esforço e envolvimento. Além de um retorno constante às informações, também exige uma atenção permanente aos objetivos e metas da pesquisa. Uma das maiores dificuldades que o processo apresenta, no entanto, é a necessidade de conviver com a insegurança de um processo criativo, saber lidar com as incertezas da expectativa da emergência de novos modos de compreensão dos fenômenos investigados. Os resultados da auto-organização não têm tempo certo para se manifestarem, o que causa apreensão e angústia, com as quais os pesquisadores precisam saber lidar.

Sintetizando o que se pretendeu discutir nesse primeiro ponto pode-se afirmar que a categorização é um processo de criação, ordenamento, organização e síntese. Constitui, ao mesmo tempo, processo de construção de compreensão dos fenômenos investigados, aliada à comunicação dessa compreensão por meio de uma estrutura de categorias. Pode-se concebê-lo como *construção* de um quebra-cabeças em que o objeto do jogo e suas peças são criadas e ajustadas à proporção que a pesquisa avança. Numa perspectiva mais radicalmente qualitativa, talvez uma metáfora melhor seja a criação de um mosaico, entendendo-se que o mesmo conjunto de unidades de sentido pode dar origem a uma diversidade de modos de organização do produto final. Haveria algumas pesquisas em que o processo não passaria de uma *montagem* de um quebra-cabeças?

Enfatiza-se a *construção* do quebra-cabeças, não sua simples montagem. É a criação do jogo, não simplesmente jogar com peças prontas. Essa criação, dentro do próprio processo, implica a definição gradual das peças, não dadas de antemão, mas resultantes do proces-

so investigativo. A metáfora do mosaico é outro modo de entender o mesmo processo. Também aqui não é um mosaico em que o artista já inicia sabendo qual o produto final a ser obtido. O conteúdo e a forma do mosaico serão definidos a partir dos materiais trabalhados, emergindo o quadro final a partir de intuições criativas do artista. Qual das metáforas seria mais apropriada?

Linguagem e Contexto no Processo de Categorização

Em todo o processo de categorização na Análise Textual Discursiva enfatiza-se a interpretação, a subjetividade e intersubje-tividade de valorização dos contextos de produção e da natureza histórica dos processos de constituição de significados. Ainda que o encaminhamento das análises possa também pretender características mais objetivas e dedutivas, é na vertente mais subjetiva e indutiva que se atingem resultados mais criativos e originais.

Linguagem

A categorização está estreitamente relacionada à linguagem e sua constituição. Num encaminhamento temático as interpretações e os sentidos dos materiais textuais analisados aproximam-se da hermenêutica (Franco, 1986), não havendo sentidos objetivos. Os temas e seus significados são permanentemente construídos e reconstruídos pelo pesquisador, tanto em função de suas próprias teorias como dos contextos de produção em que se originaram.

Em qualquer de seus níveis, na categorização está implicada uma multiplicidade de vozes e sentidos presentes em toda a comunicação, exigindo em cada momento uma reconstrução. Não há sentidos

objetivos, mas estes necessitam ser reconstruídos numa interação do leitor com o autor ou autores dos textos. A análise precisa lidar tanto com a polissemia dos textos como com a sua polifonia, ou seja, com os múltiplos sentidos que possibilitam construir e com as vozes múltiplas que implicam (Wertsch, 1994).

Por essa razão, a análise textual discursiva, ao pretender superar modelos de pesquisas positivistas, aproxima-se da hermenêutica. Assume pressupostos da fenomenologia, de valorização da perspectiva do outro, sempre no sentido da busca de múltiplas compreensões dos fenômenos. Essas compreensões têm seu ponto de partida na linguagem e nos sentidos que por ela podem ser instituídos, com a valorização dos contextos e movimentos históricos em que os sentidos se constituem. Nisso estão implicados múltiplos sujeitos autores e diversificadas vozes a serem consideradas no momento da leitura e interpretação de um texto.

Essa discussão leva a retomar a questão entre objetividade e subjetividade nesses processos de análise.

Entre o objetivo e o subjetivo

As análises textuais movimentam-se num contínuo entre elementos de objetividade e subjetividade. Dentre elas, a análise textual discursiva tende a valorizar elementos subjetivos, o que é evidenciado pelo exercício de leitura do implícito e do uso dos conhecimentos tácitos do pesquisador (Lincoln; Guba, 1985) e dos sujeitos da pesquisa na construção das novas compreensões. São esses elementos que caracterizam um tipo de criatividade e originalidade que é enfatizado nessa modalidade de análise.

A análise textual discursiva, mesmo tendendo ao polo subjetivo, pode apresentar-se com elementos de objetividade. É o que ocorre quando as categorias são definidas de antemão, por dedução de teorias, constituindo as *categorias a priori*.

Por outro lado, assumir uma abordagem mais radicalmente subjetiva na categorização é pretender produzir categorias a partir do próprio material analisado. Isso sempre implica uma diversidade de possibilidades de conjuntos de categorias, dependendo o resultado das teorias e dos conhecimentos do pesquisador. Nesse tipo de classificação, num exercício de respeito às vozes e aos sujeitos participantes da pesquisa, o pesquisador exercita uma construção de categorias que valoriza as perspectivas e construções dos participantes, constituindo o processo, nesse sentido, uma reconstrução e explicitação de categorias que as informações coletadas possibilitam construir.

O encaminhamento de análises textuais discursivas tem se voltado cada vez mais a aprofundar e reconstruir sentidos mais afastados de uma leitura superficial e imediata. Neste sentido não cabe mais referência a manifesto e latente. Todo significado de alguma forma é manifesto, ou todo ele é latente. A diferença está apenas no esforço interpretativo exigido para atingir determinadas camadas de sentido. A profundidade das leituras e interpretações depende de diversos fatores, dentre os quais destaca-se a intensidade de impregnação com os fenômenos investigados.

No processo de análise e de categorização é preciso considerar a importância dos conhecimentos tácitos do pesquisador, tendo o processo neles seus fundamentos. A evolução da construção do caminho analítico e de categorização, entretanto, leva a integrar gradativamente outras teorias, entre elas as teorias em construção no próprio processo da análise. As categorias, na sua versão final, devem constituir uma representação válida dessas teorias emergentes da análise. Isso nos leva a focalizar o contexto e os objetivos da análise como elementos do processo de categorização.

Contexto e objetivos

Dois elementos são importantes na construção de sistemas válidos de categorias. Um deles é a sua necessária relação com o contexto a que se referem. Categorias precisam demonstrar validade contextual. O outro é a relação com os objetivos da pesquisa. Um conjunto de categorias é válido quando é coerente com os objetivos propostos para a pesquisa.

A construção de um conjunto de categorias precisa levar em conta os contextos em que os materiais foram produzidos e os sentidos daí emergentes. As categorias serão válidas se tiverem pontes com os contextos aos quais se referem, representando significados e vozes dos sujeitos envolvidos. Isso ao mesmo tempo implica que possibilitam inferências em relação a esses contextos.

Outro modo em que a categorização garante sua pertinência é seu processamento a partir dos objetivos da pesquisa. As categorias se validam em função de sua coerência em relação aos objetivos da análise. A relação entre categorias e objetivos, todavia, não está estabelecida desde o início da investigação, mas é construída ao longo do processo. É parte da construção do objeto da pesquisa, a qual se completa apenas ao final da investigação. Ainda que em algumas pesquisas os objetivos já se encontrem explicitados com clareza no início do processo, em outros estudos eles vão se clareando apenas na medida em que todo o processo da pesquisa avança.

Em síntese, procurou-se esclarecer nesse ponto os pressupostos linguísticos e hermenêuticos implícitos na categorização. A compreensão do funcionamento da linguagem, a construção de sentidos, os polos objetivo e subjetivo e a importância dos contextos são elementos a serem considerados na produção de categorias válidas e significativas.

Amplia-se a seguir a discussão sobre as categorias, focalizando suas características e tipos.

As Categorias

Ao examinar as categorias de um ponto de vista mais específico, discutem-se alguns atributos que para elas costumam ser exigidos, destacando-se, de modo especial, a questão da validade. A partir disso examina-se os dois principais tipos de categorias que se produzem no processo de classificação de materiais textuais, as categorias *a priori* e as categorias emergentes.

Atributos de categorias

A propriedade mais destacada de um conjunto de categorias é sua validade ou pertinência. Essa característica refere-se às possibilidades de representar os textos analisados, o que depende dos objetivos da pesquisa. Quando as categorias apresentam validade elas são úteis para a pesquisa. Ainda que a validade possa ser examinada de várias perspectivas, em última análise ela requer um fundamento teórico. As categorias necessitam ter validade teórica, o que tanto pode ser conseguido com sua derivação de teorias *a priori*, como pode ser construída gradativamente a partir da própria teorização num processo de derivação de categorias emergentes (Strauss, 1987). Em qualquer dos encaminhamentos a questão da validade é central no processo de categorização. Não é garantida desde o início, mas corresponde a um processo de construção ao longo de todo o processo da pesquisa.

A validade é a primeira e mais fundamental característica de um conjunto de categorias. Outra é a homogeneidade.

Categorizar é reunir o que é semelhante. Na construção de conjuntos de categorias é importante que a organização se dê a partir de um único critério. O uso de uma única dimensão na classificação dos materiais conduz a categorias homogêneas, homogeneidade que deve ser aplicada a cada nível de categorização.

Assim, quando uma análise leva a diferentes níveis de classificação, correspondendo a categorias mais gerais, num nível mais amplo, e categorias mais específicas, nos outros níveis, o critério da homogeneidade precisa aplicar-se a cada nível de forma independente. Cada nível de categorias precisa ter especificado seu critério de classificação. Esses critérios ou princípios de categorização devem ser descritos e explicitados com clareza. Esse é um processo em que, ao mesmo tempo que o objeto da pesquisa vai se constituindo, também os critérios de formação de categorias vão se tornando cada vez mais claros.

Uma terceira característica de um conjunto de categorias é sua amplitude e precisão.

O processo de categorização pode conduzir à construção de sistemas de categorias de diferentes amplitudes. Diferentes níveis de categorização, em consequência, podem apresentar diferentes amplitudes e graus de precisão. No processo classificatório podem ser importantes tanto categorias de menor amplitude, geralmente mais precisas, quanto categorias mais amplas, de menor precisão. O pesquisador organizará ao longo de sua pesquisa uma estrutura que contém tanto categorias amplas quanto de menor amplitude. As categorias mais gerais e amplas contêm dentro delas subcategorias, mais restritas e de menor amplitude. No processo de categorização *a priori* o encaminhamento normalmente vai do geral ao específico. Na categorização emergente o caminho geralmente se dá no sentido inverso, ou seja, de categorias mais finas até aquelas mais amplas e gerais.

Outro atributo que costuma ser exigido de um conjunto de categorias é que ele deve ser exaustivo. Quando o pesquisador reúne um conjunto de materiais em sua pesquisa, não pode limitar sua classificação a apenas alguns deles. Os conjuntos de categorias que constrói devem ser exaustivos, isto é, devem incluir todos os materiais pertinentes ao estudo. É importante destacar que isso não significa

necessariamente classificar todo o material coletado. Antes é preciso examinar a sua validade em função dos objetivos da pesquisa. Só necessitam ser classificadas informações efetivamente pertinentes à pesquisa e aos fenômenos investigados. A exaustividade também é delimitada pelo critério da saturação. Uma vez que a inclusão de novos materiais em categorias já construídas não trouxer mais novos elementos de compreensão, é improdutivo continuar a categorizar mais materiais.

Finalmente discute-se uma última característica de um conjunto de categorias. Trata-se da denominada exclusão mútua. Historicamente algumas metodologias de análise textual têm enfatizado a regra de exclusão mútua no processo da categorização. Entende-se por esse critério que cada elemento unitário a ser classificado só poderá pertencer a uma única categoria ou classe. Considera-se, porém, ser questionável levar ao extremo tal regra tendo em vista dois argumentos que se complementam.

Em primeiro lugar, no processo de unitarização nunca se atinge unidades de análise para as quais se possa garantir um único sentido, acarretando, portanto, sempre a possibilidade de enquadramento em mais de uma categoria. Quando uma mesma unidade de análise puder ter mais de um sentido, poderá ser classificada em mais de uma categoria. Isso geralmente ocorre quando as unidades são relativamente amplas.

Além disso, estudos linguísticos têm comprovado que as categorias dificilmente apresentam delimitações precisas, havendo geralmente um núcleo em que a propriedade característica da categoria é intensa, reduzindo-se essa intensidade à proporção que se afasta do núcleo central (Varela; Thompson; Rosch, 2000). Nos limites de separação com as outras categorias há espaços em que podem surgir dúvidas ao se enquadrar determinado elemento em uma ou outra categoria. Por isso entendemos que, mesmo que se mantenha a regra

da exclusividade mútua, por ser inerente à linguagem e ao conceito de categorização, ela deve ser relativizada, podendo-se com isso superar em parte a fragmentação que o processo de análise acarreta.

Pode-se aqui retomar as duas metáforas anteriormente contrastadas como modos de entendimento do processo de categorização: os quebra-cabeças e o mosaico. No primeiro as partes, uma vez construído o quebra-cabeças, são perfeitamente delimitadas. Já no mosaico, ainda que se possam identificar partes significativas no todo, essas se interpenetram, diluindo-se suas fronteiras. Assim, entende-se que pode haver alguns tipos de pesquisas em que as categorias se aproximam mais de um quebra-cabeças. Em outras, a melhor metáfora talvez seja o mosaico.

Categorias a priori e categorias emergentes

De uma maneira geral, ao tratar o processo de categorização costuma-se apresentar dois modos de conduzi-lo. O primeiro trabalha com categorias *a priori*, trazidas para a pesquisa antes da análise propriamente dita. O segundo ocupa-se com categorias emergentes, ou seja, as categorias são construídas a partir dos dados. Essas formas de produzir categorias também podem ser denominadas de modo fechado e modo aberto, tendo o primeiro fundamentos dedutivos e o segundo indutivos. Ainda se poderia apresentar um terceiro modo, o misto (Laville; Dionne, 1999). Nessa modalidade de construção de categorias inicia-se com aquelas fechadas ou *a priori*, possibilitando o processo da análise criar subcategorias, induzidas dos dados analisados, a parte aberta do processo.

As opções adotadas pelo pesquisador em relação aos modos de conduzir o processo de categorização revelam pressupostos epistemológicos e paradigmáticos. Pesquisas qualitativas dão preferência a metodologias abertas, favorecendo-se a emergência de categorias ao longo do processo de análise.

No processo de categorização *a priori* ou fechado as categorias são predeterminadas, ou seja, fornecidas de antemão. A origem das categorias nesse caso será geralmente alguma teoria em que se fundamenta a pesquisa, com as categorias sendo deduzidas dessa teoria. Ainda que essa abordagem de análise possa vincular-se a pesquisas qualitativas, ela valoriza dimensões próximas de abordagens mais voltadas à verificação de hipóteses, quantificação e enumeração, valorizando a objetividade. Mesmo que o pesquisador não tenha consciência disso, o estabelecimento prematuro de questões de pesquisa, a utilização de questionários fechados e o emprego de hipóteses definidas de antemão, representam formas de categorização *a priori*. De algum modo, em assim procedendo, o pesquisador estabelece caixas, a partir de denominação de Bardin (1977), em que os materiais serão então classificados.

O processo de categorização *a priori* apresenta certos riscos. A imposição prematura de um esquema rígido de categorias pode implicar a perda de dados significativos que não têm categorias para enquadrá-los. Isso se reflete na validade ou pertinência do sistema de categorias, pelo fato de não considerar elementos imprevistos que, entretanto, podem ser relevantes para a ampliação da compreensão dos fenômenos investigados.

Já o processo de produção de categorias emergentes dá-se a partir de análises indutivas. A indução analítica (Lincoln; Guba, 1985) é um modo de chegar a um conjunto de categorias indo das informações e dados para classes de elementos que têm algo em comum. É um movimento que vai dos elementos unitários e específicos para aspectos abstratos e gerais, as categorias. Quando adota a análise indutiva o pesquisador não parte de hipóteses *a priori*, mas estas são construídas ao longo do processo em forma de hipóteses de trabalho.

As categorias emergentes não são previstas de antemão, mas construídas a partir dos dados e informações obtidos das pesquisas. O processo de construção desse tipo de categoria implica a organização de estruturas de vários níveis, indo o movimento das categorias mais específicas e de menor amplitude para as mais gerais e amplas.

A adoção do processo emergente exige uma definição gradual das categorias. A clareza e validade do conjunto de categorias somente se completam no final da análise. O processo é recursivo, obrigando a retomadas constantes para sua qualificação.

Na discussão anterior, em vários momentos, aparece a idéia de hipóteses. Como elas se mostram na categorização?

Ainda que se possa admitir a condução de pesquisas sem hipóteses, quando estas são usadas podem aparecer sob duas formas: teste de hipóteses *a priori* e criação de hipóteses. A primeira relaciona-se mais especificamente às pesquisas com pretensão de generalização. Já a criação de hipóteses dentro do processo da análise conduz às hipóteses de trabalho, uma característica de pesquisas com ênfase no qualitativo. Nesse caso, estabelece-se uma relação estreita entre as hipóteses e as categorias emergentes. Ambas são produzidas num processo reiterativo, ocorrendo um refinamento gradativo ao longo do processo da análise. As hipóteses de trabalho se aproximam dos argumentos aglutinadores, enunciados abstratos que ajudam a integrar os resultados das pesquisas.

Sintetizando o que se pretendeu abordar neste item, pode-se afirmar que um conjunto de categorias necessita ser construído de modo a atender a algumas características, das quais depende sua qualidade. Isso tanto se aplica quando o processo é dedutivo, operando-se com categorias *a priori*, quanto na opção por categorias

emergentes, construídas indutivamente. No conjunto das características imprescindíveis de um sistema de categorias destaca-se de modo especial sua validade.

Movimentos para Além das Categorias

O processo de categorização, ao longo de sua própria concretização, já anuncia um movimento adiante na pesquisa. A construção de categorias prepara descrições e interpretações que se baseiam na estrutura das categorias, encaminhando-se assim os resultados de uma investigação. No seu conjunto representam sínteses elaboradas pelo pesquisador no sentido de expressar as novas compreensões atingidas em relação ao seu objeto de pesquisa. Navarro e Diaz (1994) denominam metatextos as expressões escritas que resultam das descrições e interpretações, a partir das categorias.

Produção de metatextos

A Análise Textual Discursiva pode ser caracterizada como exercício de produção de metatextos, a partir de um conjunto de textos. Nesse processo constroem-se estruturas de categorias, que ao serem transformadas em textos, encaminham descrições e interpretações capazes de apresentarem novos modos de compreender os fenômenos investigados.

Categorizar é construir estruturas, em que diferentes níveis de categorias se interpenetram, no sentido de representar o fenômeno investigado como um todo. A estrutura resultante do processo de classificação dos materiais de pesquisa, correspondendo a um sistema de categorias e subcategorias, é parte de um processo de busca de compreensão e de teorização. Constitui, nesse sentido, um movimento

sempre inacabado, destacando-se, de modo especial, a recorrência do processo em que, a cada retomada dos mesmos elementos, consegue-se expressar melhor as compreensões que vão sendo construídas.

Os sistemas de categorias correspondem a sínteses dos elementos que mais se destacam nos fenômenos investigados. Nesse sentido, constituem pontes para a realização de inferências dos textos aos contextos, dos materiais analisados para os fenômenos pesquisados. A concretização, cada vez mais elaborada, dessas inferências, aparecerá em forma de metatextos descritivos e interpretativos, expressando as compreensões atingidas.

Sendo o sistema de categorias a estrutura de base de um metatexto, a descrição constitui a parte deste voltada a expressar de modo mais direto e imediato essa compreensão associada às categorias. Já a interpretação corresponde a um exercício de afastamento e abstração em relação às categorias propriamente ditas, conduzindo a teorizações cada vez mais aprofundadas, à medida que o processo avança. Seguidamente as compreensões mais profundas e originais somente conseguem ser explicitadas pelo uso de metáforas (Martínez, 1994), posto que as teorizações mais criativas exigem tempo para se estabelecerem na linguagem de um modo mais direto.

Categorização e teorização

A categorização é o momento de síntese e organização de um conjunto de informações relativas aos fenômenos investigados. Essas sínteses são as teorizações do pesquisador, produzidas a partir de perspectivas teóricas implícitas dos sujeitos da pesquisa e do próprio pesquisador, sempre em interlocução com outros teóricos. Requerem contínuo aperfeiçoamento, adequação e refinamento no decorrer do processo da análise e produção escrita. O processo da categorização

constitui estratégia de movimento da pesquisa que vai do empírico ao abstrato, dos dados coletados para as teorias construídas ou reconstruídas pelo pesquisador.

A categorização é, assim, parte integrante do movimento de teorização que toda pesquisa pretende. Dados e informações reunidos ao longo de investigações sempre pressupõem teorias, expressas pelos conhecimentos tácitos dos sujeitos da pesquisa. As categorias, especialmente as emergentes, constituem forma de explicitação dessas teorias implícitas dos sujeitos, concretizada a partir da perspectiva do pesquisador. Essa explicitação expressa pelas categorias, descrições e interpretações, revela-se um processo iterativo e recorrente, essencialmente hermenêutico, possibilitando maior clareza e precisão teóricas à medida que o processo se aproxima de seu fechamento.

Considerações finais

Concluindo este capítulo, afirma-se que a categorização é parte do movimento de síntese e reconstrução da pesquisa em que o pesquisador constrói e estrutura novas formas de compreensão dos fenômenos que investiga, sistematizando estruturas discursivas que se mostram a partir de sua impregnação nos fenômenos investigados. Esse processo de ordenamento e tomada de consciência exige desfazer-se de grande parte da informação anteriormente reunida e analisada (Demo, 2000b). A síntese final, a teoria construída, evidencia a capacidade do pesquisador de abandonar os detalhes do empírico para expressar o discurso investigado em seus aspectos mais importantes.

Categorizar é, ao mesmo tempo, parte do processo de aprender sobre os fenômenos investigados e da comunicação das aprendizagens feitas. Aprender e comunicar complementam-se no processo

de categorização. Categorizar é uma construção de quebra-cabeças, uma criação de mosaicos. Seus produtos são as teorias que ajudam a explicitar compreensões atingidas ao longo de pesquisas, expressas em forma de metatextos. Ao envolver-se numa categorização o pesquisador não expressa apenas uma realidade linguística já dada. O processo da análise e da categorização é um modo de aprender sobre os fenômenos investigados e a expressão e comunicação das novas compreensões necessitam ser produzidas ao mesmo tempo em que as aprendizagens se concretizam, as duas faces de Jano a serem trabalhadas no próximo capítulo.

Capítulo 4

MOVIMENTANDO-SE ENTRE AS FACES DE JANO:[1] O comunicar e o aprender na produção escrita que acompanham a Análise Textual Discursiva

O presente capítulo objetiva discutir o processo da escrita que ocorre como parte da análise e interpretação de dados na Análise Textual Discursiva. Defende-se o argumento de que a produção escrita constitui-se, ao mesmo tempo, em aprendizagem e comunicação. Tal como Jano, essa produção tem duas faces: a do aprender e a do comunicar.

Os argumentos para fundamentar essa tese são propostos em três partes: 1) Escrever é preciso; 2) Descrever, interpretar e argumentar são modos de teorizar; 3) Produzir mapas e aprender a comunicar. O texto culmina com a metáfora da construção de mapas, que representam as teorias que o pesquisador vai construindo e comunicando ao longo da sua produção escrita.

[1] Deus romano das portas, com duas faces: uma virada para dentro da cidade e outra para fora dos muros, uma representando a paz e a outra a guerra.

Escrever é Preciso[2]

Pretende-se explorar nessa primeira parte o significado e o encaminhamento da produção escrita voltada a comunicar os resultados de análises textuais discursivas. O processo é proposto como uma produção do pesquisador, em que este se assume autor, ainda que inserindo em seu texto as múltiplas vozes presentes em sua pesquisa. Argumenta-se que essa escrita pode ser organizada e validada a partir das categorias de análise anteriormente construídas, aperfeiçoando--se a estrutura e a clareza do texto enquanto se avança. Finalmente, defende-se a ideia de que é preciso escrever desde cedo e ao longo de todo o processo da análise, uma vez que o escrever é um modo de construção de maior compreensão sobre os fenômenos investigados.

Significado da produção escrita na pesquisa

O produto final de uma Análise Textual Discursiva é um metatexto (Navarro; Diaz, 1994), expressão por meio da linguagem das principais ideias emergentes das análises e apresentação dos argumentos construídos pelo pesquisador em sua investigação, capaz de comunicar a outros as novas compreensões atingidas.

Essa produção escrita, concretizada a partir das análises e interpretações de uma investigação, não constitui expressão objetiva dos conteúdos de um *corpus* de análise, mas representa construções e interpretações pessoais do pesquisador, tendo sempre como referência uma fidelidade e respeito às informações obtidas com os sujeitos da pesquisa.

[2] Expressão retirada de: Marques, Mario Osorio. *Escrever é preciso* – o princípio da pesquisa. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1997.

As produções textuais, elaboradas pelo pesquisador a partir de suas análises, incluem inferências dos textos analisados aos seus contextos. Seja a partir de processos indutivos ou intuitivos, o pesquisador, mediante a inferência, ousa ir além do que se mostra diretamente, movimento de abstração que garante relevância teórica ao trabalho realizado. Nesse exercício de produção de novos significados é importante levar em conta os contextos históricos e as situações concretas em que os dados analisados foram produzidos.

É importante destacar que em se tratando de análises essencialmente qualitativas, não se está aqui tratando de inferências estatísticas do tipo que pretende generalizar a partir de hipóteses, inferindo-se de uma amostra à respectiva população, mas de avanços de explicação e compreensão atingidos nas análises, entendimentos que extrapolam as informações coletadas diretamente na pesquisa.

Organização da escrita

No movimento da escrita o desafio é conseguir expressar construções criativas e originais. A escrita qualifica-se quando o autor tem algo a dizer (Schopenhauer, 1998). Nesse sentido, a produção escrita é um movimento de constituição de pensamentos próprios, argumentos originais, movimento que vai dos textos ao contexto, do inconsciente ao consciente. O escrever é movimento do caos para a ordem, um exercício de ordenamento de algo inicialmente desordenado, de construção de novas formas de organização, elaboradas pelo pesquisador a partir de sua pesquisa. Ao final das análises e da escrita é preciso ter algo a dizer e dizê-lo de forma clara e organizada.

Em qualquer das formas de análise, a qualidade de um texto depende de sua estrutura ou macro-organização. Esta pode ser organizada a partir do conjunto de categorias e subcategorias construídas

ao longo do processo de análise (Moraes, 1999). A estrutura de categorias encaminha descrições, interpretações e novas argumentações, representando, em seu conjunto, a teorização e compreensão construídas a partir da pesquisa. Saber empregar as categorias construídas na análise para organizar a produção escrita é uma forma de atingir descrições e interpretações válidas dos fenômenos investigados.

Tal como as próprias categorias, a estrutura do metatexto necessita ser aperfeiçoada ao longo do processo da escrita, atingindo-se modos de organização cada vez mais coerentes e consistentes, juntamente com a compreensão construída em relação ao fenômeno investigado.

Início da escrita

Dentro do processo da análise, é preciso envolver-se na escrita desde cedo, apesar dos receios e inseguranças que essa atividade possa representar. É preciso se arriscar, se expor. É necessário escrever, mesmo que ainda não se tenha clareza e precisão no que será escrito (Marques, 1997). É importante expressar as intuições e as novas ideias que emergem. É pela escrita que elas serão clarificadas e aperfeiçoadas.

Nesse movimento de qualificação, a construção de uma tese ou argumento central é essencial. Ter o que dizer é o ponto de partida para poder dizê-lo com clareza e precisão (Demo, 2001). No processo de aperfeiçoamento de um texto, a crítica também desempenha um papel essencial, conforme será apresentado mais adiante.

O encaminhamento de uma produção escrita, a partir dos resultados das análises de uma pesquisa, dificilmente dá-se pela produção de um texto completo e acabado desde o início e de uma vez por todas. Ao contrário, é recomendável ir produzindo pequenos textos para

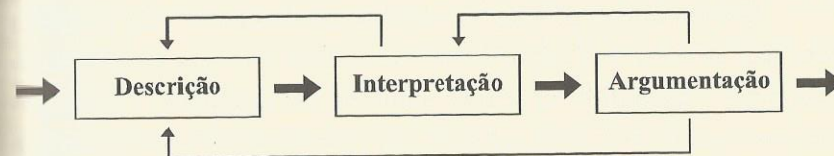
cada uma das categorias e subcategorias. De algum modo a escrita se dá a partir dos parágrafos, os quais serão então organizados e encadeados ao longo da produção escrita, de modo que a compreensão e clareza vão se constituindo como processo construtivo gradual, em que, somente ao final, se terá o texto em sua integralidade e em sua clareza mais avançada.

Em síntese, a escrita é parte central de qualquer pesquisa. Necessita ser encaminhada desde cedo, ainda que não se tenha clareza e segurança suficientes sobre o que expor. A organização do texto e os argumentos a serem focalizados serão construídos ao longo do processo. O escrever encaminhará tanto a comunicação dos resultados quanto possibilitará novas aprendizagens sobre os fenômenos investigados.

Quais serão os elementos básicos dessa produção escrita?

Descrever, Interpretar e Argumentar são Modos de Teorizar

Passa-se agora a discutir os componentes de um texto produzido como parte dos resultados de uma análise textual discursiva. Defende-se que produções escritas dessa natureza devem ser compostas de descrição, interpretação e argumentação integradora. No seu conjunto, apresentam-se esses elementos como constituindo parte da teorização da pesquisa, sendo apresentados na Figura 1 e trabalhados independentemente na sequência do texto.

Figura 1 – Componentes de uma produção escrita, implicando teorização

Produção de descrições

Descrever é expressar de modo organizado os sentidos e significados construídos a partir das análises. É expor os elementos constituintes de um fenômeno e as relações existentes entre eles, a partir do que foi compreendido com base nas análises. As descrições necessitam ser logicamente estruturadas, o que é garantido pelo sistema de categorias e subcategorias construídas na categorização.

As descrições precisam ser densas, com intensas ancoragens na realidade empírica. Isso garante, ao mesmo tempo, sua validade e contextualização. É especialmente nas descrições que são importantes as interlocuções empíricas com os sujeitos da pesquisa. O uso de manifestações dos participantes de uma pesquisa é uma das formas de garantir a validade das descrições. A intersubjetividade atingida pela escuta e acolhimento das vozes dos outros sujeitos envolvidos na pesquisa possibilita expressar explicações e compreensões coletivas, já anteriormente constituídas pelos participantes em relação aos fenômenos investigados.

Marques (2002, p. 229) iguala esse esforço construtivo de expressão escrita com o próprio pesquisar:

> ...(pesquisar) é produzir um texto de rica intertextualidade no qual se conjuguem, em uma intersubjetividade sempre ativa e provocante desde suas bases socioculturais, as muitas vozes de uma comunidade argumentativa especialmente convocada para o debate em torno de determinada temática; sejam as experiências do pesquisador, sejam os testemunhos de um campo empírico, sejam os testemunhos do respectivo campo teórico.

Afirmar que as produções escritas originadas de uma pesquisa precisam ser válidas é advertir que necessitam ter capacidade descritiva, o que é garantido a partir da validade das categorias e dos argumentos construídos. Essa validade diz respeito à pertinência do que

se afirma em relação aos fenômenos investigados, e uma das formas de consegui-la é empregando os depoimentos, falas ou expressões escritas dos sujeitos participantes das pesquisas. É o que se denomina ancoragem empírica (Bernardo, 2000). Para que uma produção escrita seja válida, tanto em seus aspectos descritivos quanto interpretativos, os sujeitos da pesquisa precisam sentir-se contemplados em seus modos de compreender os fenômenos investigados. Assim, os textos produzidos devem expressar mais do que a compreensão pessoal do pesquisador, ou seja, precisam descrever explicações e compreensões dos participantes, ainda que reconstruídas pelo pesquisador. Isso, evidentemente, não precisa ser atingido num sentido pessoal de cada participante, mas num sentido discursivo coletivo, numa base sociocultural, segundo expressão de Marques.

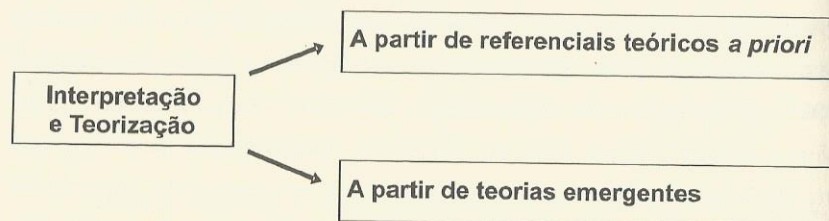
Tendo isto em vista, os fenômenos podem ser examinados tanto em sua extensão como em sua profundidade. O primeiro aspecto pode ser associado ao quantitativo e o segundo ao qualitativo (Demo, 2001). Especialmente no momento descritivo com o foco na extensão, a quantificação, seja em forma de frequências, porcentagens ou medidas de diferentes naturezas, pode ser elemento importante para expressar um entendimento inicial do objeto da pesquisa. Os números complementam descrições qualitativas dos fenômenos e vice-versa. Não se deve fugir deles, mesmo que a abordagem da pesquisa seja qualitativa. Revelam-se outros modos de caracterização dos fenômenos e, como tal, podem ser importantes para a validade dos textos produzidos.

Ainda que as descrições constituam parte que não pode faltar no relatório de uma pesquisa, o pesquisador não pode se deter apenas nelas. As descrições representam resultados da pesquisa próximos ao empírico, às realidades investigadas. Além delas, exige-se um momento de abstração, de afastamento de enunciados contextua-lizados, para atingir interpretações mais aprofundadas.

Produção de interpretações

A parte da produção escrita que apresenta as interpretações do pesquisador expressa as novas relações e inferências entre os elementos constituintes de um fenômeno identificadas durante a análise, expõe novos sentidos e significados, explorando e explicitando dinâmicas cada vez mais profundas dos fenômenos.

A explicitação das novas relações geralmente encaminha-se a partir da estrutura de categorias anteriormente produzida, atingindo novas camadas de sentido. Constitui parte do processo de teorização de uma pesquisa. Interpretar pode tanto significar o avanço de teorias já existentes, como a construção de novas. São duas formas de interpretação a serem exploradas a seguir e mostradas na Figura 2.

Figura 2 – Dois modos de interpretação

Um dos modos é aquele em que o pesquisador procura correspondências ou associações com modelos teóricos que assumiu anteriormente na pesquisa, procurando integrar seus resultados com esses marcos teóricos. Eventualmente isso pode resultar em avanços nas teorias iniciais. Nesse sentido, a interpretação é parte do movimento de teorização e transformação de concepções teóricas assumidas *a priori*, que as novas pesquisas possibilitam ampliar, aprofundar e reconstruir.

O outro modo de interpretação baseia-se nas teorias que vão emergindo das análises, correspondendo às pesquisas em que as categorias são construídas a partir das informações coletadas. Nesse

caso, interpretar é explicitar inter-relações entre as categorias emergentes da análise. A estrutura das categorias construídas torna-se instrumento de interpretação, constituindo essa própria estrutura um modo de expressar teorias (Martínez, 1994), que então é aprofundado e explicitado por meio de exercícios de reflexão, retorno às informações e intuição pessoal do pesquisador. Nesse movimento participam intensamente os conhecimentos tácitos do pesquisador, exigindo-se, entretanto, um controle sobre esses saberes, de modo que o ponto de vista do pesquisador não se transforme em fator único de interpretação, mas que as perspectivas dos outros participantes também sejam consideradas. Isso pode constituir o que Demo (2001, p. 56) denomina de análise culturalmente plantada.

Assim, o momento interpretativo, ainda que derivando da descrição e se prendendo à realidade empírica, constitui abstração e afastamento da realidade imediata investigada, movimento no sentido de expressar novos entendimentos e construções teóricas produzidas na pesquisa.

Construção de argumentos

É característica da pesquisa ter pretensões de teorização. Teorizar nesse sentido é um movimento em que de uma leitura de um primeiro plano o pesquisador procura atingir níveis mais aprofundados de compreensão, explicação e interpretação. Atingir isso corresponde a explicitar abstrações e relações teóricas cada vez mais aprofundadas relativas aos fenômenos investigados. É conseguir expressar relações e inter-relações cada vez mais complexas entre os elementos resultantes da análise.

Conforme destacado, uma das condições primordiais para construir um texto de qualidade é ter algo novo a dizer. A produção textual necessita ser encaminhada de tal forma que o pesquisador expresse suas próprias compreensões e argumentos em relação aos

fenômenos que investiga. Isso pode ser obtido a partir de uma estrutura argumentativa constituída de argumentos parciais, derivados das categorias da análise, reunidos num argumento global, integrador das partes. Esse argumento também pode ser denominado de hipótese de trabalho ou tese. O conjunto dos argumentos, hipóteses ou teses de um texto constitui a teoria que está sendo reconstruída ou que vai emergindo da análise.

O argumento central ou tese do trabalho não necessita estar presente desde o início da produção escrita. Ao contrário, em geral é produto do avanço da compreensão e aprendizagem sobre os fenômenos investigados que a pesquisa e a escrita possibilitam, entretanto, ainda que não se exija do pesquisador uma tese desde o começo de sua escrita, ela é importante no encaminhamento qualificado de uma produção textual, recomendando-se que o texto seja organizado em torno dela.

Mesmo que a partir dessa apresentação possa parecer um processo simples, a construção de argumentos consistentes e bem-fundamentados é complexa, exigindo saber conviver com a insegurança de um caminho de criação, cheio de percalços. Ser criativo é ser capaz de permanecer tranquilo em meio à incerteza e confusão (Capra, 2002, p. 136). Tanto os argumentos parciais como o argumento global são produzidos como parte das análises e interpretações da pesquisa. Emergem junto com o sistema de categorias produzido pelo pesquisador, solicitando aperfeiçoamentos até o final da pesquisa. Espera-se que no relatório final constituam uma rede bem-tecida de argumentos capazes de expressarem com clareza e rigor os resultados.

Pesquisar e teorizar

Pesquisas de qualidade necessitam ir além da descrição, posto que esta sozinha contribui pouco para um avanço na compreensão dos fenômenos. Descrever, no sentido aqui adotado, limita-se a

operar, basicamente, nos níveis de teorias já existentes, sejam do pesquisador, sejam dos participantes da pesquisa. Por isso as pesquisas, especialmente no momento da produção escrita, necessitam movimentar-se entre os objetivos teóricos e os suportes empíricos, e precisam combinar descrição com interpretação, desafiando-se a superar teorias existentes no sentido de atingir novas compreensões dos fenômenos sob investigação. Nesse mesmo movimento podem, também, propor-se a transformar práticas existentes.

Um bom texto vai da descrição e narrativa para a interpretação e argumentação. Segundo Demo (2001), a extensão se descreve; a profundidade solicita argumentos. Os argumentos vão além das descrições e das categorias. Por isso volta-se a enfatizar que uma produção escrita de qualidade precisa girar em torno de uma tese, uma hipótese ou ponto de vista que o pesquisador assume defender, modificações que ele produz no discurso existente. Os argumentos devem ser fundamentados tanto teórica como empiricamente, de modo que essas modificações sejam consideradas válidas por parte daqueles a quem se referem ou que tomam contato com elas.

Ainda que a argumentação no seu sentido retórico vise a convencer, é importante que se produza num contexto de construção de autonomia, propiciando a todos ampliarem sua participação nos discursos, sempre de forma crítica e fundamentada. A autonomia aqui apontada não é de caráter individual, mas de sujeitos participantes de um mesmo discurso e capazes de se assumirem sujeitos, manifestando sua própria voz no contexto de outras vozes. Nisso se enquadra, também, o próprio pesquisador.

O avanço da descrição para a interpretação exige investimento intenso em teorias já existentes. Somente consegue ir além de teorias existentes sobre um fenômeno quem domina um referencial teórico significativo sobre o que investiga. Interpretar exige investir em pensamento próprio, no sentido de conseguir superar o já posto, reconstruindo-o. Ser criativo e original no avanço teórico de uma

pesquisa implica estabelecer novas relações entre elementos de base de um fenômeno, sejam já anteriormente fornecidos por teorias existentes, sejam construídos dentro do processo da pesquisa.

Desse modo o sentido de teorizar, aqui proposto, é de conseguir enxergar além do que o discurso dominante permite. É avançar nas explicações existentes, reconstruindo-as ou construindo novos modos de compreensão. Por contraditório que possa parecer, esse movimento é tanto mais fácil quanto maior a bagagem teórica do pesquisador sobre seus objetos de pesquisa. A criatividade não ocorre no vazio; a teorização também se dá a partir de compreensões e explicações já existentes.

Sintetizando o que se pretendeu apresentar e defender nessa segunda parte do capítulo, pode-se afirmar que uma produção escrita, resultante de uma Análise Textual Discursiva, é composta de descrições, interpretações e argumentos integradores. No seu conjunto, o movimento recursivo entre esses elementos constitui a teorização proposta a partir da pesquisa, a partir da qual novas explicações e compreensões são construídas e expressas.

Produção de Mapas é Aprender a Comunicar

Na última parte do presente capítulo procura-se aprofundar a discussão do processo da escrita apresentando-o como uma integração entre aprender e comunicar. Os textos não são escritos apenas para comunicar algo já perfeitamente conhecido; também são elaborados para aprender, para constituir novos modos de compreender a realidade. São movimentos de construção de mapas, produzidos para representarem terrenos, explorados e conhecidos ao longo da própria construção dos mapas, num processo nunca acabado de qualificação, validação e aperfeiçoamento.

Evolução das produções escritas

Uma produção escrita não se realiza numa única tentativa. O retorno periódico aos elementos e argumentos do texto possibilita enriquecê-lo, completá-lo e aperfeiçoá-lo. Por isso afirma-se que a produção escrita ocorre num processo em espiral, em que o texto nunca está inteiramente concluído, podendo-se atingir novas camadas de sentido e compreensão a cada retomada dos seus elementos constituintes.

Nesse processo cíclico e reiterativo a produção escrita qualifica-se a partir da crítica. Criticar é mostrar os limites e as deficiências das produções. Por isso, à medida que o trabalho avança, é importante submetê-lo a diferentes leitores, aumentando-se gradativamente as exigências e o rigor da crítica. Com as mudanças e aperfeiçoamentos possibilitados a partir disso, os textos tornam-se cada vez mais válidos e consistentes, atingindo assim um caráter científico sempre mais qualificado. O processo representa, ao mesmo tempo, a construção de uma aprendizagem continuada sobre os temas investigados.

Esse movimento de ir e vir entre o compreender melhor o que está sendo escrito e o ato de escrever é fascinante. A cada nova leitura percebe-se um detalhe, um fato, uma palavra, algo que necessita ser modificado para dar um sentido mais preciso aos argumentos e teses. Nesse processo dialógico estarão presentes tanto o próprio pesquisador com sua autocrítica quanto outros interlocutores representando a comunidade científica.

Comunicar e aprender

Uma produção escrita de qualidade exige envolvimento e impregnação aprofundados nos fenômenos sobre os quais se escreve, ainda que o próprio exercício da escrita também produza isto. Escrever com qualidade exige abandonar-se no caldeirão da comple-

xidade de relações e inter-relações que caracterizam a complexidade dos fenômenos (Demo, 2001). Somente esta impregnação intensa possibilita criar as condições de emergência do novo e do original. Esse envolvimento, entretanto, não é apenas anterior ao processo da escrita. Impregnar-se e escrever são concomitantes e devem ocorrer ao longo de todo o processo. Impregnar-se nos fenômenos investigados é condição para uma escrita de qualidade porque implica aprender.

Dificilmente se escreve, apenas, para comunicar algo já perfeitamente claro e ordenado. Seria apenas copiar (Marques, 2000). Escrever, especialmente a partir da análise de informações de pesquisas, é um exercício de aprender, de construção de compreensão. Assim, em geral, as primeiras tentativas de escrita são inacabadas, com pouca clareza e sistematização. O avanço no processo constitui, ao mesmo tempo, um processo de aprendizagem e um modo de comunicação. Essa ideia aparece com clareza em Machado (2002, p. 50) quando este afirma que "começamos a entender que escrever é uma ferramenta para a elaboração de idéias, para a construção e criação de conceitos e não intervém apenas, como se pensava, na formatação final".

Entendendo-se a realidade como complexa em sua natureza, e tendo-se em vista seu caráter dinâmico e de permanente movimento, sua descrição, interpretação e compreensão não se esgotam. Por isso afirma-se, assumindo uma perspectiva fenomenológica, que as análises sempre podem atingir novas camadas de significado dos fenômenos que focalizam. As compreensões mais profundas exigem retornos às produções iniciais para seu refinamento e clarificação. Ainda que intuições criativas sejam imediatas, sua explicitação e comunicação com clareza exigem muito esforço e investimento. No mesmo movimento se aprende e se comunica.

Escrita como processo de auto-organização

Uma escrita criativa e original requer movimentos nos limites do caos. Concebendo os fenômenos como complexos em sua verdadeira natureza, o pesquisador precisa saber abandonar-se na efervescência caótica em que os fenômenos se apresentam. É no limite do caos que se encontram a criatividade e a originalidade. É na turbulência desse espaço que são possibilitadas a emergência do novo e a criação de hipóteses e argumentos originais. Ainda que o pesquisador possa contribuir para essa emergência, por impregnação aprofundada nos fenômenos, este é espaço de auto-organização. Não pode ser planejado de antemão.

A produção escrita pode ser entendida como um facho de luz que avança no sentido de ampliar a compreensão de um fenômeno. Os movimentos do facho entre os diferentes elementos possibilitam vencer domínios de escuridão ampliando cada vez mais a compreensão. É a linguagem que ajuda a ir constituindo o fenômeno por meio do texto escrito. Escrever é modo de constituir a realidade. É modo de construir a realidade que pode ser compreendida.

Numa escrita criativa exploram-se intuições que naturalmente surgem para o pesquisador que se aprofunda no tema de sua pesquisa. A escrita, nesta perspectiva, dá-se a partir de aprendizagens emergentes por auto-organização, flashes ou relâmpagos resultantes do movimento intenso da análise. Ao longo do trabalho, em todas as suas fases, emergem esses *insights* compreensivos que precisam ser ampliados e explicitados por meio da escrita. Quando isso é conseguido atinge-se uma escrita criativa e capaz de trazer novos argumentos sobre os fenômenos. A escrita produz novas realidades.

Esse é um espaço para as metáforas. O uso delas é uma das formas de qualificar produções escritas. Constituem figuras literárias que ao dizerem algo induzem outros sentidos ainda com dificuldades de serem expressos de modo mais formal. As metáforas podem tornar as produções escritas mais atrativas e interessantes, ao mesmo tempo que possibilitam expressar compreensões de fenômenos de outro modo incomunicáveis. As metáforas podem ser especialmente úteis como formas de integração entre componentes da estrutura de um texto, podendo servir de ligação entre suas partes. Quando empregadas com sobriedade, as metáforas qualificam as produções escritas. Não são, entretanto, apenas enfeite. Segundo argumentos de Ricoeur (apud Monasterios, 2000), são em sua própria natureza constituidoras de novas realidades.

A produção escrita, no sentido aqui apresentado, é uma viagem sem mapa. Aos poucos vão-se produzindo esboços do mapa e esse vai sendo aperfeiçoado ao longo do tempo. Exige uma pesquisa cuidadosa do terreno, aperfeiçoando-se e se validando a partir disso. Como mapa, entretanto, estará sempre incompleto e inacabado. Não tem sentido um mapa que seja igual ao próprio terreno (Demo, 2000b). Assim também as teorias que construírem-se serão sempre apenas uma representação parcial e imperfeita dos fenômenos investigados.

Na sua evolução da descrição à interpretação e argumentação, a escrita não nasce pronta e acabada. Envolve um exercício contínuo de aperfeiçoamento. Os textos requerem combinar escrever e aprender, numa prática de participação da construção de novas realidades e de sua gradativa explicitação. Ao mesmo tempo que se encaminha, a escrita inventa o caminho. A viagem propicia a elaboração do mapa para orientar o caminho.

Conclusão

No decorrer do presente capítulo explorou-se a produção escrita a partir de duas metáforas que se complementam. Como tese principal defendeu-se a ideia de que a produção escrita, de modo especial quando inserida na análise textual discursiva, é ao mesmo tempo um processo de aprender e de comunicar. Tal como Jano, a produção escrita tem duas faces. Quando se olha pela face do aprender, concebe-se a escrita como modo de construir uma compreensão sobre uma realidade. Quando se observa pela face da comunicação, entende-se a escrita como exercício de ir expressando as compreensões e aprendizagens que vão se constituindo.

Na segunda metáfora, a produção escrita, no contexto especificado, corresponde à construção de um mapa para um terreno que ainda não é inteiramente conhecido. Também aqui a ideia é de que o texto, tal como o mapa, vai se constituindo a partir da aprendizagem sobre os fenômenos investigados.

Em qualquer dos focos a escrita representa um desafio de criação, ao mesmo tempo exigente e gratificante.

Capítulo 5

MERGULHOS DISCURSIVOS: Análise Textual Discursiva como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos[1]

O último capítulo de fundamentos dessa série retoma e apresenta a análise textual discursiva propondo uma discussão em quatro focos. Inicialmente examina-se essa modalidade de análise e se descreve um processo a partir do qual pode ser concretizada. A seguir estuda-se os modos como os resultados de uma análise dessa natureza podem ser comunicados. No terceiro foco aprofunda-se a questão da produção de textos de qualidade, argumentando que é um processo reiterativo de reconstrução com base na crítica. Finalmente argumenta-se que a análise textual discursiva conduz a compreensões cada vez mais elaboradas dos fenômenos investigados, possibilitando, ao mesmo tempo, uma participação na reconstrução dos discursos em que o pesquisador e os sujeitos da pesquisa se inserem.

Ao longo deste tópico pretende-se argumentar que a Análise Textual Discursiva é um mergulho em processos discursivos, visando a atingir compreensões reconstruídas dos discursos, conduzindo a

[1] Versão anterior deste texto publicado em: Moraes, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: Galiazzi, M. C.; Freitas, J. V. *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. 2. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2007.

uma comunicação do aprendido e desta forma assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico, capaz de participar na interpretação e na constituição de novos discursos.

A Análise Textual Discursiva e seu Encaminhamento Metodológico

Nesta primeira parte apresenta-se a Análise Textual Discursiva, o processo pelo qual se realiza e os produtos dela resultantes. Mostra-se como essa análise pode ser encaminhada a partir da unitarização dos textos do *corpus* seguida da categorização das unidades assim construídas. Ao apresentá-la é importante destacar suas principais características, identificar a matéria-prima com que trabalha, destacando nisso também alguns pressupostos a partir dos quais opera, discutindo ainda os modos como apresenta os resultados que permite atingir.

Pesquisas qualitativas, seguidamente, trabalham com informações apresentadas em forma de textos. Origina-se daí a denominação de análise textual, em que o sentido de texto aproxima-se de discurso.

A Análise Textual Discursiva pode ser entendida como o processo de desconstrução, seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados. Envolve identificar e isolar enunciados dos materiais submetidos à análise, categorizar esses enunciados e produzir textos, integrando nestes descrição e interpretação, utilizando como base de sua construção o sistema de categorias construído.

O processo analítico encaminha a construção de uma estrutura de categorias e argumentos correspondente a um novo texto, capaz de sintetizar os principais elementos, dimensões ou categorias que podem ser lidos e interpretados nos textos submetidos à análise. Desta

forma, como seu próprio nome indica, a análise textual trabalha com textos, amostras de discursos, podendo partir de materiais já existentes ou estes podem ser produzidos dentro da própria pesquisa.

Os materiais submetidos à análise podem ter muitas e diversificadas origens: entrevistas, registros de observações, depoimentos de participantes, gravações de aulas, discussões de grupos, diálogos de diferentes interlocutores, além de outros. Independentemente de sua origem, estes materiais serão transformados em documentos escritos, para então serem submetidos à análise.

O conjunto de textos submetidos à análise costuma ser denominado do "corpus". Representa uma multiplicidade de vozes se manifestando nos discursos investigados. O pesquisador precisa estar consciente de que, ao examinar e analisar seu *corpus*, é influenciado por todo esse conjunto de vozes, ainda que sempre fazendo suas leituras a partir de seus próprios referenciais.

Assim, assume-se que toda leitura de um texto é uma interpretação. Não há possibilidade de uma leitura objetiva e neutra. Fazer análises qualitativas de materiais textuais implica assumir interpretações de enunciados dos discursos, a partir dos quais os textos são produzidos, tendo consciência de que isso sempre envolve a própria subjetividade. A leitura proposta pela Análise Textual Discursiva, entretanto, não é uma leitura superficial e descomprometida. Quando de qualidade, envolve fazer leituras aprofundadas e rigorosas de um conjunto de textos. Nessa perspectiva as leituras, descrições e interpretações podem atingir significados dos quais nem o próprio autor esteve consciente.

Ao identificar e destacar enunciados significativos nos textos e ao categorizar esses elementos unitários, o pesquisador está encaminhando a produção de metatextos, destinados a apresentarem os produtos de suas análises.

Assim, o produto de uma Análise Textual Discursiva é um metatexto que organiza e apresenta as principais interpretações e compreensões construídas a partir do conjunto de textos submetidos

à análise. A qualidade desse texto evidencia a qualidade da análise. Representa a intervenção em discursos coletivos que a pesquisa realizada possibilita ao pesquisador.

Sintetizando, podemos afirmar que a Análise Textual Discursiva é um processo integrado de análise e de síntese que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, com o objetivo de descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais complexa dos fenômenos e dos discursos a partir dos quais foram produzidos.

Unitarização: fragmentação e todo

Fazer uma Análise Textual Discursiva tem o sentido de definir e identificar unidades de análise. Estas são os elementos de base a serem categorizados na sequência do processo. Unitarizar um conjunto de textos é identificar e salientar enunciados que os compõem.

A definição da unidade de análise depende dos objetivos da pesquisa, do objeto da investigação. Essas unidades podem ter dimensões e amplitudes variadas, resultando em maior ou menor fragmentação dos textos. Podem ser frases, parágrafos ou mesmo partes maiores dos textos. Tendo em vista o foco discursivo da análise aqui proposta, enfatiza-se o sentido enunciativo dessas unidades, constituindo elas elementos de comunicação em que pelo menos duas vozes estão interagindo.

Ao concretizar a unitarização, é importante que o pesquisador esteja consciente das implicações que esse processo acarreta. Analisar significa dividir, separar. Qualquer análise decompõe um todo em partes para, a partir de então, atingir uma nova compreensão do todo, mais complexa do que a inicial. Assim, a unitarização implica uma fragmentação dos textos submetidos à análise. Nisso está sempre implícita perda de parte da informação existente, uma vez que o discurso não contém apenas ideias, mas também relações

múltiplas entre elas. Por essa razão, mesmo que se submeta um texto a recortes no processo de análise, é necessário nunca perder de vista o todo, mesmo entendendo que os textos também já são parte de algo maior, os discursos a que pertencem. De algum modo, quanto mais se fragmenta um texto, mais difícil é manter a perspectiva do todo e do contexto em que foi produzido. O grau de fragmentação define, ao menos em parte, o caráter da análise.

Mais do que propriamente divisões ou recortes, as unidades de análise podem ser entendidas como elementos destacados dos textos, aspectos importantes destes que o pesquisador entende mereçam ser salientados, tendo em vista sua pertinência em relação aos fenômenos investigados. Quando assim entendidas, as unidades estão necessariamente conectadas ao todo.

Seguidamente pesquisadores iniciantes resistem à unitarização. Entendem que as unidades já não representam as vozes dos sujeitos que produziram os textos. Nesse sentido é importante esclarecer que o interesse de pesquisas que utilizam a análise textual discursiva não são as manifestações individuais de sujeitos em um discurso, mas o discurso em si. Por esse motivo não importa tanto manter o todo de uma voz se manifestando no discurso, mas a integração das manifestações de diferentes sujeitos num determinado gênero discursivo. Examinam-se os diferentes enunciados para compreender a complexidade de relações que podem ser estabelecidas entre eles na constituição do discurso.

O pesquisador, no processo da unitarização, precisa estar constantemente atento à validade das unidades que produz. Os objetivos da investigação, o problema e as questões de pesquisa ajudam a construir essa validade. Serão unidades válidas para uma pesquisa aquelas que afirmem algo em relação ao objeto da investigação. Somente necessitam ser unitarizadas informações dos textos do "corpus" que sejam válidas ou pertinentes ao objeto da pesquisa.

Sintetizando a discussão da unitarização, procura-se argumentar que no encaminhamento da análise textual discursiva e de aprofundamento das leituras do *corpus* é necessário submeter os textos a um processo de fragmentação, de focalização de aspectos específicos, resultando daí unidades de análise pertinentes ao objeto de pesquisa. Esse processo permite identificar e destacar aspectos importantes que despontam nos textos analisados e que serão submetidos à categorização na continuidade da análise.

Categorização e categorias: organização das unidades

Categorizar ou classificar um conjunto de materiais é organizá-los a partir de uma série de regras. É produzir uma ordem a partir de um conjunto de materiais desordenados, revelando-se uma das etapas mais importantes de uma análise textual discursiva.

A categorização corresponde a um processo de classificação das unidades de análise produzidas a partir do *corpus*. É com base nela que se constrói a estrutura de compreensão e de explicação dos fenômenos investigados. Da classificação das unidades de análise resultam as categorias, cada uma delas destacando um aspecto específico e importante dos fenômenos investigados.

Cada categoria corresponde a um conjunto de unidades de análise que se organiza a partir de algum aspecto de semelhança que as aproxima. As categorias são construtos linguísticos, não tendo por isso limites precisos. Daí a importância de sua descrição cuidadosa, sempre no sentido de expor aos leitores e outros interlocutores as opções e interpretações assumidas pelo pesquisador.

Em outras palavras, classes ou categorias são subconjuntos de um todo maior, caracterizando-se cada uma delas por determinadas características específicas, mas que se integram no todo da pesquisa.

Os sistemas de categorias construídos na análise textual discursiva podem ter vários níveis. Podem ser constituídos de categorias iniciais, intermediárias ou finais. Na sequência apresentada, esses tipos de categorias têm amplitudes cada vez maiores. As categorias finais são mais amplas, englobando mais elementos, conforme se expressa na Figura 1. No seu conjunto, formam sistemas ou redes de conceitos, capazes de exibir os elementos mais marcantes dos textos analisados.

Assim, categorias podem ser concebidas como aspectos ou dimensões importantes de um fenômeno que o pesquisador decide destacar quando trabalha com esse fenômeno. São opções e construções do pesquisador, valorizando determinados aspectos em detrimento de outros. Diferentes pesquisadores poderão fazer opções diferentes, ainda que investigando o mesmo fenômeno. Aceitando-se isso e se concebendo a realidade como algo em constante movimento e socialmente construída, compreende-se que em relação ao mesmo *corpus* podem ser derivadas várias estruturas de categorias válidas, ainda que todas podendo ter elementos comuns.

Na construção de sistemas de categorias podem ser destacados dois processos indicando movimentos em direções opostas. Numa das direções trabalha-se com categorias *a priori*; na outra opera-se com categorias emergentes.

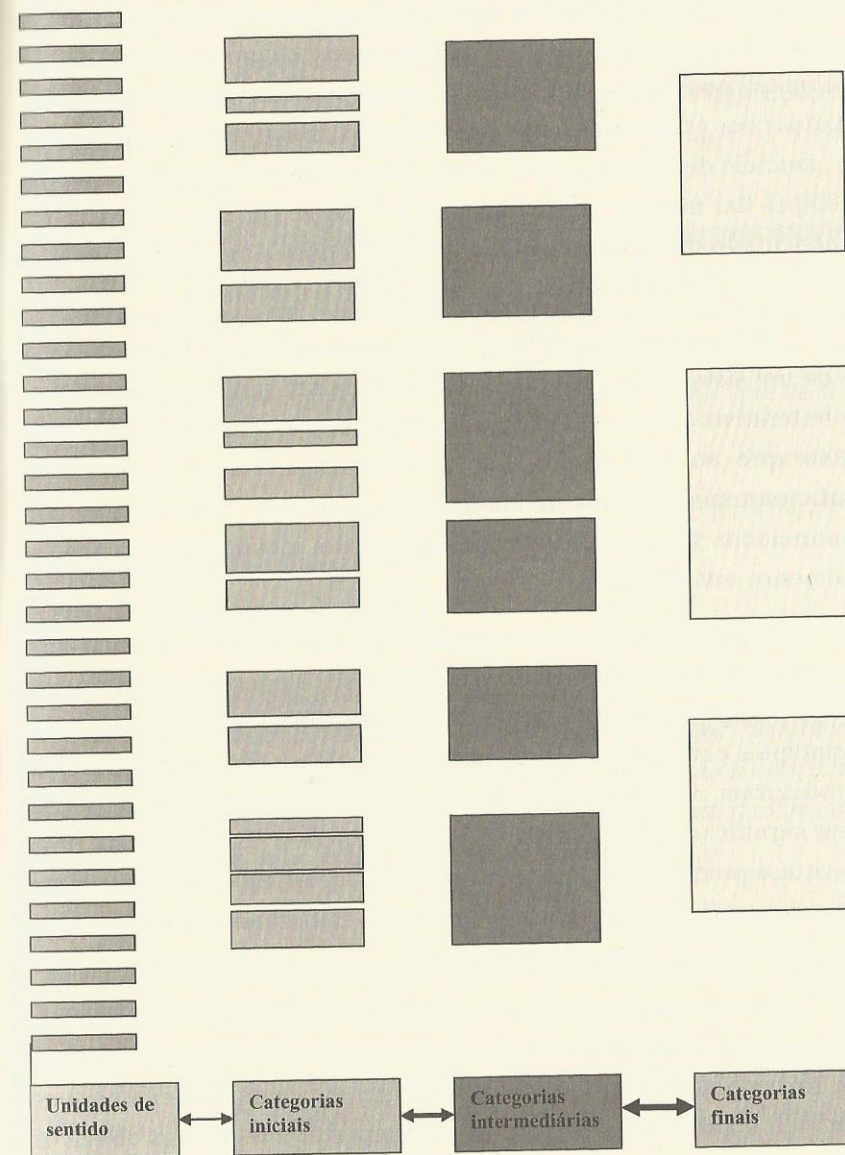
Quando a opção é trabalhar com categorias *a priori*, o pesquisador deriva suas categorias de seus pressupostos teóricos, sejam explícitos ou implícitos. Nesse caso, as categorias já estão definidas antes de se encaminhar a análise e a classificação propriamente dita das unidades.

Quando a opção é por categorias emergentes, o pesquisador assume uma atitude fenomenológica de deixar que os fenômenos se manifestem, construindo suas categorias a partir das múltiplas vozes emergentes nos textos que analisa.

De modo geral, um processo de análise textual discursiva que parte de um conjunto de categorias *a priori* é mais fácil de conduzir; entretanto acarreta o problema de o pesquisador tender a somente enxergar significados que se enquadram nas categorias já determinadas.

O processo emergente de construção de categorias tende a ser mais trabalhoso, exigindo conviver com a insegurança de um caminho que precisa ser construído no próprio processo. Geralmente vai de categorias específicas, restritas e em grande número, a categorias cada vez mais amplas e em menor número, conforme se mostra na Figura 1.

Ainda que a Análise Textual Discursiva possa operar tanto com categorias *a priori* como com categorias emergentes, entende-se serem as últimas as que têm possibilidades maiores de criatividade. Alguns autores defendem a combinação das duas alternativas (Laville; Dionne, 1999).

Figura 1 – Unidades e diferentes níveis de categorização

Conforme já referido, a construção de um conjunto de categorias necessita ser acompanhada da definição e da descrição dos critérios adotados para incluir elementos em cada categoria. É importante salientar, no entanto, que, mesmo que se produza uma definição cuidadosa dos critérios de classificação para um conjunto de categorias, o exercício de categorização nunca é inteiramente objetivo, podendo sempre dar margem a dúvidas e imprecisões. De algum modo a incapacidade de isolar inteiramente as categorias de um fenômeno é evidência de sua característica linguística e discursiva.

Por isso mesmo a caracterização e a descrição de uma categoria e de um sistema de categorias, constituem um processo construtivo e reiterativo. Vão se aperfeiçoando no decorrer da análise. É importante que, ao final do processo, as categorias tenham significados suficientemente claros de modo que auxiliem na classificação dos enunciados selecionados e contribuam para a compreensão dos fenômenos investigados.

A qualidade de um sistema de categorias está relacionada com sua validade ou pertinência. Um conjunto de categorias é válido quando pode representar o conjunto de textos analisados destacando suas principais características. Quando isso é alcançado, os sujeitos que produziram os textos analisados devem perceber que as categorias têm significado no contexto de suas produções. Os sujeitos de uma pesquisa precisam ver representadas suas ideias e teorias no conjunto de categorias que o pesquisador constrói, embora se saiba que nunca se alcance o que o sujeito quis dizer.

Novamente destacam-se os objetivos, o problema e as questões de pesquisa como elementos importantes na construção da validade de um conjunto de categorias. Afirmar que um conjunto de categorias é válido é garantir que é significativo e pertinente para os objetivos da pesquisa, que tem uma relação com o objeto da investigação. Produzir unidades de análise válidas é um passo importante para a construção de categorias pertinentes.

Retomando, procura-se mostrar que a análise textual discursiva, a partir da unitarização, prossegue submetendo as unidades de análise a um processo de categorização. Cada categoria construída representa um aspecto dos textos que pode ajudar na construção de uma compreensão mais complexa dos discursos em que os textos foram produzidos.

Desse modo, análises textuais discursivas conjugam análise e síntese. Na primeira fragmentam-se os textos. Na síntese, os elementos semelhantes são reintegrados em categorias, apresentando-se, a partir delas, novos textos, que reúnem os aspectos essenciais dos materiais de análise investigados. É desses novos textos que se tratará a seguir.

Comunicação os Resultados de uma Análise Textual Discursiva

Na segunda parte do presente capítulo apresenta-se como podem ser comunicados os resultados de uma Análise Textual Discursiva. Defende-se a ideia de que essa comunicação é composta de descrição e interpretação, constituindo o processo em seu todo um movimento de teorização em relação aos fenômenos investigados.

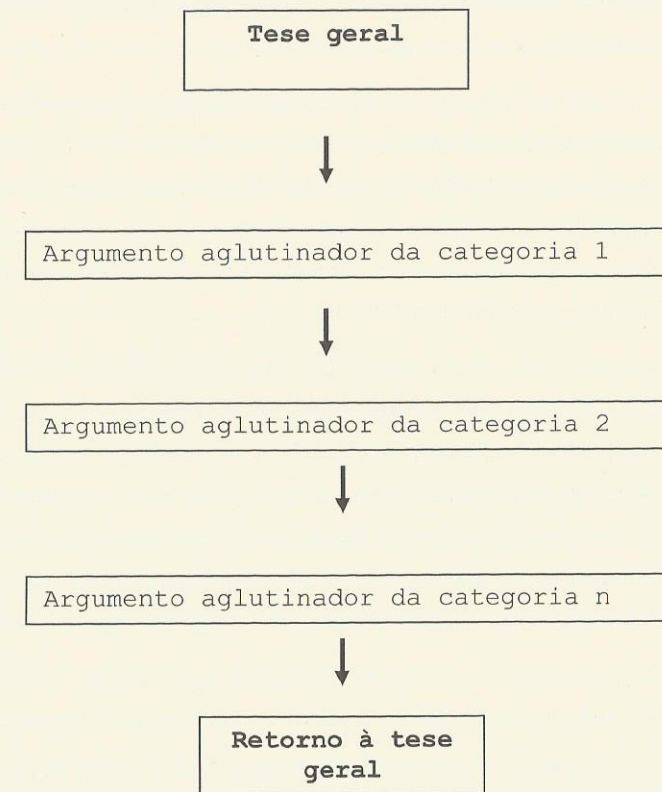
Descrever e interpretar como produtos da análise textual discursiva

A unitarização e a categorização encaminham a produção de um novo texto que combina descrição e interpretação. Esse texto tem uma estrutura derivada do sistema de categorias construído na análise, modo de organização que pode garantir a validade dos resultados do processo analítico.

A Análise Textual Discursiva encaminha produções escritas, voltadas à comunicação de novas compreensões atingidas nas pesquisas. No encaminhamento dessas produções, a categorização das informações submetidas à análise corresponde, ao mesmo tempo, à construção de uma estrutura de categorias e subcategorias que auxilia a descrição, interpretação e compreensão do objeto da pesquisa. Nesse sentido, pode-se entender como uma das finalidades da construção de um sistema de categorias o encaminhamento de um metatexto, expressando uma nova compreensão do fenômeno investigado. O mesmo processo permite ao pesquisador uma intervenção nos discursos a que sua produção se refere.

O que se defende, portanto, é que a estrutura do metatexto seja organizada a partir das categorias e subcategorias construídas na análise. As partes do texto resultante são definidas a partir das categorias mais amplas da análise.

A estrutura de um metatexto também exige a produção de um conjunto de argumentos aglutinadores, organizados em torno de uma tese ou argumento geral. As categorias e subcategorias podem dar origem aos argumentos intermediários. O argumento central emerge do todo. O conjunto dos argumentos – trabalhados de forma integrada –, poderá então ser utilizado para construir a consistência do metatexto resultante da análise. Procura-se mostrar isso na Figura 2, representando a estrutura do metatexto em seu todo.

Figura 2 – Estruturação de um texto em torno de argumentos aglutinadores

No encaminhamento do metatexto propriamente dito salienta-se sua organização em dois momentos: descrição e interpretação.

Ainda que seguidamente possam ser trabalhadas de modo integrado, em geral a primeira etapa da produção do metatexto é a descrição. A categorização encaminha a descrição do objeto de estudo. Descrever é apresentar diferentes elementos que emergem dos textos analisados e representados pelas diferentes categorias construídas. "Descrever é produzir proposições ou enunciados que enumerem qualidades, propriedades, características, etc., do objeto ou fenômeno que se descreve" (Jorba, 2000, p. 43). Segundo o mesmo

autor, a descrição deve ser pertinente, completa e precisa, ainda que seja importante entender essas características como algo desejado, mas nunca inteiramente atingido.

A descrição visa a apresentar elementos importantes do objeto de pesquisa. Para este fim utiliza-se das categorias e subcategorias da análise, tendendo a permanecer num âmbito concreto dos fenômenos, ou seja, numa aproximação com a realidade empírica. É importante superar descrições superficiais, procurando-se atingir descrições densas dos fenômenos investigados.

A descrição, de algum modo, já é uma interpretação. Corresponde, porém, a um interpretar que está muito próximo da realidade examinada, podendo ser entendida como uma leitura com base em conhecimentos tácitos[2] e implícitos[3] do pesquisador, ou seja, uma leitura que procura expressar esses tipos de conhecimentos dos sujeitos pesquisados, sem teorizá-los. A descrição também pode dar-se a partir dos fundamentos teóricos assumidos pelo pesquisador.

Nessa perspectiva, a interpretação propriamente dita encaminha uma leitura teórica mais exigente, aprofundada e complexa.

É importante que a análise textual discursiva atinja um estágio interpretativo e de reconstrução teórica. Nesse sentido, interpretar é estabelecer pontes entre as descrições e as teorias que servem de base para a pesquisa, ou construídas nela mesma.

Toda pesquisa deve ir além de uma simples descrição, chegando a uma interpretação, entendida como abstração e afastamento dos elementos e instâncias concretos dos fenômenos estudados. Interpretar é

---

[2] Conhecimento da experiência, não expresso em teorias formais. Termo empregado por Lincoln e Guba (1985).

[3] Estruturas ocultas de conhecimentos socialmente compartilhadas, não diretamente acessíveis a quem as possui, mas que são fundamentais na leitura de mundo e no intercâmbio com ele. Termo adotado por Rodrigo, Rodriguez e Marrero (1993).

teorizar sobre o objeto de pesquisa. É tentar explicá-lo, "produzindo razões e argumentos de maneira ordenada" (Jorba, 2000, p. 47). É mostrar novas compreensões atingidas dentro da pesquisa.

Pretende-se aqui focalizar dois tipos de interpretação. Numa primeira perspectiva, a interpretação pode dar-se a partir de um conjunto de pressupostos teóricos assumidos de antemão. Nessa visão a interpretação implica construir pontes entre os resultados analíticos, expressos pela descrição, com os referenciais teóricos, ainda que esse processo também possa significar aprofundamento e complementação das teorias inicialmente assumidas.

Numa segunda perspectiva a interpretação dos resultados de uma análise pode dar-se a partir das teorias emergentes dela própria, representadas pela estrutura de categorias construída. Assim procedendo, o pesquisador faz suas interpretações a partir das teorias que o próprio processo de análise lhe possibilita construir. Esse tipo de interpretação atingirá seu clímax numa etapa mais avançada da pesquisa.

O importante é que a teorização ajude a avançar na compreensão já existente dos fenômenos investigados. Isso significa que o processo de interpretação constitui, em si mesmo, uma forma de teorização, seja de compreender melhor ou ampliar teorias já existentes, seja de construção de novas visões teóricas.

Ainda sobre a questão da descrição e interpretação é preciso destacar a construção da validade dos produtos da análise. A validade de um metatexto pode ser construída a partir da inserção nele de falas e citações de fragmentos dos textos analisados, o que denominamos interlocuções empíricas. Num texto de resultados válido, os sujeitos autores dos textos analisados deverão perceber representadas no metatexto o que expressaram, mesmo sabendo que há interpretação do pesquisador. Por isso, a inserção de interlocuções empíricas nos textos

resultantes das análises é especialmente importante no momento descritivo, ainda que não necessariamente ausente na interpretação. Constitui uma das formas de construção da validade das descrições.

Já na parte interpretativa dos metatextos cabem mais as interlocuções teóricas, ou seja, diálogos com teóricos que tratam dos mesmos temas ou fenômenos. É isso que se caracteriza como momento propriamente interpretativo dos metatextos.

Tanto as interlocuções empíricas quanto as teóricas são formas de validação dos produtos das análises.

Sintetizando, pode-se afirmar que o sistema de categorias e subcategorias que emerge de uma análise textual discursiva servirá como macroestrutura para a construção de um metatexto descritivo e interpretativo, voltado para expressar os principais elementos dos textos submetidos à análise.

Análise Textual Discursiva como processo de teorização

Retoma-se agora a questão da teorização associada à análise textual discursiva e expressão de seus resultados. Há uma estreita relação entre a categorização e a teorização de uma pesquisa, podendo as teorias, num sentido amplo, apresentar-se em duas modalidades: *a priori* e emergentes. Em qualquer das formas, o grau de teorização atingido nas análises é um indicador da qualidade das pesquisas.

Dentro da ideia da relação entre categorização e teorização pode-se afirmar que a construção e reconstrução de um conjunto de categorias no interior do processo da análise textual é um esforço nunca inteiramente concluído de teorização e de reconstrução teórica. Nesse sentido, o conjunto de categorias resultante de uma análise textual discursiva pode ser compreendido como o arcabouço teórico

que ajuda a compreender o fenômeno investigado. Envolver-se num processo de categorização, portanto, é encaminhar uma teorização sobre o objeto de pesquisa.

Essa teorização pode ser conduzida a partir de dois processos diferentes, ainda que eventualmente complementares. Um deles utiliza teorias *a priori*; o outro trabalha com teorias emergentes. Esses processos têm relação estreita com o que anteriormente foi discutido em relação às categorias *a priori* e categorias emergentes.

Expressada de outra forma, a análise textual discursiva pode localizar-se em qualquer ponto de dois extremos: num deles se assume teorias *a priori*, aquelas com as quais o pesquisador entra no processo de análise, que ajudam a definir as categorias e encaminham a interpretação; no outro constrói as teorias no processo, emergindo as categorias e a teoria no decorrer da análise. Quando assume esta segunda perspectiva, o pesquisador não se impõe um olhar teórico explícito antes de se envolver na análise. Nesse caso, as categorias construídas dentro do processo de análise constituem a estrutura das teorias emergentes do processo analítico.

Em relação a essas duas perspectivas, e em especial no que se refere à segunda, é importante salientar que todo trabalho de análise textual discursiva sempre carrega teorias, sejam explicitamente assumidas, sejam as teorias tácitas do pesquisador e dos sujeitos participantes da pesquisa. Não há neutralidade teórica. Até mesmo a emergência, termo empregado por diferentes autores, não é um brotar de algo, mas uma reconstrução do pesquisador a partir de compreensões teóricas já existentes.

Finalmente, em relação à questão da teorização nas pesquisas, e mais especificamente na Análise Textual Discursiva, é importante enfatizar que a profundidade e a qualidade das descrições, interpretações e principalmente da teorização atingida no processo são indi-

cadores da qualidade da pesquisa como um todo. O desafio é superar meras descrições para atingir níveis de teorização e reconstrução teórica cada vez mais avançados.

A Análise Textual Discursiva lida com teorias, e o processo de análise visa a ampliar e a reconstruir teorias, sejam do pesquisador, sejam dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Sintetizando, nesta parte do capítulo afirma-se que os processos de unitarização e categorização encaminham a produção de textos descritivo-interpretativos, correspondendo o processo em seu todo a uma teorização em relação aos fenômenos investigados.

Produção de Textos de Qualidade

No terceiro foco do presente capítulo discute-se a produção de textos que consigam expressar os resultados das análises de forma clara e consistente. Argumenta-se que a produção de metatextos é um processo de construção e reconstrução recursivo, em que o pesquisador, ao mesmo tempo que compreende de forma mais complexa os fenômenos que investiga, consegue comunicar os resultados da análise cada vez com maior precisão e qualidade.

Textos claros e consistentes

É obrigação do autor de um texto facilitar ao máximo, ao leitor, a compreensão do que pretende expressar. Isto pode ser alcançado a partir da construção de textos bem-estruturados, que tenham uma boa ordenação e encadeamento das ideias apresentadas. Textos claros e consistentes são construídos a partir de teses e argumentos aglutinadores, elementos que não deveriam faltar em textos de qualidade.

Por mais que se repita que uma produção escrita requer introdução, desenvolvimento e fechamento, na prática isso é sempre problemático. Insiste-se principalmente que introduzir o que vai ser discutido e retomar o que foi exposto são mecanismos facilitadores da leitura e da compreensão em qualquer texto. Assim, introduzir é dizer o que vem depois. Fechar é dizer o que veio antes. Ainda que não necessite ser formalizado em excesso, é sempre importante ter esse fato presente.

As exigências de introdução, desenvolvimento e fechamento aplicam-se tanto ao texto como um todo quanto a cada uma de suas partes. Tanto quanto no todo, também em cada parte é preciso dizer o que vem e, no final, retomar o que foi dito. Nossa hipótese é de que boas introduções e fechamentos ajudam o leitor a compreender melhor os textos e a acompanhar mais facilmente os argumentos propostos.

Ainda que as introduções e os fechamentos devam ser preocupação constante do pesquisador, a parte principal de um texto é seu desenvolvimento. O desenvolvimento apresenta as principais ideias relativas às categorias que estão sendo descritas e interpretadas. Esta apresentação, entretanto, não pode ser feita jogando-se no texto fragmentos isolados, obrigando o leitor a dar saltos de imaginação para acompanhar as exposições.

Bons textos revelam um encadeamento das ideias que os compõem. Textos de qualidade são bem sequenciados, exigindo-se isso tanto no todo quanto em cada uma das partes. A clareza de um texto inicia-se com os parágrafos, ou seja, sua microestrutura. É na macroestrutura, porém, na ordenação e encadeamento dos parágrafos, assim como nas inter-relações estabelecidas entre as partes, que se estrutura a qualidade dos textos.

A Análise Textual Discursiva, ao mesmo tempo que indica coisas importantes a expor, também pode ajudar a comunicá-las com clareza. Isso pode ser atingido organizando-se a estrutura dos metatextos a

partir das categorias e subcategorias produzidas na análise. Assim, a própria análise, quando bem-conduzida, já encaminha a organização de um texto de qualidade. Boas sequências e encadeamentos, no entanto, só são atingidos no decorrer de processos reconstrutivos. A qualidade e clareza emergem a partir de críticas e reconstruções permanentes.

Uma segunda forma de garantir textos bem sequenciados e encadeados é o uso de teses e argumentos aglutinadores. Bons textos, resultantes de análises textuais discursivas, precisam defender argumentos. Precisam assumir e defender teses construídas pelo pesquisador ao longo da análise.

A tese ou argumento aglutinador de um texto é uma afirmativa teórica, ampla, que o pesquisador faz sobre seu objeto de estudo. Emerge da análise por auto-organização, correspondendo, em geral, a um *insight*, a uma intuição. Nesse sentido não tem um momento certo para surgir. Não pode ser previsto, mas pode ser preparado por uma impregnação intensa no fenômeno investigado. Eventualmente surge já no início da análise, mas em geral representa uma inspiração que emerge em algum momento da análise ou da produção escrita. É preciso estar atento para percebê-lo. Sua expressão mais clara, seguidamente em forma de metáfora, só se concretiza com investimento e esforço.

Essa tese é então empregada para construir a consistência do todo. Todos os argumentos intermediários são organizados em torno dela, no sentido da sua defesa ou fundamentação.

Isso leva a destacar os argumentos aglutinadores intermediários. Assim como se requer um argumento aglutinador para o texto como um todo, é também interessante que cada parte dele seja organizada em torno de um argumento integrador daquela parte.

Desse modo, defende-se que os metatextos produzidos a partir de análises textuais discursivas, na procura de clareza e qualidade, devem ser estruturados em torno de argumentos aglutinadores ou teses que o autor se propõe a defender. Esse é o segundo modo de dar consistência aos textos.

Em síntese, os resultados de uma Análise Textual Discursiva devem ser expressos em textos de qualidade. É importante que estes apresentem de forma clara e consistente as compreensões e aprendizagens que a análise possibilitou. Para isso requer-se uma boa ordenação de ideias, o que pode ser conseguido utilizando-se a estrutura de categorias construída na análise e por meio de argumentos aglutinadores em torno dos quais o texto é organizado.

Superação de limites na produção textual

Nas entrelinhas do que se afirmou até aqui em relação à produção textual fica implícito que é um processo gradativo de qualificação. Vai se aprofundar isso a partir desse momento, reforçando a importância da crítica constante para essa construção de qualidade. Ao mesmo tempo, deseja-se alertar para o fato de que se trata de uma construção linguística, com as limitações que isso sempre representa. Produzir bons textos é permanentemente superar limites.

Bons textos dificilmente são produzidos na primeira tentativa, mas requerem uma construção e reconstrução permanentes. Até mesmo escritores experientes elaboram muitas versões de suas produções escritas.

Assim sendo, entende-se que a produção de um texto é uma construção em processo. Reiterados movimentos de escrita e crítica conduzem a textos cada vez mais bem-elaborados e com maior clareza.

Criticar um texto é saber detectar seus limites e os pontos em que pode ser aperfeiçoado. Ainda que se possa também fazer críticas positivas, a verdadeira crítica carrega uma negatividade capaz de encaminhar superações. Mostra o negativo para sua superação.

O processo da crítica pode dar-se em várias comunidades de interlocutores, como de colegas, orientadores e outros pesquisadores. Dito de outro modo, as críticas podem exercitar-se tanto no próprio grupo de pesquisa quanto a partir da apresentação do trabalho em eventos ou de sua publicação em revistas e periódicos. Esse processo, ao mesmo tempo que possibilita aperfeiçoar as produções, também ajuda a construir a sua cientificidade e validade.

Desse modo entende-se que uma crítica continuada e rigorosa que acompanha a produção textual nos seus vários estágios de encaminhamento é garantia de produtos textuais de qualidade sempre mais aprimorada.

A propósito, por mais que o pesquisador invista em seus textos, é necessário que tenha consciência dos limites desse processo. Nenhuma análise pode abranger o fenômeno investigado em sua totalidade. Nenhum discurso pode ser descrito de modo integral. Os resultados de qualquer análise sempre apresentam apenas uma versão parcial e incompleta dos fenômenos investigados.

Além do mais, os produtos de uma análise dependem dos pressupostos e das teorias em que se insere o pesquisador. Diferentes investigadores podem construir compreensões diferentes do mesmo fenômeno, ainda que examinando o mesmo conjunto de informações. Em síntese, os fenômenos são sempre mais ricos do que a linguagem consegue expressar.

Nesse processo, entretanto, é importante que o pesquisador saiba utilizar de forma eficiente os recursos da linguagem. Assim, por exemplo, talvez as compreensões mais radicais resultantes de uma

análise só possam ser expressas por meio de metáforas. Entende-se que o exercício do uso de metáforas é um modo interessante e criativo de expressar novos significados reconstruídos dentro do discurso. É um desafio chegar a metáforas significativas e vivas, segundo expressão de Ricoueur (2001). O emprego das metáforas é especialmente interessante nos títulos e nas teses.

Retomando o que se procurou apresentar nessa terceira parte, afirma-se que a produção textual que acompanha o tipo de análise aqui proposto é um processo gradativo de construção. Os textos são aperfeiçoados de modo contínuo a partir de críticas e reconstruções, possibilitando, ao mesmo tempo, comunicar com mais clareza os resultados atingidos e produzindo textos com qualidade científica cada vez mais aprimorada.

A produção de textos de qualidade é um exercício gradativo de construção de uma comunicação clara e pertinente em relação aos fenômenos investigados.

Processo Emergente de Reconstrução Discursiva

Na última parte do capítulo argumenta-se que uma boa análise textual discursiva é um processo que associa a preocupação com a qualidade formal a um investimento na qualidade política da pesquisa. Ainda que se constitua em um movimento auto-organizado e emergente, portanto que não pode ser planejado de antemão, a Análise Textual Discursiva pode revelar-se um modo de intervenção nos discursos culturais e sociais referentes aos fenômenos investigados, representando isso a qualidade política do processo (Demo, 2000b).

Autoria auto-organizativa

O tipo de análise proposto exige do pesquisador uma impregnação aprofundada nos materiais da análise. Isso possibilita a emergência de novas compreensões, processo que se concebe funcionar por auto-organização. Esse tipo de encaminhamento requer que o escritor assuma seu papel de sujeito histórico, capaz de intervir nos discursos que investiga, ao mesmo tempo que assume a autoria de suas produções.

Espera-se ter deixado claro que uma Análise Textual Discursiva de qualidade exige uma impregnação aprofundada nos fenômenos e materiais sob análise. A qualidade dos metatextos produzidos depende da intensidade de envolvimento do pesquisador com os materiais de análise.

Entende-se que isso é assim porque aspectos verdadeiramente criativos emergentes de uma Análise Textual Discursiva são resultados de um processo auto-organizativo que só se efetiva a partir de um envolvimento intenso do pesquisador com os fenômenos que estuda. A unitarização e a categorização possibilitam essa impregnação.

A auto-organização corresponde a reestruturações cognitivas e discursivas que ocorrem ao pesquisador a partir de seus mergulhos nos fenômenos investigados. Nisso estão implicadas múltiplas vozes de atores que estarão presentes nos textos produzidos.

Auto-organização e emergência são processos intuitivos, inconscientes, não diretamente comandados pelos sujeitos, e cujos resultados não são previsíveis. São eles, todavia, que possibilitam os resultados mais significativos e criativos de uma Análise Textual Discursiva.

Tendo em vista esta imprevisibilidade, o pesquisador precisa estar atento para perceber os produtos com que a auto-organização o brinda ao longo do processo da análise, novas formas de compreender os fenômenos investigados que emergem a partir de sua intensa impregnação nos materiais de análise.

Ainda que auto-organizado, o processo de produção textual implica no pesquisador se assumir sujeito e autor de seus textos, em perceber-se autor dos argumentos que defende. Assumir-se autor é ter coragem de expressar argumentos próprios dentro do trabalho, mesmo sabendo que a autoria também é um conjunto de vozes.

Assim, uma boa análise conduz o pesquisador a expressar suas construções e convicções sobre os fenômenos que investiga. Não tem sentido pretender apresentar apenas as ideias de outros, sejam sujeitos empíricos ou interlocutores teóricos, mesmo que essas vozes devam ser valorizadas no sentido da validação das próprias produções. Um bom texto precisa expor as convicções e teses de seu autor. Mesmo que os argumentos propostos não sejam inteiramente seus, o pesquisador, ao assumir-se autor do que produz, e mostra-se capaz de expressar opinião própria e apto a intervir nos discursos em que se envolve.

Para além da qualidade formal

O que acaba de ser ressaltado encaminha as discussões no sentido de focalizar a relação da análise textual discursiva com o assumir de pressupostos filosóficos pelo pesquisador. Orienta o debate sobre uma qualidade política que necessariamente deve se associar ao foco numa qualidade formal (Demo, 2000a). Em relação a isso defende-se a ideia de que a análise textual discursiva integra o comunicar com o aprender e o transformar.

A opção por uma Análise Textual Discursiva requer que o pesquisador se defina em relação a conjuntos de pressupostos que fundamentarão seu trabalho. Dependendo dos pressupostos assumidos, a análise pode ter diferentes encaminhamentos e resultados. Esses pressupostos podem ser de natureza ontológica, epistemológica e axiológica, correspondendo a modos de entender a realidade, a produção de conhecimento e a valores.

Assume-se aqui uma análise que supere uma ciência que pretenda ser neutra, preocupada tanto com a qualidade formal quanto com a qualidade política.

Focaliza-se, agora, a questão da qualidade política.

A Análise Textual Discursiva pode ser entendida como a explicitação, cada vez mais elaborada, de elementos de discursos dos contextos em que uma pesquisa se concretiza. Ao mesmo tempo, contudo, em que ajuda a explicitar elementos discursivos, possibilita reconstruir os discursos examinados. Dessa forma, pode constituir um exercício de participação na reconstrução dos discursos com que lida.

Retomando e expressando de outro modo, esse tipo de análise pode ser entendido como uma combinação de comunicação, aprendizagem e intervenção.

O processo da Análise Textual Discursiva é um exercício de comunicação na medida em que procura expressar novos modos de compreender fenômenos ou discursos. O exercício comunicativo, entretanto, não se dá a partir de algo já perfeitamente conhecido de antemão. No próprio processo da análise e da escrita efetivam-se aprendizagens, constroem-se compreensões que, à proporção que se produzem, podem ser comunicadas. Nesse sentido, pesquisar e escrever se confundem (Richardson, 1994).

Nesse sentido, afirma-se que uma boa Análise Textual Discursiva é um processo de aprendizagem sobre os fenômenos analisados. Só se escreve com qualidade sobre temas que se compreende com clareza. Essa clareza, geralmente, não está presente no início do trabalho, mas é construída no próprio processo da análise. Aprender e escrever são processos que ocorrem simultaneamente.

Finalmente, a partir da convicção da importância de integrar qualidade formal e política, emerge da análise a possibilidade de transformação das realidades investigadas. As aprendizagens con-

cretizadas, expressas nos metatextos, organizados em torno de teses e argumentos do pesquisador, podem constituir-se em formas de intervenção nos discursos nos quais os textos submetidos à análise se inserem. Nisso situa-se a qualidade política das análises e de seus produtos.

Assim, uma Análise Textual Discursiva rigorosa pode garantir a qualidade formal dos resultados da pesquisa. A qualidade política, entretanto, depende dos pressupostos assumidos pelo pesquisador em seu trabalho, especialmente o se assumir como sujeito histórico, capaz de intervir nos discursos no sentido de sua reconstrução.

Entende-se que o processo da Análise Textual discursiva não está inteiramente sob o controle do pesquisador. É auto-organizado. Mesmo sem conhecer o ponto de chegada, entretanto, é um modo de intervir na realidade, assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico, capaz de participar na reconstrução de discursos existentes.

A metáfora dos mergulhos discursivos pretende mostrar que uma Análise Textual Discursiva pode ser entendida como um processo simultâneo de aprendizagem e comunicação, processo que implica um mergulho profundo e impregnação intensa em elementos linguísticos relativos aos fenômenos investigados, envolvendo ao mesmo tempo uma reconstrução dos discursos implicados nos textos analisados, usando um conjunto de ferramentas culturais, com destaque para a escrita.

Capítulo 6

ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA: Análise de conteúdo? Análise de discurso?

O presente capítulo propõe-se a estabelecer algumas comparações entre a Análise de Conteúdo (AC), a Análise de Discurso (AD) e a Análise Textual Discursiva(ATD). Essas abordagens seguidamente têm sido confrontadas tendo como base de análise apenas os pressupostos de uma das metodologias. Geralmente as discussões são polarizadas, posto que as críticas são feitas a partir de uma das metodologias. Aqui procuramos assumir e caracterizar as possibilidades dessas metodologias e de outras que não coincidem com os extremos das abordagens da Análise de Conteúdo e de Discurso. Assim, parte-se do princípio de que as diferentes metodologias são válidas e têm condições de contribuir na construção da compreensão de fenômenos que investigam.

Nesse sentido, pretende-se adiantar alguns argumentos sobre o que caracteriza as metodologias da AC e AD, especialmente contrastando-as em suas diferenças. Neste processo tenciona-se confrontar possibilidades e limites de cada uma destas modalidades de análise, procurando explorar pontos fortes e fracos, tendo em vista sua utilização na pesquisa nas Ciências Sociais. Ao mesmo tempo pretende-se demonstrar onde se insere a Análise Textual Discursiva

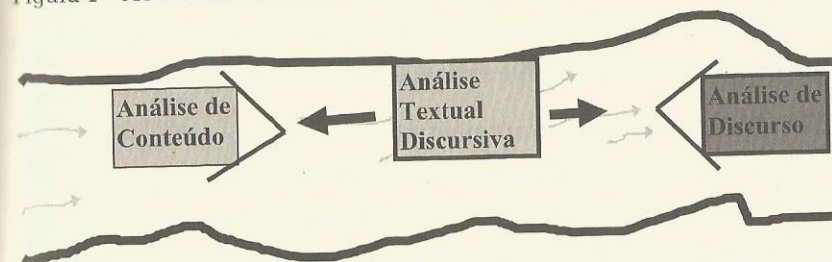
nesta confrontação, procurando identificá-la como uma nova opção de análise para pesquisas de natureza qualitativa e de caráter fenomenológico-hermenêutico.

De algum modo o texto é organizado para possibilitar uma compreensão mais complexa da Análise Textual Discursiva, uma modalidade de investigação que se afasta tanto da Análise de Conteúdo quanto de algumas modalidades de Análise de Discurso.

O trabalho pretende argumentar que:

Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Análise Textual Discursiva são metodologias que se encontram num único domínio, a análise textual; mesmo que possam ser examinadas a partir de um eixo comum de características, também apresentam diferenças, sendo estas geralmente mais em grau ou intensidade de suas características do que em qualidade. A Análise Textual Discursiva assume pressupostos que a localizam entre os extremos da AC e AD.

Esta perspectiva adotada nesta discussão pode ser sintetizada pela Figura 1, em que se expressar que a AC e a AD podem ser compreendidas como se localizando dentro de um mesmo eixo, um mesmo rio de discurso, ao longo do qual diferentes características emergem e se concretizam em diferentes graus ou intensidades. Entende-se, entretanto, que em relação a todas elas não existe uma linha limítrofe precisa. Ainda que possa haver rupturas, diferentes segundo as características examinadas, em geral verificam-se continuidades em que se manifestam com variadas intensidades os diferentes extremos das polarizações.

Figura 1 – AC e AD num contínuo de características polarizadas

Conforme argumentam Navarro e Diaz (1994), a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso fazem parte de uma grande família de técnicas de análise textual. Os mesmos autores ainda destacam que a análise textual se aproxima muito do que costuma ser definido como abordagens qualitativas. As análises textuais se concentram na análise de mensagens, da linguagem, do discurso, ainda que seu "corpus" não seja necessariamente verbal, podendo também se referir a outras representações simbólicas.

Análise de Conteúdo e Análise de Discurso seriam técnicas? Seriam metodologias? A resposta depende de nossa concepção de método e técnica. Preferimos denominá-las de metodologias de análise, não as entendendo como conjuntos rígidos de procedimentos, mas como conjuntos de orientações, abertas, reconstruídas em cada trabalho. Configuram-se como caminhos que podem ser seguidos, mas sem assumirem direcionamentos muito rígidos, ainda que se pudesse afirmar que a Análise de Conteúdo neste sentido parece ser mais sistematizada. Talvez se pudesse afirmar que cada uma delas pode ser entendida como contendo em seu bojo todo um conjunto de possíveis técnicas ou procedimentos.

Neste texto enfatiza-se a confrontação de características da AC e AD. Para isto apresenta-se o que se podería denominar um conjunto de seis polarizações, conjuntos de características, geralmente

em pares, a partir das quais se pretende examinar e comparar estas duas metodologias. Ao mesmo tempo explicíta-se onde se localiza a Análise Textual Discursiva em relação a essas duas metodologias.

Para ajudar nesta empreitada de contrastar e compreender AC e AD utiliza-se ainda uma metáfora, já proposta na Figura 1. Análise de Conteúdo e Análise de Discurso podem ser compreendidas como exercícios de se movimentar num rio. A primeira assemelha-se ao deslocar-se *rio abaixo*, a favor da correnteza. Já a Análise de Discurso corresponde a se mover *rio acima*, contra o movimento da água. A Análise Textual Discursiva pode tanto inserir-se num como no outro desses movimentos. Como toda metáfora esta também tem suas limitações.

Descrição e Interpretação: preocupação analítica ou interpretativa?

Escolhe-se estas características, ser descritiva ou interpretativa, como a primeira forma de comparar e contrastar AC e AD. Certamente a análise qualitativa, especialmente na pesquisa social, tem preocupações tanto com os aspectos descritivos quanto com os interpretativos. Esta é uma dimensão que pode ser focalizada na tentativa de aprofundar a compreensão do que constitui a AC, a AD e a ATD, assim como outras metodologias afins.

Talvez fosse importante iniciar questionando sobre o descrever e o interpretar. É possível a descrição? Tudo é interpretação? Se se aceitar, com Orlandi (1999, p. 60), que *"... é preciso compreender que não há descrição sem interpretação..."*, ainda tem sentido falar em descrever? Mesmo conscientes destes questionamentos e dos múltiplos encaminhamentos de possíveis respostas, entende-se que é um foco

em que se pode contrastar AC e AD. Afinal, o ser humano move-se e se constitui num mundo de linguagem e dentro dele comunica-se, procurando expressar sentidos e atribuindo significados às interações com os outros.

Esta discussão fundamenta-se basicamente em Navarro e Diaz (1994). Estes autores não adotam propriamente o termo de descrição, mas contrastam o que denominam o nível de trabalho *propriamente analítico* com o *nível interpretativo*. Enquanto para estes autores a AC procura estabelecer *conexões entre o nível sintático do texto com os níveis semântico e pragmático do mesmo,* a AD não tem esta preocupação analítica, tendendo a *saltar diretamente do nível de superfície textual ao nível interpretativo*. Enquanto a AC pretende responder questionamentos sobre "o que expressa um texto", a AD busca explorar "como se produz" o discurso em que este texto se insere. Examinada dessa perspectiva, a Análise Textual Discursiva aproxima-se mais da Análise de Conteúdo, valorizando tanto a descrição quanto a interpretação. A descrição não é excluída do processo.

Assume-se na discussão o termo descritivo, com base no trabalho de Martins e Dichtchekenian (1984), em que estes autores, discutindo pesquisas fenomenológicas, enfatizam os níveis descritivo e interpretativo como formas de se apresentar os resultados da análise, formas de explicitar uma nova compreensão de um fenômeno.

A AC investe tanto em descrição como em interpretação. A descrição, nesta perspectiva de análise, é uma etapa importante e necessária, mesmo que não se possa permanecer nela. As categorias construídas no processo da análise de algum modo envolvem tanto descrição como interpretação. Bons trabalhos necessitam chegar à interpretação, especialmente interpretações alternativas e originais. Certamente é isto que pode constituir uma contribuição teórica de um estudo.

A AD tem como preocupação primeira a interpretação, especialmente uma interpretação crítica, fundamentada em alguma "teoria forte" (Navarro; Diaz, 1994) e assumida *a priori* como referencial interpretativo e crítico. Por isso, nesta abordagem de análise, a descrição é secundária e de certa forma dispensável. O importante é interpretar e produzir a crítica, sem que se exija a valorização de um momento descritivo. Este surgirá somente em função da definição mais precisa dos focos para a crítica, como demonstra a metáfora da *águia*, ave voraz que se joga sobre seu objeto de desejo. É preciso alertar que, na verdade, este foco interpretativo não é uma característica tão marcante em todas as formas de AD. Algumas delas podem também assumir uma pretensão mais descritiva. Entende-se, entretanto que, num sentido amplo, é válido afirmar-se a ênfase interpretativa da AD.

Talvez seja importante também alertar que interpretação pode assumir diferentes significados. Enquanto para a AC a interpretação constitui-se num afastar-se da descrição, num exercício de abstração e teorização sobre o analisado num determinado "corpus" textual, na AD esta interpretação, nas palavras de Orlandi (1999, p. 17), coloca a questão *"como este texto significa?"*, focalizando deste modo nas condições de produção.

As ponderações neste item procuram expor a preocupação das duas metodologias de análise em discussão com objetivos descritivos e interpretativos. Ainda que a descrição seja uma preocupação mais presente na AC do que na AD, as duas focalizam a interpretação como um momento indispensável. A AD, entretanto, pelo menos na visão de alguns autores, pode ser organizada de modo a dispensar o momento descritivo, concentrando-se unicamente no momento interpretativo.

As ênfases nos focos descritivo e interpretativo possibilitam compreender algumas das diferenças entre AC e AD. A primeira, com sua descrição seguida ou entremeada de interpretação é um mover-se *rio abaixo*, aproveitando o próprio movimento da água e só

eventualmente se opondo a ele. Já a Análise de Discurso, com sua interpretação radical, com base teórica forte, é um movimento contra a corrente. Seria a segunda proposta mais desafiadora? Seriam ambas válidas e capazes de contribuições científicas rigorosas?

No que se refere à análise textual discursiva, ainda que num sentido amplo, na perspectiva aqui examinada, se aproxime mais da análise de conteúdo, sua interpretação tende principalmente para a construção ou reconstrução teórica, numa visão hermenêutica, de reconstrução de significados a partir das perspectivas de uma diversidade de sujeitos envolvidos nas pesquisas. Ainda que podendo assumir teorias *a priori*, visa muito mais a produzir teorias no processo da pesquisa. Mais do que navegar a favor ou contra a correnteza, visa a explorar as profundidades do rio.

Compreensão e Crítica: exercícios complementares?

O descrever e o interpretar quando concebidos em conjunto constituem parte do esforço de expressar a compreensão de um fenômeno. Nesse sentido, estão presentes em diferentes abordagens de análise qualitativa, tais como a fenomenológica e a etnográfica. Algumas dessas metodologias, de algum modo derivadas ou relacionadas à AC, assim como outras abordagens genericamente enquadradas na AC, têm no esforço compreensivo uma de suas metas. Esta compreensão geralmente é construída partindo-se de dentro do fenômeno. A compreensão emerge ou é construída a partir do exame empírico do fenômeno.

Já a AD não tem na compreensão seu foco principal. Concentra-se mais especificamente na crítica. Esta, de acordo com Habermas (1987), exige um olhar externo, ou seja, supõe uma teoria previa-

mente escolhida, não construída a partir da própria pesquisa. Uma perspectiva crítica de algum modo pressupõe um referencial teórico cuja origem é externa ao fenômeno sob exame. É isto que já caracterizamos como uma *teoria forte, ambiciosa e abrangente*, segundo terminologia de Navarro e Diaz (1994).

Ainda que aqui também se pudesse incluir uma perspectiva quantitativa na AC, organiza-se esta discussão mais no sentido da análise textual qualitativa. Numa perspectiva quantitativa, também denominada empírico-analítica, a AC teria uma preocupação mais explicativa, de teste de hipóteses, de verificação de relações de variáveis. Não se pretende aprofundar neste caminho, posto que na maioria das ACs ela é hoje pouco representativa, especialmente em trabalhos na área social.

Desse modo os focos compreensivo e crítico, caracterizando mais especificamente a AC e AD respectivamente, também podem constituir-se em elementos de comparação destas duas abordagens de análise. A primeira concentra-se na procura da compreensão; a segunda na crítica. Estas duas abordagens complementam-se no entendimento do fenômeno e na transformação da realidade, segundo argumentos de Stein (1987), fundamentados na polêmica entre Habermas e Gadamer sobre dialética e hermenêutica, a primeira é crítica e transformadora, a segunda compreensiva e interpretativa. A primeira se aproxima da dialética, a segunda da hermenêutica.

É importante salientar que muitos trabalhos em AC também adotam teorias externas ou escolhidas *a priori* para examinar os fenômenos que estudam. Estas teorias, quando assim assumidas, podem tanto servir como fundamentos para ampliar a compreensão, como para concretização de crítica. Isto representa uma incursão da AC nos domínios da crítica, ainda que esta não seja seu foco principal. O mesmo certamente poderia ser afirmado, no sentido inverso, em relação a algumas abordagens de AD.

O que tentamos argumentar em relação à compreensão e à crítica é que a AC, no seu olhar compreensivo, navega a favor da correnteza do rio, procurando penetrar no discurso para compreendê-lo. Já a AD, a partir de sua perspectiva crítica, opõe-se ao movimento do rio, "dirige-se contra seu tempo" (Stein, 1987) para examinar os fenômenos a partir de um olhar teórico externo ao fenômeno. Neste sentido é mais caracteristicamente crítica.

Também nesse aspecto a Análise Textual Discursiva parece aproximar-se mais da AC do que da AD. Sua pretensão é num sentido radicalmente hermenêutico, de construção e reconstrução de compreensões sociais e culturais relativas aos fenômenos que investiga. Mesmo que também possa ser crítica, seu olhar interpretativo tende a se produzir desde o interior do fenômeno, assumindo assim muito mais uma perspectiva gadameriana do que habermasiana, mais hermenêutica do que dialética.

Manifesto ou Latente: tudo é interpretação?

Os pressupostos subjacentes às análises propostas pela AC e AD podem ser examinados a partir dos tipos de leituras que se entende possam ser realizadas com determinado material, textos ou discurso. Uma destas possibilidades de comparação é a que se refere à leitura do explícito em contraposição à leitura do implícito. Enquanto em suas origens a leitura proposta pela AC foi pretensamente objetiva, limitando-se ao manifesto, gradativamente esta concepção se amplia de modo a incluir cada vez mais o latente, o não dito, o subentendido. Por seu lado, a AD concentra-se preferencialmente no implícito, fazendo dele o objeto de sua interpretação e crítica.

É preciso destacar, contudo, que hoje tanto a AC quanto a AD concentram-se na análise de conteúdos implícitos, tenham eles sido ocultados propositadamente ou não. Segundo Olabuenaga e Ispizua (1989), referindo-se à análise de conteúdo, o analista pode assumir vários papéis em sua análise: *leitor, analista, juiz e crítico*, quando a leitura pretende ser do explícito ou manifesto; intérprete, explorador, espião ou contraespião, quando a leitura pretende atingir o oculto ou implícito. Enquanto a AC de algum modo pode assumir todos estes papéis, ora se concentrando no manifesto, ora no oculto, a AD tende a se concentrar naqueles que fazem uma interpretação, uma exploração e uma crítica das mensagens implícitas de um discurso e de suas condições de produção. Sua preocupação está no oculto, o que necessita ser desvelado, o que exige uma crítica.

O que seria, todavia, manifesto? O que é explícito num discurso? E o que é latente, implícito? Mesmo admitindo-se que todo texto admite e exige múltiplas interpretações, também podemos afirmar que há "auditórios universais", segundo terminologia de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999), que tendem a interpretar do mesmo modo algumas manifestações discursivas. Conforme expressa Habermas (1987, p. 88),

> um mundo da vida forma o horizonte de processos de entendimento, com os quais os participantes concordam ou discordam sobre algo num único mundo objetivo, num mundo social comum a eles ou em um mundo sempre subjetivo.

Podería-se continuar a denominar isto de conteúdo manifesto?

Também em relação a esta polarização, AD e AC se apresentam diferentes mais em grau ou intensidade de suas pretensões de leitura do que de exclusão do polo oposto. De modo geral entende-se poder afirmar que a AD tende mais para a leitura do implícito, uma vez que preocupada com as condições de produção do discurso, com sua crítica a partir de pressupostos externos; já a AC tem preocupação tanto com o manifesto quanto com o latente. Novamente se entende haver

duas direções possíveis no mover-se no rio. A AC escolhe preferencialmente a da leitura mais imediata, *rio abaixo*, mesmo que possa pretender aprofundar-se cada vez mais em suas análises, implicando até mesmo inverter o movimento em relação às águas. Já a AD opta por mover-se contra o movimento natural das águas. Quer atingir o oculto, o não dito, o implícito, especialmente para exercer sobre ele uma crítica fundamentada a partir da superfície do texto.

A Análise Textual Discursiva, com sua perspectiva fundamentada na hermenêutica, inicia seus esforços de construção de compreensão a partir dos sentidos mais imediatos e simples dos fenômenos que pesquisa. Assume, porém, um desafio permanente de produzir sentidos mais distantes, complexos e aprofundados. Nisso não entende propriamente estar procurando sentidos ocultos, mas pretende envolver-se em movimentos de constante reconstrução dos significados e dos discursos que investiga. Mais do que expressar realidades já existentes, a ATD tenciona inserir-se em movimentos de produção e reconstrução das realidades, combinando em seus exercícios de pesquisa a hermenêutica e a dialética.

Fenomenologia, Hermenêutica e Etnografia x Dialética: exame dos fenômenos de dentro ou de fora?

As abordagens qualitativas de pesquisa, de modo especial aquelas que utilizam AC trabalhando com categorias emergentes, têm na fenomenologia um de seus fundamentos. Valorizam o sujeito e suas manifestações, transparecendo de forma acentuada o exercício de uma *atitude fenomenológica* de deixar os fenômenos se manifestarem. Estudos desta natureza podem ser entendidos como examinando os fenômenos *de dentro*, de uma perspectiva interna. Esta mesma característica pode ser percebida também na hermenêutica e nas etnometodologias.

Já as pesquisas que adotam a AD têm suas raízes no materialismo histórico e na dialética marxista. Em suas versões iniciais a AD utiliza-se do referencial marxista e do materialismo histórico e da dialética como referenciais de interpretação e de crítica.

Atualmente, a AD pode ser entendida em sentido mais amplo. Seu referencial teórico se diversifica, ainda que mantendo na maioria dos autores sua característica de crítica do discurso, de estudo de suas condições de produção. Em todas estas formas de análise, no entanto, destaca-se *um olhar carregado de teoria*, uma *teoria forte* que serve para ler e interpretar os fenômenos e as realidades investigados. Nesse sentido, a AD tende a assumir um olhar *de fora do fenômeno* sob investigação.

A tentativa de se adaptar às novas concepções de ciência, especialmente aquelas que valorizam mais decisivamente o qualitativo, a superação da objetividade e a valorização do sujeito, faz emergir novas modalidades de análise que de um lado se afastam dos pressupostos convencionais de AC e se aproximam, por outro, de alguns dos pressupostos da AD. Em alguns casos estas análises recebem outros nomes, como *análise indutiva de dados, análise fenomenológica, interpretação hermenêutica, análise textual discursiva* ou genericamente métodos compreensivos. Cada uma destas perspectivas traz subjacente um conjunto específico de pressupostos que a sustenta. De algum modo já não se fala de Análise de Conteúdo, ainda que seguidamente seja possível demonstrar que as metodologias propostas se derivaram desta, conforme expõem Giorgi (1985) e Lincoln e Guba (1985) em relação à análise fenomenológica e indutiva respectivamente.

Ainda que se pudesse afirmar que a AC em sua origem esteve muito presa à lógica formal, implicando concepções de realidade permanente e estável, entende-se que sua evolução ao longo dos últimos anos fez com que assumisse gradativamente pressupostos da lógica dialética, concebendo a realidade como construída e em permanente mudança.

Mesmo que as duas abordagens, AC e AD, estejam de algum modo unidas à linguagem, estruturada a partir da lógica formal, entende-se hoje que nas análises propostas por ambas está muito presente uma concepção dialética. Ainda assim, é importante destacar que a AD sempre teve pressupostos mais claramente assumidos nesse sentido.

Se conceber o mundo e a realidade como dialética significa navegar *rio acima*, então a AD assume essencialmente este movimento. Já a AC, mesmo podendo ir contra a correnteza, admite em muitas de suas formas o movimento a favor do rio.

Trazendo esta discussão mais diretamente para a Análise Textual Discursiva, entende-se que esta metodologia, por seu caráter fenomenológico-hermenêutico, tem conexões evidentes com a fenomenologia e com a etnografia. Ao mesmo tempo, entretanto, tendo em vista assumir geralmente uma perspectiva transformadora das realidades que pesquisa, também se aproxima de perspectivas dialéticas. Nesse sentido, as transformações que pretende se constituem nos próprios movimentos de construção de novas compreensões dos fenômenos e discursos com que se envolve, não exigindo teorias externas para orientar suas ações de transformação. Nisso a autoria e competências argumentativas assumem papel central.

Partes e Todo: O todo é acessível? É válido examinar as partes dentro do todo?

O contraste dos modos como AC e AD lidam com os fenômenos que investigam ou os discursos que analisam no sentido de submetê-los à fragmentação ou não, é outra forma interessante de ajudar a compreender as especificidades de cada abordagem. Como se comparam AC e AD em relação ao modo de lidar com o todo e suas partes? Como a Análise Textual Discursiva se insere nessa discussão?

A teoria dos sistemas e o estudo de sistemas complexos têm levado cada vez mais a questionar o princípio cartesiano de que a compreensão do todo é facilitada quando se analisa separadamente cada uma de suas partes. Sistemas complexos apresentam interações intensas entre seus componentes, de modo que o todo é mais do que a soma de seus elementos constituintes. O sistema é compreendido muito mais pelas relações e interações entre seus componentes de base do que pela natureza destes componentes em si. Os conhecimentos construídos com base nos estudos de Maturana (1995) sobre sistemas biológicos a partir da *autopoiese* têm sido estendidos a outros sistemas complexos. A linguagem é um deles e deste modo os gêneros discursivos podem ser entendidos como sistemas complexos auto-organizados em circuitos recursivos, autopoiéticos. Fragmentar estes sistemas é destruí-los. Cada parte isoladamente tem muito pouco a dizer sobre o todo.

Tudo isto nos leva a afirmar que numa análise é preciso ter cuidado com o modo com que lida com os fenômenos investigados, especialmente em relação a sua fragmentação.

Diversas abordagens de pesquisa, especialmente as de caráter qualitativo, têm procurado superar a fragmentação no processo de investigação. Investigações de cunho fenomenológico, com sua pretensão de intuir essências dos fenômenos, recusam a fragmentação. Da mesma forma pesquisas que implicam a dialética dentro de seus pressupostos, na medida em que pretendem descrever o movimento da realidade, não podem limitar-se apenas às partes.

Mesmo, no entanto, que se compreenda este esforço de superação da fragmentação, é preciso também ter em conta que toda a análise pressupõe dividir, focalizar os detalhes, as partes. Categorizar é sempre fragmentar, é pôr o foco em partes do todo. É possível reconstruir sem desconstruir antes?

Parece, entretanto, que não se trata novamente de tudo ou nada. Fragmentar e categorizar não significam, necessariamente, permanecer com o foco do trabalho apenas nas partes. Pode-se exercitar um movimento dialético entre o todo e as partes, de modo que se consiga ampliar a compreensão do todo, inclusive das interações que o constituem, focalizando temporariamente nas partes e em suas interconexões. Pode-se olhar partes de um sistema complexo sem necessariamente dividi-lo. Isto, evidentemente, não significa que não haja pesquisas, mesmo qualitativas, em que a fragmentação seja uma característica. Categorizar, todavia, não é necessariamente ficar apenas nas partes.

No momento de discutir a questão da fragmentação é preciso também ter presentes os próprios limites da linguagem. As categorias são componentes da própria linguagem. Só é possível expressar-se em relação à realidade por meio das categorias construídas na linguagem. Por isso as representações linguísticas são sempre e necessariamente parciais e de algum modo fragmentadas.

Num outro sentido também é importante destacar que, linguisticamente, é impossível mapear o todo. A explicitação de uma compreensão é sempre apenas parte de um todo. Um mapa é sempre uma representação simplificada do território, uma vez que se assim não fosse não seria mapa. Assim sendo, pretender atingir o todo é sempre uma ilusão. A tomada de consciência, por meio da linguagem, exige sempre descarte de informação, cuja quantidade está além de nossos limites de lidar com ela.

Assim, na impossibilidade de concretamente atingir o todo, o que o pesquisador precisa ter presente é a importância de explicitar o paradigma em que se movimenta e se posicionar sobre a questão da fragmentação. Aceitando a importância de superar a fragmentação e o reducionismo implícitos no paradigma dominante positivista, também é preciso ter clareza do que envolve assumir um novo para-

digma. Superar a pretensão de generalizar de forma independente de tempo e contexto, especialmente a partir de fragmentos amostrais, exige explicitar outro tipo de teorização e abstração. Não há ciência do particular. Acrescentando a isto a impossibilidade de expressão de uma teoria completa da realidade, exige-se do pesquisador saber mover-se dialeticamente entre o todo e as partes de modo a construir compreensões cada vez mais válidas e pertinentes em relação aos fenômenos que investiga.

Ao examinar AC e AD em função dos modos como lidam com categorias, percebe-se que ambas as metodologias as utilizam, ainda que de maneiras diversificadas. Certamente a categorização é procedimento mais típico da AC, ainda que não inteiramente ausente da AD, especialmente em algumas de suas abordagens.

Num certo sentido as categorias estão presentes em toda AD. Isto ocorre na seleção dos focos ou categorias teóricas empregadas na análise. Assim, ainda que a AD não tenha pretensão descritiva e, portanto, não categorize elementos do discurso analisado, quando propõe seu exame do discurso o faz com base em categorias teóricas previamente selecionadas. Evidentemente o esforço de fazer esta análise em relação ao todo é um exercício de superação da fragmentação. Neste sentido entende-se que a AD de algum modo avança significativamente na direção de superar as limitações da fragmentação e do reducionismo.

Já a AC sempre trabalha com categorias. A categorização é um dos elementos centrais e característicos dessa metodologia e de outros modos de análises textuais que dela se aproximam. Não tem sentido falar em AC sem categorias; entretanto implicaria isto sempre em um produto fragmentado?

Certamente em suas versões iniciais, fundamentada num modelo de pesquisa positivista e objetiva, na AC havia excesso de fragmentação do seu *corpus*. A própria regra de categorização,

"exclusividade mútua", ou seja, uma mesma unidade de análise só poderia enquadrar-se numa categoria, carrega indícios dessa fragmentação.

Entende-se, entretanto, que hoje a AC movimentou-se para formas de análise mais flexíveis, em que as categorias construídas no processo se interpenetram. Categorizar, mais do que focalizar exclusivamente partes de um sistema, passa a significar dar ênfase a uma parte como modo de melhorar a compreensão do todo. Cada categoria de análise passa a constituir uma perspectiva de exame, um direcionamento do olhar dentro do todo. Entendida desta forma, a categorização supera a regra da exclusividade mútua, podendo uma mesma unidade de significado ser utilizada em diferentes categorias, ainda que explorada de distintas perspectivas.

A própria construção de teorias emergentes, um processo reiterativo e recursivo, em que gradualmente se expressa uma abstração sobre um fenômeno com base em categorias e suas relações, supõe um movimento do todo às partes e das partes ao todo.

Deste modo procurou-se mostrar que a AC e a AD, tal como a maioria das metodologias de dados de pesquisas qualitativas, utilizam-se de categorias ou estruturas similares, mesmo pretendendo superar a fragmentação da realidade: Como expressar algo compreendido sem utilizar categorias, se estas estão na própria natureza da linguagem?

Procura-se argumentar ainda que a ênfase no todo ou nas partes é sempre uma questão relativa. O todo nunca é atingido. Sempre se está lidando com fragmentos, ainda que seja importante a preocupação em evitar a fragmentação em que o foco passa a estar exclusivamente nas partes, com perda da informação referente às relações e interações que na caracterização de sistemas complexos são muito mais importantes do que propriamente os seus elementos constituintes de base.

Compreende-se que neste esforço de superação da fragmentação a AD se movimenta mais decisivamente em direção ao todo. Mesmo assim, ainda aceitando que algumas formas de AC continuam excessivamente fragmentadas, também nesta abordagem está em curso um esforço em cada vez mais atingir uma compreensão global dos fenômenos examinados.

No rio das análises textuais, ao se focalizar o movimento de superação da fragmentação dos fenômenos no sentido de captá-los em sua globalidade, a Análise Textual Discursiva novamente se insere num espaço intermediário entre AC e AD. Mesmo assumindo que as compreensões atingidas necessitam ser expressas na linguagem, a Análise Textual Discursiva tende a perceber seus objetos de pesquisa como discursos, não como fenômenos ou conceitos isolados. Nisso se manifesta sua opção por focalizar preferencialmente o todo, entendido como discursos construídos e reconstruídos coletivamente.

Teorias Emergentes e Teorias a Priori: É possível ver sem teoria?

A Análise de Discurso estrutura-se sempre em torno de teorias marcantes e fortes escolhidas *a priori*. Esta é uma exigência por assumir um olhar teórico externo no exame das realidades que investiga.

Já a Análise de Conteúdo pode tanto operar com teorias *a priori* quanto com teorias emergentes, entretanto cada vez mais tem assumido a construção de teorias a partir dos dados (Strauss, 1987).

Podemos constatar que toda pesquisa pretende uma ampliação da compreensão ou da capacidade de explicação dos fenômenos que investiga. A compreensão geralmente é associada às pesquisas qualitativas; já a explicação, via exploração de relações causais, é

pretensão mais permanente nas pesquisas de cunho quantitativo e inferencial. Ambos os processos estão diretamente relacionados às pretensões teóricas da pesquisa.

A teoria está presente de modo constante no processo da pesquisa. A própria formulação de problemas e hipóteses já a subentende. A construção dos dados e sua análise e interpretação certamente também não podem fugir dela. Desta forma é impossível conceber uma pesquisa sem um olhar teórico, ainda que este eventualmente possa estar implícito.

Da mesma forma toda pesquisa pretende um avanço teórico. Toda investigação pode ser compreendida como partindo do questionamento de uma teoria existente, visando a seu aperfeiçoamento, sua ampliação e complexificação. Tanto a AC como a AD podem contribuir nesta pretensão, ainda que as formas com que pretendem fazê-lo possam ser diferentes.

Quando se focaliza pesquisas em educação é possível conceber dois modos de trabalhar com a teoria: *teorias a priori* e *teorias emergentes*. No primeiro modo de lidar com a teoria o pesquisador explicita desde o início seu olhar teórico, servindo a teoria ou teorias selecionadas para direcionar toda a pesquisa. É o que se denomina "*teorias a priori*". No segundo modo o pesquisador pretende construir a teoria a partir da pesquisa. É a perspectiva de pesquisa de *teorias emergentes* defendidas por Lincoln e Guba (1985) e Strauss (1987). Concebe-se esta construção teórica como a explicitação de teorias implícitas nas falas e discursos de participantes de pesquisa. É uma abordagem típica de estudos de cunho fenomenológico, etnográfico e hermenêutico.

A opção por trabalhar com uma ou outra forma de conceber a teoria na pesquisa depende de escolhas epistemológicas e metodológicas feitas pelo pesquisador.

Quando o pesquisador trabalha com teorias emergentes, pretende seu avanço teórico a partir do exame dos dados empíricos. As teorias emergentes são construídas a partir dos dados, das categorias e das relações entre eles. Neste processo as teorias vão sendo construídas de forma progressiva e recursiva, de tal modo que novos dados e informações vão possibilitando a emergência de uma estrutura teórica cada vez mais válida e consistente.

É importante explicitar que esta perspectiva não significa pretender trabalhar sem teoria. Pressupõe-se, no entanto, que o pesquisador opera com base em seus conhecimentos tácitos (Lincoln; Guba, 1985) e teorias implícitas. Por outro lado, adotando uma atitude fenomenológica, pretende explicitar as teorias que se encontram implícitas nas manifestações linguísticas dos interlocutores empíricos de sua pesquisa. As estruturas teóricas assim construídas é o que se denomina *teorias emergentes* (Strauss, 1987).

O segundo modo de conceber teorias em pesquisas é o que denomina-se de *"teorias a priori"*. Esta é a forma mais comum de lidar com a teoria em pesquisa. São teorias que são escolhidas e explicitadas desde o início da investigação, podendo isso ocorrer tanto em abordagens quantitativas quanto qualitativas. Quando a opção é por teorias *a priori* estas servirão de base para todas as etapas da pesquisa, especialmente para a interpretação dos dados. As teorias *a priori* correspondem a olhares teóricos trazidos "de fora" para examinar e interpretar os fenômenos focalizados em uma pesquisa.

Quando se comparam AC e AD no que se refere aos modos de lidar com a teoria, pode-se destacar que:

1 – A AD trabalha com teorias *a priori*. Conforme já explicitado anteriormente, a ênfase interpretativa e crítica da análise de discurso exige que ela adote uma "teoria forte". Esta será escolhida antes do exame da realidade empírica. Assim, não é possível conceber-se AD sem uma opção teórica *a priori*. Mais do que uma teoria "sobre um fenômeno", representam teorias que fundamentam a análise.

2 – A AC pode assumir tanto a perspectiva de teorias *a priori* quanto de teorias emergentes. A primeira perspectiva pode tanto referir--se a estudos dedutivos-verificatórios, tipicamente quantitativos, como também a pesquisas indutivas-compreensivas, de natureza qualitativa. Neste caso a teoria serve para a dedução das hipóteses nos estudos verificatórios, ou para a interpretação dos resultados nas pesquisas compreensivas. Já as pesquisas com AC que trabalham com teorias emergentes são radicalmente qualitativas. Visam à melhoria da compreensão dos fenômenos investigados a partir da explicitação de teorias construídas com base nas próprias informações reunidas em relação aos fenômenos. Nisso a AC se aproxima decisivamente da ATD.

Como fica aqui a metáfora em relação ao movimento no rio? Seria a "força" da teoria, seu potencial de crítica do discurso, um movimento contra a correnteza do rio? Seria o exercício interpretativo mais amplo, ou a procura de teorias emergentes dos fenômenos, estes típicos de abordagens etnográficas, fenomenológicas e hermenêuticas, processos que mais se assemelham a acompanhar o movimento do rio?

Onde se insere nesta discussão a Análise Textual Discursiva? A partir de seu viés hermenêutico ela se aproxima de forma decisiva das teorias emergentes, movimentos de teorização que se originam nas manifestações discursivas dos sujeitos das pesquisas. Novamente, mais do que movimentos a favor ou contra a corrente do rio, representam mergulhos em profundidade, movimentos discursivos que constroem e reconstroem as realidades investigadas.

Considerações Finais

Propomo-nos neste capítulo a fundamentar o argumento de que a *Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Análise Textual Discursiva* constituem metodologias que se encontram num único domínio, a Análise Textual. Mesmo que possam ser examinadas a partir de um eixo comum de características, também apresentam diferenças, sendo estas geralmente mais em grau ou intensidade de suas características do que em qualidade. A Análise Textual Discursiva assume pressupostos que a localizam entre os extremos da AC e AD.

Para fundamentar esta tese focalizaram-se seis pares polarizadores de características: descrição e interpretação, compreensão e crítica, leitura do manifesto ou latente, pressupostos em fenomenologia, hermenêutica e etnografia x dialética, partes e todo e teorias emergentes e *a priori*. Reconhecendo que há rupturas mais radicais em algumas abordagens de AD, procurou-se montrar que, contrastando AD e AC, ainda que haja movimentos preferenciais das duas abordagens de análise, há também aproximações e superposições. Esse fato levou a adotar a metáfora do movimento num rio, o rio do discurso. Em todas essas dimensões a Análise Textual Discursiva tende a assumir entendimentos que a situam entre essas duas abordagens de análise, focalizando geralmente a profundidade e complexidade dos fenômenos.

Análise de Conteúdo e Análise de Discurso podem ser concebidas como formas de se mover num rio. A primeira assemelha-se a percorrer o rio seguindo sua correnteza, navegando *rio abaixo*. A segunda opta por navegar enfrentando a correnteza, movendo-se *rio acima*. A Análise Textual Discursiva, mesmo podendo mover-se a favor e contra a corrente, tende mais a explorar a profundidade do rio.

Neste sentido a AC, como realmente costuma ser apontada pelos que a utilizam, constitui um processo de certo modo mais fácil de ser compreendido e realizado. Mesmo que uma AC rigorosa exija cada vez mais um aprofundamento teórico nos pressupostos que fundamentam esta metodologia, ela pode ser conduzida a partir de conhecimentos tácitos do pesquisador (Lincoln; Guba, 1985). Os pressupostos linguísticos, filosóficos e epistemológicos podem ser aprofundados enquanto o pesquisador se envolve nos processos de análise. Ainda que o conhecimento dos pressupostos que fundamentam a AC facilite e qualifique o processo, não é condição *sine qua non* para sua concretização. De algum modo a AC se aproveita da energia do rio em seu movimento rumo ao mar. A AC aproveita-se do fato de todos serem participantes ativos na construção da linguagem.

Já a AD é uma metodologia com outras exigências. Corresponde a navegar o rio contra a correnteza. Requer não apenas assumir um referencial teórico "forte" para fundamentar suas interpretações, mas ainda exige um domínio cada vez mais aprofundado dos pressupostos que embasam esta metodologia, especialmente em termos de linguística. É crítica e dialética em sua própria natureza, ainda que isso possa ser compreendido de diversificados modos. Tudo isso, entretanto, paga-se com uma exigência de se movimentar com maior insegurança.

De qualquer modo, as diversificadas metodologias têm suas finalidades e objetivos dentro da pesquisa qualitativa. Têm seus espaços. Não se excluem. Não são empregadas ao mesmo tempo numa pesquisa, mas no conjunto das pesquisas de cunho qualitativo e cada uma delas tem condições de contribuir para ampliar a produção de conhecimento sobre a realidade.

Seguidamente é importante descer o rio. Outras vezes o importante é subi-lo. Em outras ainda interessa explorá-lo em profundidade. Quando o barco é suficientemente potente e tem os necessários recursos, faria muita diferença?

Capítulo 7

METAMORFOSES MÚLTIPLAS: Emergências incertas e inseguras no caminho da Análise Textual Discursiva

Relatos de pesquisadores que percorreram os caminhos da Análise Textual Discursiva indicam que os que optam por essa metodologia passam por diferentes metamorfoses, sempre com base em emergências auto-organizadas. De uma parte ocorrem metamorfoses em relação aos modos de conceber e lidar com os objetos de pesquisa, os temas e fenômenos investigados, com novas e originais compreensões emergindo ao longo do processo. De outra parte ocorrem metamorfoses em relação aos caminhos da análise, com superação de paradigmas dominantes de ciência na constituição de sempre novas rotas de pesquisa, incertas e inseguras em sua própria natureza. Em estreita relação com isto dá-se a emergência de um pesquisador capaz de reconstruir seu entendimento do escrever e percebendo novos sentidos na produção escrita. Superando o entendimento de que apenas se escreve para comunicar algo já inteiramente conhecido, o pesquisador sofre metamorfoses que o fazem compreender o processo do escrever como forma de criar novos mundos, novos conhecimentos. Finalmente, as metamorfoses mais radicais ocorrem com os próprios sujeitos pesquisadores, que precisam se assumir autores de suas pro-

duções, o que exige que manifestem suas próprias vozes, ainda que em diálogo constante com outras vozes. O pesquisador precisa estar aberto para se desconstruir ele próprio, possibilitando a emergência de um novo sujeito pesquisador.

O texto do presente capítulo apresenta resultados de pesquisa realizada com mestres, sobre vivências na construção de suas dissertações, adotando a Análise Textual Discursiva como ferramenta analítica. Foram examinadas 12 dissertações elaboradas com o uso dessa modalidade de análise (Araujo, 2003; Baumgarten, 2003; Carlotto, 2004; Costa, 2005; Ferreira, 2004; Magalhães, 2002; Oliveira, 2003; Pedrini, 2003; Schaeffer, 2003; Souza, 2004; Zago, 2003; Zimmer, 2004), além de 16 depoimentos descrevendo os usos diversificados da metodologia pelos sujeitos da pesquisa. As dissertações foram analisadas a partir de cópias das bibliotecas das instituições em que foram produzidas e os depoimentos foram obtidos em forma escrita por correspondência em correio eletrônico, a partir de instrumento encaminhado aos participantes. O *corpus* foi analisado com base na Análise Textual Discursiva, constituindo o presente texto um dos metatextos produzidos na pesquisa.

Ao longo deste capítulo pretende-se mostrar as metamorfoses anteriormente anunciadas, caracterizando-as como processos auto-organizados, surpreendentes por seu caráter emergente, mas ao mesmo tempo exigindo do pesquisador um profundo envolvimento e dedicação para que possa tirar todo o proveito do processo. A metáfora das metamorfoses procura expor o inesperado que o processo envolve, não podendo ser previsto nem o tempo necessário para as emergências, nem os produtos que dele resultarão. Tal como da larva surge a crisálida e desta a borboleta, na Análise Textual Discursiva várias emergências vão se constituindo, sempre de modo inesperado e incerto, mas plenas de vitalidade e surpresa.

Um Caminho Incerto e Inseguro

Uma pesquisa que trabalhe em torno de um problema original requer do pesquisador percorrer um caminho que está indefinido o tempo todo. Somente no final se atinge uma clareza maior do que é pretendido. A Análise Textual Discursiva tem sido metodologia importante para ajudar a construir os caminhos nesse tipo de pesquisa, exigindo do pesquisador, entretanto, saber conviver com a insegurança de um fluxo incerto e inconstante de uma trajetória que precisa ser produzida no próprio processo da pesquisa, em que o seu objeto é reconstruído constantemente. Estes são alguns aspectos a serem focalizados nesta primeira parte do texto.

Aqueles que se envolvem em uma pesquisa de natureza qualitativa e dentro dela com a Análise Textual Discursiva, logo compreendem que, ainda que tenham optado por um caminho metodológico, este não está dado, mas precisa ser construído.

O desafio nas pesquisas qualitativas com análise textual é encontrar uma metodologia adequada à investigação em andamento. Nisso nenhuma prática anterior parece ser suficiente para evitar as inseguranças que naturalmente acompanham o processo. Nada é dado pronto desde o início, mas tudo é construído ao longo do processo. Daí a sensação de insegurança e imprecisão que acompanha o pesquisador em todo o percurso. Não sabe exatamente para onde se move, nem por onde deve andar.

A compreensão da metodologia da análise só é atingida na prática depois de percorrer seu caminho. Por isso "descrever como se dá o processo de análise é muito mais fácil do que praticá-lo.[1]" O método é o modo de adequação das estratégias da pesquisa ao pensamento

[1] As passagens de texto apresentadas entre aspas correspondem a manifestações de mestres investigados a partir do uso da Análise Textual Discursiva em suas dissertações e não foram identificados os autores.

em movimento do investigador, ao seu objeto. "*O pensamento não é uma coisa, mas sim um movimento. A verdade não está parada, esperando ser encontrada; toda verdade é verdade andando, e nos cabe tão-somente andar com ela*" (Bernardo, 2000, p. 41).

A metodologia da Análise Textual Discursiva é um caminho do pensamento do pesquisador. Como tal, "é um processo singular e dinâmico que cada pesquisador constrói, sem ponto determinado de partida ou de chegada". Por ser singular e dinâmico, o caminho do pensamento não pode ser dirigido de fora, mas precisa ser construído no próprio processo, pelo próprio sujeito. Ao mesmo tempo esta metodologia confere ao pesquisador ampla liberdade de criar e de se expressar.

Realizar uma Análise Textual Discursiva é pôr-se no movimento das verdades, dos pensamentos. Sendo processo fundado na liberdade e na criatividade, não possibilita que exista nada fixo e previamente definido. Exige desfazer-se de âncoras seguras para se libertar e navegar em paragens nunca antes navegadas. É criar os caminhos e as rotas enquanto se prossegue, com toda a insegurança e incerteza que isso acarreta. Ainda que o caminho finalmente resultante seja linear, por força da linguagem em que precisa ser expresso, em cada ponto há sempre infinitas possibilidades de percursos. Daí mais uma razão de insegurança e angústia.

Envolver-se com a Análise Textual Discursiva requer do pesquisador assumir uma viagem sem mapa, aceitar o desafio de acompanhar o movimento de um pensamento livre e criativo, de romper com caminhos já prontos para construir os próprios, conforme expressa Maturana:

> O que é uma resposta aceitável? Cada vez que se quer responder a uma pergunta a dificuldade principal está em saber quando se tem a resposta. Como reconhecer uma resposta adequada se não se conhece de antemão qual é? (1997b, p. 4).

A Análise Textual Discursiva, pretendendo uma superação do paradigma dominante, e se inserindo preferencialmente em pesquisas de cunho aberto, em que as próprias interrogações vão se constituindo de forma emergente, necessariamente representa um caminho inseguro. Quando os próprios questionamentos ainda não estão inteiramente definidos, não há como guiar-se por indicadores externos. Para quem opta por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo, "viver uma dissertação é viver num turbilhão de emoções e de angústias". A análise textual pode trazer alguma segurança nesse processo. Mesmo assim, o mestrando precisa saber conviver com a insegurança de um caminho que ainda não está traçado, de lidar com um objeto que somente se define ao longo do processo.

De acordo com as manifestações de mestres que passaram pelo processo, nenhuma reflexão posterior pode refletir toda a angústia que é procurar o caminho para a análise as informações. Esse caminho é descrito como uma "jornada complexa em que certezas se transformam em dúvidas, em que muitos caminhos se desviam e novos horizontes vão se configurando e se tornando realidade".

Uma análise textual criativa tem sido comparada ao voo de uma águia. Pelas dificuldades iniciais em alçar seus voos, uma mestranda refere: "Durante nossos encontros e desencontros sempre falamos do voo da águia. Eu, em determinados momentos, considerava que a minha águia estava com a asa machucada". A Análise Textual Discursiva representa um caminho de passos inseguros e imprecisos que somente se clarificam ao longo da jornada. A águia precisa exercitar o seu voo livre e criativo. Por isso o percurso da construção de uma dissertação é sinuoso e incerto, alcançando-se alguma segurança somente no final do processo.

"Apesar de seguir todo o processo (conforme recomendado) devo dizer que nem sempre as coisas correram de forma fluente". O processo da análise se constitui de muitas idas e vindas. "A maior

dificuldade na minha dissertação foi iniciar o processo de análise textual. Depois de iniciado, com disciplina, organização, dedicação e disponibilidade para leitura crítica, reflexão e reescritas sucessivas, a produção escrita do relatório de pesquisa torna-se uma atividade gratificante". Os mestrandos não economizam palavras na descrição do processo exigente e envolvente que é a Análise Textual Discursiva, ainda que o mais complexo pareça ser o passo inicial, entretanto o processo é tal que, cada novo passo parece ser mais difícil que o anterior. "Acabei a primeira análise de todos os dados. Ufa! Mas agora vem o mais difícil". Isso parece ser uma sensação que necessariamente acompanha um processo em que o que já foi superado é conhecido e o que está à frente ainda é incógnito, incerto e inseguro.

Não ter um caminho definido com precisão desde o início exige que o pesquisador faça a trajetória em pequenos passos, com tomadas de decisão graduais. Dois passos para a frente, um para trás, constantes retomadas do que já foi feito para fazê-lo melhor, este é o processo de construir o próprio caminho. Assim sendo, o mestrando nunca tem uma ideia clara do processo todo, movimentando-se nele e avançando gradualmente, sem um ponto final predefinido. A indefinição do ponto de chegada causa muita apreensão.

Se o passo inicial é difícil, cada um dos movimentos intermediários também traz suas angústias. É preciso percorrer todo o processo com muito envolvimento. Não é possível acelerar e pular etapas. A conclusão só pode surgir no final, mas nem mesmo então as incertezas e dúvidas desaparecem. "Ao entregar o texto final fiquei com inúmeras interrogações. Um pensamento que me ocorreu no final do trabalho é que se tivesse tempo hábil, escreveria e organizaria de forma diferenciada".

O processo da Análise Textual Discursiva corresponde a um fluxo do pensamento, incerto, inconstante e inseguro. Somente o que já foi concretizado, com muita crítica e reconstrução, pode propiciar certo sentimento de gratificação e segurança, nunca, entretanto, definitivo e completo.

Envolver-se numa Análise Textual Discursiva significa para a maioria dos pesquisadores construir novos caminhos. As angústias e dificuldades que enfrentam no processo fazem com que os mestrandos cheguem a pensar em nunca mais se envolverem nesse tipo de pesquisa. Concluído o processo e passado algum tempo, contudo, o entusiasmo é retomado e conseguem perceber o crescimento que tudo isto propiciou.

Em parte as dificuldades no envolvimento com este tipo de análise devem-se à necessidade de superar um modelo racional de pensamento. Um envolvimento efetivo na análise textual implica abandonar-se à emergência dos fenômenos auto-organizados. Para um mestrando "foi um exercício de superação do pensamento linear". Os entendimentos de ciência, de pesquisa e de método precisam passar por metamorfoses.

Não ter pontos de partida e chegada definidos desde o começo, não dispor de um roteiro preestabelecido, não ter o caminho traçado de antemão, implicam insegurança e imprecisão em cada passo a ser dado. A Análise Textual Discursiva funciona em grande parte a partir de processos indutivos, de emergência de categorias a partir de unidades isoladas. Esses processos são necessariamente inseguros, não havendo previsão de pontos de chegada com precisão.

O processo da Análise Textual Discursiva tem fundamentos na fenomenologia e na hermenêutica. Valoriza os sujeitos em seus modos de expressão dos fenômenos. Centra sua procura em redes coletivas de significados construídos subjetivamente, os quais o pesquisador se desafia a compreender, descrever e interpretar. São processos hermenêuticos.

A opção por novos percursos, o acompanhar o pensamento à procura de novas verdades, que ao serem atingidas se manifestam sempre inseguras e incertas, pode explicar a inquietação constante e a sensação de insatisfação que acompanha todo o caminho da

Análise Textual Discursiva. A dúvida e o medo estão constantemente presentes. A convicção de ter produzido algo válido e inédito somente pode ser construída com muita crítica e reconstrução. Somente no final surge um pouco de segurança sobre o que se pretendia ao iniciar.

Assim, o envolvimento com a Análise Textual Discursiva propicia aos que nela se envolvem metamorfoses em relação aos modos de lidar com os objetos de pesquisa. Movimentar-se nesse tipo de análise requer reconstruir entendimentos de verdades e de seus modos de instituí-las. Exige do pesquisador assumir-se nos movimentos de seu próprio pensamento, na procura de novos sentidos que necesitam ser produzidos ao longo do processo, sem ter ponto de chegada previsto. O pensamento linear e racionalizado precisa dar lugar ao pensamento complexo, emergente. Nisso o processo também solicita que o pesquisador se assuma como autor das verdades que vai constituindo e expressando.

Metamorfoses Metodológicas

Ainda que incerta e imprecisa, a Análise Textual Discursiva fundamenta-se numa metodologia, a qual é bastante exigente, especialmente no sentido de uma impregnação e envolvimento aprofundados, atingidos por meio da unitarização e da categorização. Somente nessas condições é possibilitada a emergência auto-organizada de novas compreensões, objetivo básico da pesquisa qualitativa.

Um dos segredos cruciais de uma Análise Textual Discursiva bem-sucedida é uma intensa impregnação com os materiais da análise. É importante que o pesquisador aproveite todas as oportunidades que se oferecem para se envolver intensamente com seu "corpus", atingindo uma efetiva impregnação. Esta pode dar-se de muitos modos. Um deles é a transcrição e preparação dos materiais e entrevistas

pelo próprio pesquisador. Também as leituras e releituras exaustivas do material de análise na unitarização e categorização constituem formas de impregnação com os fenômenos sob investigação, criando as condições para a emergência do novo.

As exigências de uma impregnação aprofundada no processo frequentemente provocam reações negativas nos pesquisadores, que não conseguem neste momento compreender seu verdadeiro significado. A fuga de um envolvimento intenso na análise, entretanto, sempre se reflete negativamente em termos da profundidade dos resultados que podem ser atingidos. Processos auto-organizados e emergentes somente funcionam com base em intensos envolvimentos com os fenômenos.

O processo de impregnação se efetiva com a unitarização, consistindo ela em aprofundar as leituras, selecionando aspectos importantes dos fenômenos a serem trabalhados posteriormente no processo produtivo. Unitarizar é delimitar e destacar unidades básicas de análise a partir dos materiais pesquisados, envolvendo permanentes interpretações do investigador.

O entendimento de que as leituras que realiza para unitarizar, especialmente as mais aprofundadas, constituem necessariamente interpretações do pesquisador, seguidamente é motivo de insegurança e angústia. A incerteza e imprecisão que acompanham as leituras e interpretações podem explicar em parte as dificuldades desse movimento inicial das análises. É difícil, mas importante, saber movimentar-se nesse espaço "entre" as vozes dos interlocutores empíricos e a voz do autor.

> Escutar, olhar, ler equivale finalmente a construir-se. Na abertura ao esforço de significação que vem do outro, trabalhando, esburacando, amarrotando, recortando o texto, incorporando-o em nós, destruindo-o, constituímos para erigir a paisagem de sentido que nos habita. O texto serve aqui de vetor, de suporte ou de pretexto à atualização do nosso próprio espaço mental (Levy, 2003, p. 37)

Referindo-se à unitarização, uma pesquisadora explicita: "Esse momento de análise foi muito interessante, pois permitiu examinar as informações que se apresentavam de forma complexa e podiam comunicar várias ideias, a partir do meu olhar e da minha subjetividade enquanto pesquisadora. Ficou muito claro para mim isso: a cada leitura novas compreensões". Pela identificação e isolamento das unidades de análise criam-se as condições de emergência de novas compreensões.

O processo da unitarização é inseguro num primeiro momento. "Inicialmente, durante o processo da unitarização, não consegui desmontar os textos. Muitas vezes tinha diversos assuntos sendo abordados em um mesmo material e não desmontava porque considerava tudo importante. Aos poucos fui conseguindo desmontar e criar as unidades de significado".

A insegurança do processo desconstrutivo tem muitas origens. De um lado o próprio pesquisador não tem bem-definidos os limites para suas desconstruções, precisando estabelecê-los enquanto avança no processo. Por outro lado é mais fácil manter-se em verdades já estabelecidas, sejam as próprias, sejam de outros sujeitos. Criar a desordem em algo já organizado é necessariamente movimento de aumento de entropia e insegurança.

O processo de unitarização pode ser entendido como o movimento de um sistema de ideias organizado para o caos, produzindo-se um conjunto desordenado e caótico de unidades relativas aos fenômenos investigados. Essa desorganização visa a criar as condições para o surgimento de novas formas de organização. A desorganização do material do *corpus* corresponde à criação de um espaço criativo, de auto-organização, capaz de dar origem a combinações originais. O caos criado pela unitarização faz emergir as condições para o funcionamento da auto-organização.

A emergência auto-organizada de novos entendimentos requer um meio caótico e desordenado. Conviver com esta aparente desorganização, na expectativa da emergência do novo, representa a insegurança e a angústia que acompanham o processo da análise em seus momentos iniciais.

Para quem vive esses sentimentos pela primeira vez é difícil compreender a importância do que está ocorrendo: "Muitas vezes sentia-me inundada pelo material. Parecia não haver indicativo de que eu chegaria a algum lugar, uma desordem total. Hoje vejo o quanto estava enganada e principalmente percebo que o processo de construção e desconstrução é fundamental em um processo de interpretação".

O momento da unitarização é, ao mesmo tempo, desconstrutivo e construtivo. "Leitura, codificação de dados agregados em unidades, delimitação, definição e classificação levam às inferências e à compreensão do sentido". Na unitarização parece que está tudo desorganizado, no entanto é o caminho para a organização do novo.

É importante saber conviver com este momento de desorganização para possibilitar a emergência do novo. As novas compreensões somente são oferecidas para quem investe efetivamente no processo de análise, especialmente na unitarização e categorização.

O momento inicial da análise é inseguro e incerto. "Considero relevante salientar que durante o processo de desmontagem dos textos e unitarização senti muito medo, porque, embora soubesse que as categorias iriam advir desse processo, ficava achando que nunca as encontraria".

O processo de emergência de categorias não é inteiramente comandado pelo pesquisador. Exige conviver com a espera pelo surgir das categorias, sempre com base num envolvimento intenso a partir da desconstrução dos materiais do *corpus*.

"Dando passos adiante no processo da análise textual, identifico claramente o momento em que consegui enxergar as categorias que emergiam das falas e dos relatos escritos". O nascimento das categorias corresponde ao surgimento de outro espaço, "o espaço do prazer, no qual a escrita flui com rapidez".

Mesmo quando emergem, as categorias não nascem prontas, mas exigem um retorno cíclico para sua gradativa explicitação e qualificação. É o próprio pesquisador que necessita avaliar suas categorias em termos de sua validade e pertinência, processo que exige conviver constantemente com a incerteza e imprecisão, que somente aos poucos vão se clarificando. Assim, o processo de categorização não se conclui na emergência inicial das categorias, mas precisa avançar até que se atinja um sistema de categorias válido e capaz de expressar com clareza as novas compreensões alcançadas. Isso envolve o entrecruzamento das categorias construídas, complementando-se e se agrupando em grandes categorias.

O envolvimento com a unitarização e categorização mostra que os processos auto-organizados a eles associados não podem ser planejados, ainda que uma impregnação intensa com os fenômenos possa criar espaços para a emergência de novos *insights*. Especialmente a desconstrução dos materiais do "corpus" revela-se um modo de alimentação da auto-organização capaz de fazer emergir novos entendimentos e organizações. Esses processos exigem paciência de parte do pesquisador para que possam se completar. Não há tempo certo para que se manifestem, no entanto é importante ficar atento para captar o novo emergente tão logo se apresente.

Essas manifestações parecem ocorrer nos momentos mais inesperados, tal como descreve uma mestranda: "Tive uma noite muito turbulenta e cheia de pesadelos e acordando a toda a hora. Mas surgiram muitas ideias para a dissertação, que está indo muito bem". Assim, processos auto-organizados não podem ser previstos. O pesquisador precisa preparar-se para eles e quando surgem deve saber aproveitá-los e captar o novo emergente.

Mesmo que não compreenda inteiramente o processo da auto-organização, o pesquisador, quando nele se envolve com intensidade, tira dele os resultados esperados, sempre com muito investimento e esforço.

A Análise Textual Discursiva pode ser comparada com a formação de uma tempestade. O trabalho do pesquisador é de criar pela unitarização as condições de formação da tempestade, e então, pela categorização, aproveitar todos os resultados que vão emergindo do caos criado. É de modo especial a desconstrução e caotização propiciadas pela unitarização que criam as condições para a emergência de categorias criativas e originais, correspondendo a novos modos de entender os fenômenos investigados.

A impregnação intensa com os materiais de análise possibilita no decorrer do processo uma constante aprendizagem, ao mesmo tempo que ajuda a encaminhar a comunicação dessas mesmas aprendizagens e das novas compreensões atingidas.

Ao longo desse processo, de vez em quando é preciso deixar os dados descansarem um pouco, dar tempo para a auto-organização entrar em ação, "deixando que o trabalho inconsciente se realize, que o quebra-cabeças encontre suas soluções". Seguidamente as soluções se apresentam de forma surpreendente. "Acordei e tratei de jogar essas ideias no computador. Quanto mais escrevia, mais coisas vinham a minha mente. Tudo que estava solto foi se juntando e tomando forma". Quando o pesquisador consegue atingir esse estágio produtivo, interpretar, associar informações ou inserir citações, retificando o que já construiu, o trabalho torna-se gratificante.

O caminho da Análise Textual Discursiva por sua característica auto-organizada e emergente, não pode ser planejado inteiramente de antemão. Exige saber movimentar-se em processos inseguros e incertos. Aqueles que souberem lidar com esta insegurança, deixando o processo fluir naturalmente, conseguem obter excelentes resultados, gratificando-se, ao mesmo tempo, com o trabalho e com os produtos atingidos. Isso, entretanto, seguidamente exige que o pesquisador se transforme. Envolver-se efetivamente nesses caminhos corresponde à superação de entendimentos lineares de ciência e dos modos como

esta propõe a construção e reconstrução de conhecimentos e teorias. Assim, no uso da Análise Textual Discursiva, ao mesmo tempo que atinge novas compreensões em relação aos fenômenos que investiga, o pesquisador sofre metamorfoses em seus entendimentos de ciência, em seus paradigmas e em suas convicções metodológicas. Transforma-se no sentido de superação de entendimentos racionalizados de produção do conhecimento, para assumir a complexidade e auto-organização como modo de propiciar novos conhecimentos e compreensões.

O Escrever como Parte do Caminhar

Na metodologia da Análise Textual Discursiva assume papel central a escrita. Análise e escrita se interconectam ao longo de todo o processo, constituindo um processo produtivo exigente, solicitando constantes retomadas e reescritas para alcançar resultados confiáveis e que satisfaçam ao pesquisador e aos possíveis leitores. No exercício de expressar o novo ainda não inteiramente compreendido, as metáforas desempenham papel importante, auxiliando a comunicar com grande intensidade e prazer novos entendimentos emergentes das análises. Na reconstrução do entendimento do processo da escrita, assumido a partir do envolvimento na Análise Textual Discursiva como sendo mais do que apenas comunicar, está outra metamorfose do pesquisador.

O caminho da análise, passando pela unitarização e categorização, conduz diretamente para a escrita. Os novos entendimentos em construção precisam ser comunicados, o que é feito a partir de produções escritas.

A escrita geralmente se apresenta problemática para os mestrandos. "Escrever o meu relatório de pesquisa foi um grande desafio. Lá estava eu com páginas e páginas de material coletado

em 11 entrevistas, sem ter a mínima ideia do que fazer para organizar esse material". E então entra a Análise Textual Discursiva para ajudar.

Esta modalidade de análise, ao mesmo tempo que ajuda a organizar e estruturar os dados das pesquisas, também é importante no encaminhamento das produções escritas. É inseparável o movimento da análise do processo da escrita. Construir as novas compreensões e expressá-las ocorrem num mesmo movimento.

A partir de seus passos gradativos e sequenciais a Análise Textual Discursiva possibilita vencer as barreiras e resistências à escrita. A análise ajuda a organizar as ideias para uma escrita clara e organizada. Os mestrandos declaram que o processo é cansativo, mas que a partir do momento em que estiveram impregnados pelas falas e pelos dados categorizados, tiveram condições de escrever com um volume de fluidez muito grande.

O processo como um todo é de "intensa impregnação. Se assim não fosse não seria possível tamanha produção". Assim, uma vez passada a unitarização e a categorização, "o caminho da análise textual possibilita e resulta numa escrita mais fácil e contínua. Passado o momento da turbulência, da confusão generalizada, a escrita fluiu como se fosse uma invasão de palavras que jorravam rápidas. Parecia que o escrever não dava conta pela forma veloz como vinha o pensamento. Isso penso ser resultante da impregnação com o material coletado".

A partir desse momento várias versões do texto vão se sucedendo, sempre em resposta a críticas e contribuições de orientadores ou outros interlocutores. O mestrando percebe sua produção como se configurando e reconfigurando constantemente, produzindo-se versões que deixam o autor cada vez mais gratificado e convicto de sua qualidade.

Um desafio que acompanha todo o processo da análise, e especialmente da escrita, é o atendimento das exigências de qualidade de uma pesquisa científica. A análise textual propõe-se a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada dos materiais textuais investigados, constituindo exercício rigoroso de procura de novos sentidos e compreensões. Em cada passo, no entanto, permanece a dúvida se o rigor e qualidade pretendidos efetivamente foram alcançados. O pesquisador nunca tem certeza de que atingiu uma qualidade adequada e a resposta a esses questionamentos, eventualmente, só é obtida na defesa final. Isso, contudo, também é parte inerente à escrita criativa e original.

O desafio da análise e da escrita é atingir uma clareza cada vez maior dos textos produzidos, o que demanda submeter as produções a sucessivas leituras, críticas e reescritas. Em cada nova versão dos textos se atinge uma maior qualidade e clareza, conseguindo-se expressar os resultados da pesquisa de forma mais válida. Esse, entretanto, é um processo permanentemente inacabado e incerto, conforme apontam Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 39):

> A tragédia de qualquer escrita (e também de qualquer leitura) reside na tensão entre seu inacabamento e a necessidade de se colocar um ponto final (a obra acabada e a última interpretação possível). Essa é também a tragédia do conhecimento e da aprendizagem moderna.

Outra questão que causa apreensão e dificuldades aos mestrandos é a fidelidade para com os sujeitos da pesquisa. "Muitas vezes pensava que eu não estava sendo honesta com os componentes do grupo, por ter desprezado parte do material coletado". O pesquisador precisa aprender a lidar com este desafio, atingindo um equilíbrio honesto de vozes, contemplando tanto seus sujeitos de pesquisa quanto sua própria voz de autor.

Desse modo, a partir de um intenso e rigoroso envolvimento, a Análise Textual Discursiva ajuda a iluminar os caminhos para concluir a dissertação, garantindo um relatório válido e bem-organizado.

Mesmo que a escrita se dê num fluxo contínuo, ela não consegue eliminar inteiramente as angústias e incertezas do caminho da análise. Isso se manifesta especialmente a partir da incerteza do ponto final do trabalho. Quando se conclui, raramente se tem certeza de que se chegou ao término desejado, que se conseguiu produzir uma contribuição significativa. Isso pode causar angústia e apreensão, conforme expresso de modo magistral por Marques (1997, p. 42):

> ...escrever é enfrentar o desconhecido; é preciso calar nossas próprias vozes interiores para escrever; antes de escrever, nada se sabe do que se vai escrever, a menos que se queira apenas copiar o já escrito ou dito, ou mesmo o já pensado por nós.

"À medida que os capítulos vão sendo escritos, a dissertação vai tornando-se consistente. O próprio pesquisador, a partir de suas idas e vindas, da qualificação gradativa de suas produções parciais, das críticas e reescritas, vai se convencendo da qualidade de sua produção". A confirmação disso nas bancas apenas revela o acerto do processo.

Ainda que percorrido de forma rigorosa e envolvente, o caminho da análise exige superar alguns desafios. A construção de rigor e cientificidade nos resultados, o contemplar adequadamente as vozes dos sujeitos participantes, a produção de textos cada vez mais claros e consistentes, são alguns dos desafios que se interpõem no processo da análise. Superá-los é parte do conviver com a insegurança do caminho e de gradativamente atingir resultados confiáveis, válidos e de qualidade.

A Análise Textual Discursiva é uma metodologia que pretende desafiar os pontos de vista do pesquisador a partir de perspectivas de outros sujeitos envolvidos na pesquisa. Nesse conjunto de vozes incluem-se teóricos, autores de produções anteriores sobre os mesmos fenômenos.

Assumir uma atitude fenomenológica, de abertura a outras vozes, de permitir que as categorias se constituam em emergências a partir das informações trabalhadas, representa um desafio adicional para o pesquisador que pretende não impor teorias as suas interpretações antes de examinar os dados. Mesmo que compreenda que o sistema de categorias que constrói a partir de seu "corpus" constitui suas teorias emergentes, fica preocupado com a validade e credibilidade das teorias que produz.

Conseguir superar esses desafios, ir além de uma escrita apenas descritiva, atingindo uma produção teórica com maior afastamento do empírico, é chegar ao sentido mais aprofundado de interpretação e teorização.

As vivências dos mestrandos mostram que pode parecer mais fácil trabalhar com categorias *a priori*, a partir de teorias existentes para então buscar nos dados a sua comprovação. Categorias emergentes, contudo, parecem envolver mais o pesquisador em sua pesquisa e parecem ter potencial para atingir resultados mais criativos e originais.

Independentemente da abordagem específica que o pesquisador assuma em relação à questão das teorias, também neste aspecto o movimento parece dar-se desde uma insegurança inicial até a construção de argumentos cada vez mais sólidos e fundamentados. Com isso também vão se estabelecendo algumas certezas e seguranças, reduzindo-se gradualmente a ansiedade dos mestrandos.

Os caminhos inseguros da Análise Textual Discursiva têm, com frequência, passado pelo emprego de metáforas. Estas podem ajudar a compreender e expressar de outro modo os percursos das análises, ao mesmo tempo incertos e inseguros, mas também gratificantes e plenos de aprendizagens.

As metáforas apontam para os esforços dos pesquisadores em comunicar novas compreensões, ricas e intensas, atingidas em suas pesquisas. Sua produção mostra, ao mesmo tempo, a insegurança, incerteza e incompletude dos caminhos percorridos. Metáforas emergem, não são construídas em produções lineares e racionalizadas. Expressam compreensões que ainda não estão suficientemente claras para serem comunicadas em linguagem comum. Ela pode representar uma forma de expressar uma compreensão ainda em construção. Produzem-se por *insights* auto-organizativos a partir dos quais novas combinações das unidades de análise se organizam em estruturas criativas e originais.

A metáfora, pelo seu valor evocativo, sugestivo e ilustrativo, é uma forma importante de expressar novos modos de compreensão dos fenômenos investigados, especialmente na pesquisa qualitativa. Ainda que um tanto imprecisas em suas interpretações, criam ao mesmo tempo possibilidades de o leitor produzir interpretações novas, não necessariamente pensadas pelo seu autor. "A metáfora poetiza o cotidiano transportando para a trivialidade das coisas a imagem que surpreende, faz sorrir, comove ou mesmo maravilha". Ela é produto do paradigma emergente, de valorização do sujeito pesquisador, de pesquisas que superam a separação entre pesquisador e objeto investigado. Da condição de banida no paradigma dominante, passa a objeto de desejo no paradigma emergente.

As metáforas têm espaço natural na Análise Textual Discursiva, conforme expressa bem uma mestranda: "Com isso, aquela sensação inicial cedeu espaço para uma outra percepção: a de que o jogo com

as palavras constitui um processo altamente criativo que, quando bem-processado e, se bem-sustentado teoricamente, é capaz de transformar palavras soltas em um sonoro poema". As metáforas parecem expressar em poemas o resultado da magia da auto-organização.

Elas se revelam o modo natural de se expressar nos caminhos inseguros e ao mesmo tempo cheios de emoções que a Análise Textual Discursiva percorre. Representam o produto de um processo que, por ser auto-organizado não pode ser inteiramente compreendido pela razão. Talvez não seja por acaso que uma mestra lembra uma vara de condão ao se referir à metodologia da Análise Textual Discursiva, varinha mágica que faz emergir novos mundos, inicialmente expressos por metáforas.

Assim, a reconstrução dos entendimentos da escrita, superando-se a ideia de que escrever é apenas comunicar algo já perfeitamente compreendido para se assumir que no próprio processo da escrita é que vão se constituindo novos mundos e novas verdades, constitui outra metamorfose propiciada pelo envolvimento com a Análise Textual Discursiva. A partir do intenso envolvimento na escrita o pesquisador sofre outra transformação, emergindo um investigador capaz de perceber o potencial criativo e original do escrever dentro de suas pesquisas. Do envolvimento com a Análise Textual Discursiva surge novo pesquisador, apto a manipular com competência a vara mágica da escrita.

Caminhar Inseguro e Cheio de Emoções

Os mestrandos e mestres ao descreverem os caminhos da Análise Textual Discursiva em que se envolveram em suas dissertações, referem-se a um caminhar inseguro, mas cheio de emoções. Emoção e prazer, angústia e medo, insegurança e coragem para avançar

sempre, são companheiros de todo o percurso. No final constatam que conseguem aprender a conviver com a insegurança a partir do esforço pessoal e da ajuda dos orientadores e de outros interlocutores.

O exame de vivências de alunos de Mestrado trabalhando com a Análise Textual Discursiva mostra que, ao mesmo tempo que esta metodologia ajuda a superar a insegurança e a angústia do momento da análise na elaboração das dissertações, também se revela o início de um processo prazeroso de construção do novo, da expressão do sujeito autor que pode emergir no processo, metamorfose radical e surpreendente por que passam os que se envolvem na Análise Textual Discursiva.

A análise dos textos é momento de dúvidas e angústias para alunos de Mestrado, especialmente para aqueles que se envolvem com pesquisas qualitativas pela primeira vez. A Análise Textual Discursiva tem se mostrado de grande utilidade nessa fase. Como depõe uma mestra: "A partir do uso desta metodologia o trabalho de análise e organização do material de pesquisa já não parece uma missão impossível".

O envolvimento intenso na Análise Textual Discursiva ajuda a controlar a ansiedade associada ao momento da análise de dados e do fato de não conseguir vislumbrar o caminho a ser percorrido, criando condições para que o mestrando perceba estar fazendo um trabalho bem-feito. Pelo uso dessa metodologia a análise e interpretação dos dados das pesquisas passam a ser processos menos traumáticos do que geralmente o aluno prevê. "Uma vez que a ansiedade está controlada, metade da guerra já foi vencida".

Neste mesmo movimento a AAnálise Textual Discursiva ajuda a "superar o medo e o desafio da escrita", dando origem a uma escrita mais fluida e contínua. Isso ocorre porque a análise textual discursiva aproxima o processo de análise do processo do escrever, integrando-os perfeitamente. "Me senti ainda mais motivada para

escrever. Escrever para mim está sendo ainda mais prazeroso, embora tenha consciência de que devo exercitar muito para produzir textos com maior qualidade".

Quando o caminho da análise é percorrido de modo intenso o pesquisador atinge um momento de explosão da escrita, quando novas compreensões vão sendo expressas com grande satisfação pessoal do autor. Nesse momento o mestrando percebe que "escrever é iniciar uma aventura que não se sabe onde vai nos levar". Essa aventura se manifesta a partir de todo o envolvimento no processo da análise: "Não conheci nada mais prazeroso em termos de produção escrita do que a possibilidade de compactar ideias fragmentadas, oportunizando o surgimento de um novo sentido, um novo significado".

Para poder chegar ao prazer da construção pessoal efetiva, no entanto, é preciso muito investimento e esforço. "A escrita não surge como um passe de mágica. O processo é lento, por vezes traumático". É preciso ler e reler muitas vezes os materiais da análise, escrever e reescrever.

Os mestrandos mostram dificuldades em expressar esse misto de magia e esforço pessoal, de envolvimento aprofundado e de emergência auto-organizada que o processo envolve. Revelam a necessidade de um envolvimento intenso para ter direito a sentir o prazer de uma produção escrita criativa, ainda que de outro lado tentem expressar o surpreendente de *insights* originais que emergem sem que tenham controle sobre o processo. Integram-se num mesmo processo a fada com sua vara de condão e a dramaticidade de um processo cheio de incertezas e angústias.

Para tirar proveito de todo o processo é importante que os mestrandos vivam intensamente todos os momentos pelos quais passam, ainda que acompanhados de "sentimentos de medo, dúvida e incerteza". "A angústia é uma das maiores companheiras neste processo". Pode, entretanto, ser vista de diferentes ângulos. Um deles é o que

trava, mas outro desafia a avançar. O medo de encontrar um beco sem saída, de parar sem saber para onde ir, está muito presente ao longo do trabalho. Por outro lado, sentir que gradativamente o final do processo está se aproximando é motivação para continuar, mesmo que de forma insegura e sem ponto final determinado com clareza.

Quando concluído o processo os mestrandos dão-se conta de que não apenas realizaram uma pesquisa, atingindo resultados significativos em termos de novos entendimentos e teorias, mas que também aprenderam que "as certezas são provisórias e que é permanente a necessidade de aprender". A sensação de incompletude acompanha o pesquisador até o final de seu trabalho. Mesmo ao concluir a pesquisa ainda existe a sensação de dúvida e incerteza em relação a ter alcançado resultados válidos e confiáveis.

O exame dos caminhos percorridos pelos mestrandos no uso da Análise Textual Discursiva indica que mais do que eliminar a insegurança é preciso aprender a conviver com ela, saber trabalhar com ela. "Capturar a amplitude da experiência em sua infinitude de possibilidades e perspectivas exige saber conviver com a insegurança". Todas as certezas são provisórias.

Uma das dificuldades é lidar com uma grande quantidade de informações coletadas em relação aos fenômenos investigados, contemplando as diferentes vozes presentes nos resultados produzidos. "Objetivar o que realmente seria pertinente levou muito tempo e isso causava-me angústia". Isso tudo ainda precisa ser feito em prazos determinados que parecem sempre se esgotar com uma velocidade além da capacidade de trabalho do pesquisador. Conseguir estabelecer limites para o trabalho de modo a se tornar ao mesmo tempo viável e válido representa um desafio constante. Isso geralmente implica ter coragem para excluir materiais que não se enquadrem nas categorias trabalhadas, exigindo, também, tomar consciência de que nunca se conseguirá atingir o fenômeno em sua integralidade.

O ter de assumir as decisões sobre esses diferentes aspectos da pesquisa não raras vezes constitui razão para insegurança e indecisão. "Hoje, passados quase dois anos desse fato, sinto que esse sentimento fazia parte do momento que eu estava vivendo".

Descrevendo os movimentos inseguros e incertos da análise, uma mestranda afirma: "O método da análise textual possibilita ao pesquisador navegar águas mais profundas e optar por quais correntes marítimas deseja seguir". Isso, entretanto, representa necessariamente um caminho em que a angústia é companheira, que é preciso saber conviver com a insegurança de um caminho que precisa ser produzido enquanto se avança.

Nos movimentos no processo das análises está intensamente presente a orientação como forma de ajuda e de garantir o mínimo de segurança para poder avançar. "A orientadora ajudou muito neste difícil processo". Nos caminhos incertos e inseguros de uma pesquisa que trabalha em um tema original é essencial o papel do outro. O orientador ou outros interlocutores que examinam os caminhos percorridos, que criticam produções parciais dos mestrandos, são formas de aprender a lidar com a angústia e incerteza do caminho.

Mesmo assim, isso nem sempre é fácil. Até compreender o que os orientadores sugerem pode ser difícil. "Essa foi uma reunião difícil. Eu não consegui ver o que estava errado e faltando e fiquei muito angustiada. Mas no final acho que consegui captar alguma coisa. Que droga! Por que não entendi logo de início? Será que entendi agora?" Dessa forma, uma orientação continuada, que auxilie a examinar e reexaminar os passos dados e os produtos atingidos possibilita, aos poucos, ir conquistando certa segurança. "Vi que estava indo no caminho certo, que estava bem melhor a minha análise".

Essas vivências mostram que o caminho da dissertação e, especialmente, o caminho da Análise Textual Discursiva é, ao mesmo tempo, de solidariedade e solidão. Por mais que haja momentos de

compartilhar com o outro o que é feito, há sempre as instâncias de solidão em que o mestrando está por sua própria conta. Saber conviver com esses sentimentos e emoções que se complementam é parte de um processo de se assumir sujeito e autor. É parte do construir o próprio caminho, ainda que com a ajuda de outros.

Deste modo, o envolvimento na Análise Textual Discursiva requer que o pesquisador se assuma de forma integral no processo da pesquisa, incluindo seus sentimentos e emoções. Pesquisar deixa de ser processo neutro e desligado de afetividades, exigindo reconstruir relações. Consiste em assumir-se em novo paradigma, emergente, segundo Sousa Santos (1996), paradigma em que todo conhecimento é autoconhecimento. A metamorfose nesse processo consiste em o pesquisador ocupar o centro do seu processo de pesquisa.

A Metamorfose do Sujeito-autor

As vivências dos mestrandos mostram que a produção da dissertação, especialmente empregando a Análise Textual Discursiva, requer construir caminhos próprios. Mesmo que dificuldades e inseguranças se interponham no processo é preciso avançar, superando-se gradativamente todos os percalços da caminhada. Nisso é essencial que o pesquisador se assuma sujeito, com qualidade formal e política.

O processo de análise consiste em um constante ir-e-vir, agrupar e desagrupar, construir e desconstruir. O processo é de constantes retomadas, avaliando-se com frequência tudo o que já foi realizado para refazê-lo ou melhorá-lo. "Voltei a ouvir as entrevistas gravadas para ver se havia coerência entre os recortes e as falas". Nisso tudo, gradualmente, o pesquisador vai se envolvendo cada vez mais no processo, decidindo sobre como avançar mais.

"Sei que ainda não está bom, pois está muito disperso e solto. Mas vou enviar para as orientadoras para não continuar o trabalho sobre o que pode ser um erro novamente". Nesse processo, num diálogo constante com os críticos, o mestrando vai se assumindo, procurando sempre dar mais um passo à frente, por mais incerto e impreciso que seja.

Percorrendo seu caminho, o mestrando precisa aprender a conviver com a insegurança de não saber como andar e aonde chegar. "Acho que está bom, mas falta uma revisão para ver alguns problemas, que nem sei quais são direito, pois se soubesse já iria tentar resolvê-los". A insegurança é parte do processo da procura de algo novo.

Ainda que em movimentos imprecisos e inseguros, é importante avançar sempre. Prazos se reduzem cada vez mais e isso gera mais angústia. "Agosto chegou e minha dissertação ainda não está pronta. Mas já consegui avançar bastante".

O processo é tal que não é possível parar. Somente um envolvimento continuado pode trazer alguma segurança e indicar os próximos movimentos. "Preciso escrever outras partes da dissertação para saber quais são as reais necessidades de aprofundamento". E assim, passo a passo, a dissertação vai avançando, sendo feita e refeita, escrita e reescrita.

No processo da análise e da escrita o mestrando mostra uma preocupação constante em melhorar o já feito. "Essa semana estou conseguindo avançar com qualidade no capítulo central. Comecei a gostar de escrevê-lo. Estou feliz!"

A percepção de um contínuo movimento para a frente, que se percebe no processo da análise textual, relaciona-se com o constante aprender do sujeito pesquisador que está associado ao processo. As dificuldades e incertezas dos movimentos da análise explicam-se porque não se trata apenas de comunicar algo já perfeitamente entendido, mas é preciso construir a clareza do que vai ser comunicado, ao mesmo tempo que se procura comunicá-lo. Aprender e comunicar caminham juntos na análise textual, processo muito exigente e que requer grande investimento do pesquisador para obter resultados gratificantes e satisfatórios.

"Todo o processo foi de extremo trabalho, muita leitura e escrita". Assim sendo, tanto escrever possibilita que o pesquisador, aos poucos, adquira mais firmeza em seus argumentos, e que se estabeleçam algumas certezas, ainda que provisórias. De algum modo, as novas compreensões somente são brindadas para quem investe efetivamente no processo e para quem tem coragem de assumir sua própria autoria.

"Nunca escrevi tanto em tão pouco tempo". As falas dos mestrandos mostram que o processo da análise como um todo, especialmente a unitarização e a categorização, facilita a escrita e que pretender atalhar o caminho para chegar ao final gera resultados frágeis e que não satisfazem nem o pesquisador, nem a outros leitores críticos. De algum modo o rigor da análise textual manifesta-se na precisão da escrita. Escrever exige ler e reler muitas vezes, escrever e reescrever reiteradamente, sempre em movimentos inseguros e incertos, processo em que também se exige que o pesquisador construa seu próprio caminho. Os acertos são a consequência da superação de reiterados erros, resultados de aprendizagens que têm o pesquisador como centro do processo.

O exame do processo da Análise Textual Discursiva, especialmente na comparação de todo investimento que exige para se chegar a um texto final de algumas páginas, faz com que uma mestranda afirme que se assemelha ao "efeito funil". Obriga a muito trabalho preparatório e de envolvimento intenso para, no final, se chegar a um simples texto, ainda que com qualidade. E acrescenta: "Mesmo sendo um processo trabalhoso, o fim justifica e compensa os meios".

Assim, quem pretende envolver-se com a Análise Textual Discursiva precisa assumir que este é um processo árduo, exigente e rigoroso. Sua recompensa, ao final do processo, será um produto que o satisfaz e do qual se entende autor. No mesmo processo também perceberá uma transformação de si mesmo.

Uma Análise Textual Discursiva efetiva não deixa de afetar diretamente o pesquisador. No mesmo processo de construção e explicitação de novas compreensões ele vai se transformando, constituindo-se pesquisador.

Abandonar-se aos processos auto-organizados e emergentes da Análise Textual Discursiva impõe deixar que as próprias ideias se insiram nas novas compreensões. Esse movimento frequentemente gera insegurança, pois o pesquisador se questiona até que ponto pode integrar suas próprias convicções e teorias junto com o que trazem seus sujeitos pesquisados, processo em que também são postas em xeque suas teorias. No mesmo movimento ocorre uma desconstrução do próprio pesquisador e de seus entendimentos sobre os fenômenos investigados. Conforme afirma Maturana (1997b, p. 37), "*as explicações científicas não explicam um mundo independente. Elas explicam a experiência do observador e este é o mundo que ele ou ela vive*".

Por isso, ao trabalhar com a Análise Textual Discursiva "é impossível fazer uma pesquisa na qual se almeje a neutralidade do pesquisador e a objetividade da análise. Toda análise é subjetiva, fruto da relação íntima do pesquisador com seu objeto pesquisado".

> ...quando o intérprete se aproxima de um texto, ele o faz com conceitos, compreensões e suposições prévias e não lê um texto como se fosse uma tábula rasa, pois já há uma expectativa determinada por sua memória cultural (linguagens, teorias, crenças, etc.) (Heuser, 2000, p. 47).

Nesse processo, ainda que respeitando e procurando ouvir outras vozes, é importante "encontrar um tom próprio". Esse ponto de vista, o argumento com as marcas do pesquisador, é resultado de uma reconstrução dos conhecimentos, teorias e pontos de vista do investigador, na confrontação com os olhares dos sujeitos da pesquisa. Somente a inserção desses diferentes olhares pode propiciar a transformação do próprio olhar e a emergência de novos pontos de vista.

O pesquisador que, mesmo vivendo esse turbilhão de emoções que o atropelam, consegue refletir sobre seu processo de transformação ao longo das análises, dá-se conta de que sua própria identidade está se reconstruindo, que está em processo de "abandonar posturas menos adequadas ou desnecessárias ao tempo atual". Em síntese, o pesquisador também se reconstrói como pesquisador e sujeito durante as análises.

Quando consegue atingir esses entendimentos, o mestrando tem a condição de compreender que uma dissertação, quando bem-sucedida, mais do que transformar os outros ou as teorias alheias, modifica o próprio sujeito pesquisador, seus conhecimentos, suas teorias e suas práticas.

Pesquisas que utilizam a Análise Textual Discursiva envolvem necessariamente o pesquisador. Este não apenas se assume sujeito, mas também sofre as influências de outros sujeitos que participam da sua pesquisa, propiciando espaços para transformações e crescimentos genuínos do pesquisador ao longo do processo da análise. Uma análise textual discursiva que atinge efetivamente seus objetivos transforma significativamente o pesquisador, talvez a metamorfose mais importante ao longo de todo o processo.

Considerações Finais

Os múltiplos caminhos de uma Análise Textual Discursiva, caminhos fundamentados na auto-organização e emergência, propiciam múltiplas metamorfoses aos pesquisadores. Uma delas corresponde às transformações e rupturas relativas aos temas trabalhados, possibilitando a emergência de novas categorias e teorias sobre os fenômenos investigados. Paralelamente ocorrem metamorfoses em relação às questões metodológicas e paradigmáticas. Envolver-se na Análise Textual Discursiva exige do pesquisador apropriar-se dos fundamentos de modos renovados de conceber a ciência e seus modos de produzir conhecimentos, metamorfoses epistemológicas que o introduzem de forma radical em abordagens qualitativas de pesquisa. Juntamente com estas ocorrem metamorfoses em relação ao entendimento da escrita e sua função na pesquisa. Escrever passa a ser compreendido como processo de produção de novas verdades, novos entendimentos que implicam também a transformação do pesquisador. Esses processos envolvem intensamente o pesquisador, situando-o no centro de suas produções, com suas emoções e sentimentos, implicando superação de uma ciência neutra e asséptica, mas que concebe todo conhecimento como autoconhecimento. No envolvimento com a Análise Textual Discursiva o próprio pesquisador é afetado e transformado, fazendo com que se assuma cada vez mais sujeito e autor ao longo de sua pesquisa e análise. Nisso também se assume sujeito histórico, capaz de intervir nas realidades que investiga.

Essas múltiplas metamorfoses, pelo seu caráter emergente, incerto e inseguro, levam o pesquisador a conviver com as angústias, dúvidas e desafios de alguém que se propõe a percorrer caminhos que não estão definidos de antemão, mas que necessitam ser construídos no próprio caminhar. Alguma segurança é atingida apenas no final do processo, mesmo assim sempre ainda incompleta e cheia de questionamentos.

Capítulo 8

UM CONTÍNUO RESSURGIR DE FÊNIX: reconstruções discursivas compartilhadas na produção escrita

Uma produção escrita em que o autor se assuma efetivamente sujeito constitui reconstrução em movimento de seus próprios conhecimentos e teorias. Tal como Fênix, a ave fantástica egípcia que renasce de suas próprias cinzas, o conhecimento do sujeito precisa ser destruído, desorganizado ou desconstruído para que novos conhecimentos possam emergir. Na produção escrita os novos entendimentos vão sendo expressos ao mesmo tempo em que vão emergindo a partir de um envolvimento intenso no tema. O texto final surge a partir de movimentos recursivos de categorização e de expressão das novas compreensões, sempre em interlocução com teóricos e com a realidade empírica, visando a obter argumentos válidos e aceitos em comunidades de especialistas nos temas tratados. No mesmo movimento o autor se envolve numa reconstrução coletiva de discursos sociais que expressam modos de entendimento da realidade dos grupos em que está inserido. Fênix, a ave miraculosa, é discurso social sempre reconstruído, desaparecendo versões existentes para emergirem modos sempre renovados da ave, modo de existência do próprio ser humano no sistema da linguagem.

No processo da escrita superam-se discursos sociais existentes, constantemente substituídos por novos, com a participação ativa de sujeitos que compõem as realidades a que os discursos se referem. Ainda que esses ressurgimentos também se deem por outros modos linguísticos, é especialmente pela escrita que se estabelecem e qualificam.

Procura-se apresentar e fundamentar essas teses num texto composto de cinco partes. Inicia-se por uma discussão do escrever como modo de expressar verdades sempre em movimento, duplo processo de aprender e comunicar apresentado pela metáfora das duas faces de Jano; na discussão do processo produtivo propriamente dito argumenta-se sobre a importância do movimento desconstrutivo, o *alimentar de um caldeirão de ideias,* exercício de aproximação do caos, queima do existente, como processo inicial necessário para a emergência do novo; esse movimento desorganizativo é seguido de um esforço de reorganização e reconstrução, fundamentado basicamente na categorização, processo intuitivo de saber explorar e aproveitar o que emerge do caldeirão; na quarta parte discutem-se aspectos relacionados à produção da versão inicial do texto, com ênfase na construção de parágrafos e na ancoragem destes teórica e empiricamente; finalmente, na última parte do texto, são abordadas as questões da autoria e das muitas versões de um texto até atingir uma validade e qualidade que satisfaça ao seu autor e aos possíveis leitores.

No seu todo a produção escrita, entendida como sinônimo de pesquisa, é apresentada como processo em que conhecimentos e discursos existentes se transformam em cinzas, para um ressurgir constante de novas Fênix, novos discursos sociais gestados coletivamente a partir da participação de muitos sujeitos, ainda que sob a tutela de um autor, discursos que necessitam se estabelecer por meio de processos interativos de crítica dos grupos sociais a que se referem.

Duas Faces de Jano no Processo da Escrita

Fala e escrita representam dois modos diferentes de produzir e manifestar conhecimentos, modos diversificados de pensar. Ambas têm uma função epistêmica importante, constituindo ferramentas essenciais na reconstrução de conhecimentos de quem fala ou escreve. A escrita como gênero secundário de linguagem, entretanto, ao ser dominada possibilita uma transformação da própria fala, tornando-a mais consciente e abstrata. Sem deixar de reconhecer a importância essencial do falar nos processos reconstrutivos, nos concentraremos neste texto na escrita, modo de expressar e de constituir conhecimentos sempre renovados de quem nela se envolve.

É importante entender a escrita como outro modo de pensamento, ferramenta do pensar que ao mesmo tempo que procura comunicar algo promove uma evolução dos modos de pensar de quem nela se envolve. Essa transformação é possibilitada porque a escrita dá acesso de modo mais efetivo às formas conceptuais de pensamento, mediante a adoção de formas de pensar mais afastadas das realidades concretas dos sujeitos, a partir do domínio de sistemas simbólicos secundários. "*O domínio da escrita, e por extensão de qualquer linguagem ou código, tem conseqüências na capacidade de abstração, o que dá como resultado um processo de descontextualização do conhecimento*" (Catalan, 2001, p. 57). Isso possibilita ao escritor mover-se de um conhecimento do senso comum para um tipo de conhecer mais fundamentado em conceitos abstratos e generalizados.

Para ser possível compreender em toda sua profundidade a importância da escrita nos processos reconstrutivos de conhecimentos e discursos sociais, é importante ter clareza sobre a natureza do conhecimento e das verdades humanas. "*A verdade não está parada, esperando ser encontrada; toda verdade é verdade andando, e nos cabe tão-somente andar com ela*" (Bernardo, 2000, p. 41). O conhecimento

e as verdades comunicados somente existem no momento em que são produzidos, não se encontrando prontos para serem comunicados. "*O pensamento não é uma coisa, mas um movimento*" (p. 41).

Compreender este sentido da escrita é entender a natureza reconstrutiva de todo conhecimento. Nada está dado e pronto. Tudo é produzido no próprio momento de sua expressão, produção sempre original em seu sentido, ainda que também sempre fundada em compreensões anteriores. A cópia perfeita é impossível, pois ainda que as palavras sejam as mesmas, o sentido será sempre diferente em função do sujeito que o produz.

Se é importante destacar e compreender a natureza de permanente processo que caracteriza todo conhecimento, também o é enfatizar o caráter social e interativo desse processo. O conhecimento produz-se no diálogo entre diferentes sujeitos, na constituição de uma intertextualidade cada vez mais complexa para todos os envolvidos. Nisso a escrita se aproxima do pesquisar, procura constante e rigorosa de múltiplas vozes participantes no tecer de novas verdades, processo em que o ser humano se recria permanentemente, sem se repetir. Escrever e pesquisar são processos que convocam muitas vozes de uma comunidade argumentativa para se envolverem no estabelecimento de novas verdades, novos conhecimentos, novos discursos sociais. Ainda que a escrita possa associar-se a uma pesquisa de natureza mais formal, especialmente no momento da análise de dados, focaliza-se aqui uma escrita que é sempre já pesquisa, num sentido mais globalizado, de reconstrução de realidades e discursos existentes.

"*Quando membros de uma comunidade escrevem é para contribuir para um diálogo em processo*" (Wells, 2001b, p. 186). Aceitando isto entende-se que a escrita é ferramenta de reconstrução de conhecimentos e discursos sociais, não se sabendo de antemão o que se vai escrever, mas que o produto da escrita, os textos produzidos, emergem

a partir do próprio diálogo. A escrita é assim modo de construção e reconstrução de conhecimentos. Requer um constante ir além do que já se conhece, superar-se a si mesmo, "*calar as próprias vozes interiores*" (Marques, 1997, p. 42), para possibilitar na interação com outras vozes a emergência do novo, demandando coragem para abandonar o que já foi anteriormente construído e organizado.

Por esta razão não se pode pensar no escrever como simples expressar de algo já perfeitamente elaborado, pronto na cabeça do autor. Ao contrário, a clareza e a qualidade de um texto vai se concretizando ao longo de um intermitente processo de reescritas, revelando-se em diálogos cada vez mais claros, mostrando uma compreensão gradativamente mais elaborada do autor sobre os temas que aborda.

Por isso afirma-se com Wells (2001b, p. 104) que "*a criação de um texto escrito é uma maneira especialmente poderosa de chegar a conhecer e compreender o tema sobre o qual se escreve*". A elaboração de um texto tem um papel importante na produção do conhecimento, no modo de ampliar a compreensão de algo que nos interessa. Nisso é importante reconhecer e valorizar dois processos complementares envolvidos na escrita: o comunicar algo e o reconstruir das compreensões que o processo envolve. Tal como Jano, o escrever sempre mostra duas faces complementares, quais sejam, o expressar o já compreendido, juntamente com a construção de sempre novos modos de entender o que está sendo expresso. Numa produção escrita criativa e original o autor envolve-se simultaneamente com comunicar e aprender sobre o tema que escreve.

O primeiro movimento numa produção escrita reconstrutiva é desconstrutivo, de desmontagem de conhecimentos e discursos anteriormente organizados. É o que será abordado a seguir.

Alimentando um Caldeirão de Ideias

A escrita entendida como processo de reconstrução de conhecimentos e discursos sociais requer tomar como ponto de partida conhecimentos já estabelecidos, discursos sociais já constituídos. Estes podem ser expressos a partir de uma multiplicidade de vozes, como a voz do autor que escreve, suas próprias ideias, constituindo um ponto de partida que não pode deixar de se envolver nos diálogos.

Assim, o movimento da escrita reconstrutiva inicia-se com um esforço do autor em expressar seus próprios entendimentos sobre os temas que pretende reconstruir. É importante que essa explicitação de verdades não seja feita de forma excessivamente organizada e sistematizada, mas o seja em termos de ideias soltas, enunciados isolados sobre os temas, pensamentos que brotam espontaneamente quando o autor se desafia a refletir sobre o que está pretendendo escrever e reconstruir. Corresponde a um mergulho nos próprios entendimentos, uma manifestação das próprias possibilidades de pensar e produzir pensamentos sobre o tema focalizado, expressando-os em forma de ideias e argumentos, constituindo isto um primeiro momento da produção textual em processo.

Tendo em vista o entendimento de conhecimentos e verdades como movimentos, esse processo é interminável, podendo ser sempre ampliado. É interessante que o autor se envolva nessa explosão de ideias em diferentes tempos, retomando o processo periodicamente no sentido de se desafiar a explicitar novas ideias a partir das já anteriormente produzidas. Pode imaginar-se como alimentando um caldeirão com uma diversidade caótica de ingredientes, ideias e conhecimentos sobre o tema de pesquisa, produção em que num primeiro movimento se envolve com suas próprias possibilidades de criação. No fundo esse movimento explosivo constitui passo inicial de reconstrução, desafio

reconstrutivo dos conhecimentos inicialmente expressos, alimentado nesse momento inicial pelas possibilidades recursivas de expressar ideias a partir do conhecimento próprio do pesquisador.

O enriquecimento e diversificação das ideias do caldeirão linguístico requerem, entretanto, a participação de outras vozes. Isso pode dar-se a partir de outros sujeitos, interlocutores empíricos ou teóricos capazes de ajudar a ampliar o caos de ideias expressas e assim encaminhar novas possibilidades reconstrutivas.

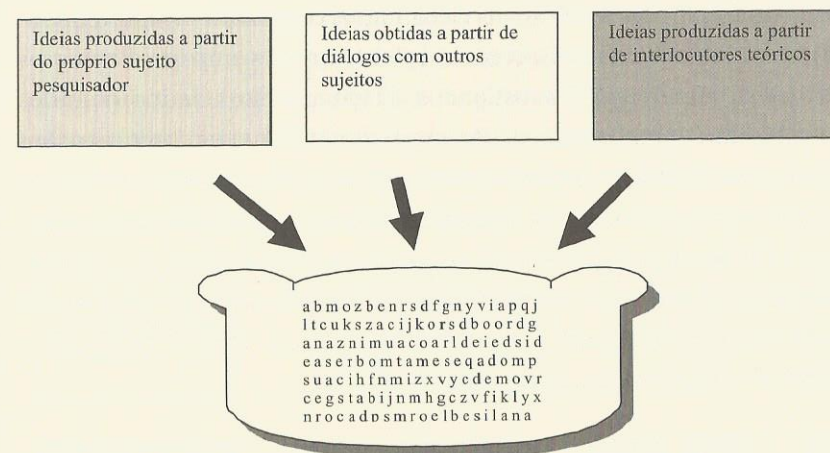
O envolvimento de outros sujeitos empíricos pode ocorrer a partir de diálogos sobre o tema investigado e proposto para reconstrução, diálogos tanto reais quanto virtuais, envolvendo um ou mais sujeitos além do autor. A manifestação de uma diversidade de vozes de diferentes sujeitos possibilita, de forma gradativa, enriquecer os ingredientes do caldeirão, aproximando-o dos "limites do caos" e criando condições para a emergência auto-organizada do novo.

O desafio desse momento também consiste em envolver o que podemos denominar interlocutores teóricos, ou seja, outras vozes de sujeitos que tenham investido anteriormente em refletir sobre os mesmos fenômenos e temas agora propostos para reconstrução. O autor do texto então se desafia a produzir novas ideias a partir de leituras de diferentes autores, inserindo-as em seu caldeirão, seja em forma direta de "citações dos autores", seja, e talvez principalmente, em formas reconstruídas em que se inter-relacionam suas próprias ideias com as dos autores, marcando ele as vozes dos outros com suas próprias intenções (Wertsch, 1998). Assim sendo, o caldeirão de ideias torna-se cada vez mais diverso, mais desordenado e próximo do limite do caos, não havendo até este momento nenhum esforço de organização consciente das ideias produzidas.

É importante compreender esse processo denominado de *explosão de ideias* como fazendo efetivamente parte do processo reconstrutivo não só dos conhecimentos do autor do futuro texto, mas

também como desconstrução e reconstrução do próprio sujeito-autor, além de constituir também modo de intervenção na realidade. As ideias produzidas, os enunciados elaborados a partir da interlocução com outras vozes, se constituem em forças transformativas do pesquisador-autor em muitos sentidos, não somente de conhecimentos específicos implicados no tema que está sendo trabalhado, mas eventualmente atingindo até mesmo visões de mundo do autor, seus paradigmas, sentimentos e valores relacionados aos temas nos quais trabalha. Nessas metamorfoses vai emergindo um sujeito não apenas capaz de expressar novos conhecimentos, mas também transformado em muitas outras dimensões e, assim, apto a participar da transformação do contexto em que vive.

Mesmo que esse processo produtivo de ideias sobre o tema seja em sua própria natureza inesgotável, podendo-se encontrar sempre novos interlocutores, é importante que o pesquisador-autor consiga estabelecer um limite em que nem se tenha um caos excessivo, nem que a complexidade dos elementos seja insuficiente para uma emergência efetiva de novos modos de compreensão. As possibilidades de enriquecimento do caldeirão são infindáveis, mas sempre haverá fronteiras a serem estabelecidas pelo próprio pesquisador, especialmente porque um envolvimento no processo desconstrutivo excessivamente longo pode fazer com que ele não esteja suficientemente atento a novas compreensões que vão gradativamente emergindo no processo e que necessitam ser captadas e explicitadas. A tempestade produz muitos clarões, novas compreensões emergentes que requerem atenção e trabalho para sua explicitação. Isso, entretanto, já constitui momento mais decididamente reconstrutivo a ser discutido posteriormente no presente texto.

Figura 1 – Organizando um caldeirão de ideias sobre o tema pesquisado

É importante compreender que, mesmo que se separe o processo da produção textual reconstrutiva para fins de maior entendimento nos momentos desconstrutivo e reconstrutivo, esses momentos em produções concretas apresentam-se estreitamente inter-relacionados. Ainda que existam tempos mais especificamente desconstrutivos e construtivos, a própria desconstrução já é nova construção, assim como todo questionamento sempre traz dentro dele o encaminhamento de uma possível resposta.

Mesmo assim, as vivências práticas de envolvimento no tipo de produção escrita reconstrutiva aqui proposto têm apontado para a importância de uma impregnação intensa nos temas a partir da *explosão de ideias*, movimento de desconstrução, decomposição e caotização de conhecimentos existentes, no sentido de criar as possibilidades efetivas de emergência de novos conhecimentos, sempre reconstruções do anteriormente desmontado, superações dialéticas de conhecimentos e discursos anteriormente constituídos.

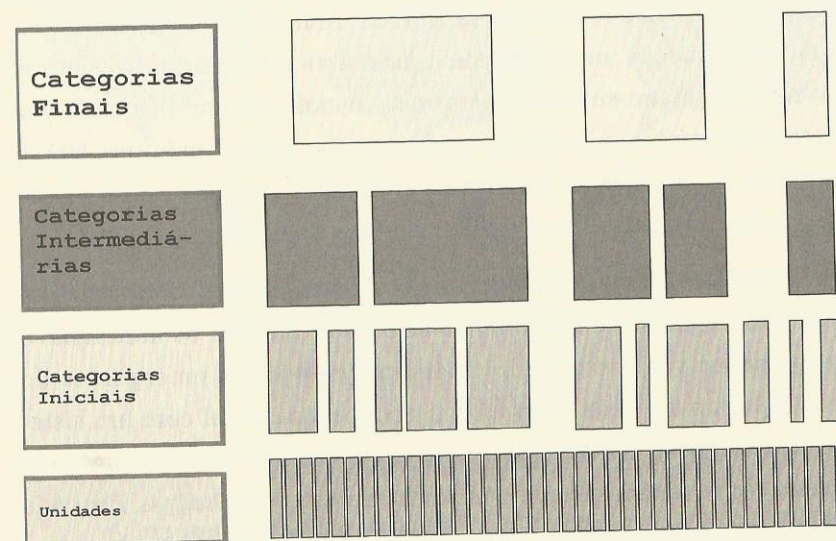
Parte-se da convicção, fundamentada na prática, de que uma impregnação intensa nos temas trabalhados propiciará invariavelmente ideias novas e criativas, combinações originais entre os elementos de base dos fenômenos investigados, as ideias e enunciados incluídos no caldeirão. A emergência auto-organizada de novas compreensões é dependente desse envolvimento intenso, com ponto de partida no próprio pesquisador-autor, impregnação nunca inteiramente concluída, podendo manifestar-se até mesmo nas etapas finais do processo da escrita. A atenção constante para a emergência de novas ideias é parte tanto do momento desconstrutivo como do reconstrutivo, conforme discutido na parte seguinte do texto.

Acompanhando e Saboreando o que Emerge do Caldeirão

No processo de abstração, de envolvimento do pensamento conceitual que a escrita representa, a categorização é processo que ocupa posição central. As classes ou agrupamentos de ideias organizadas a partir do caldeirão caótico anteriormente produzido não representam apenas somas ou agrupamentos de itens, mas envolvem a organização de conceitos e estruturas conceituais de teorização sobre os temas trabalhados (Martínez, 1994). A classificação assim entendida é modo de organizar e construir novas realidades.

A categorização dos materiais do caldeirão é parte do processo reconstrutivo que segue a desconstrução inicial na escrita reconstrutiva. Ainda que também envolva sistematização e organização consciente de dados, é processo essencialmente auto-organizado e intuitivo. No modo de entendimento que desejamos expressar no presente texto, acessar as categorias emergentes do processo reconstrutivo requer estar atento ao que surge de forma espontânea, auto-organizada, procurando explicitá-lo e mostrá-lo pela organização de

um sistema de categorias integradas e inter-relacionadas. Entende-se esse processo como funcionando na intuição, exigindo uma atenção constante ao que se apresenta ao pesquisador a partir de sua impregnação no tema, mesmo que isso também solicite sua participação e esforço constantes. Muitas novas organizações emergem do caldeirão, mas nem todas o pesquisador consegue captar e expressar.

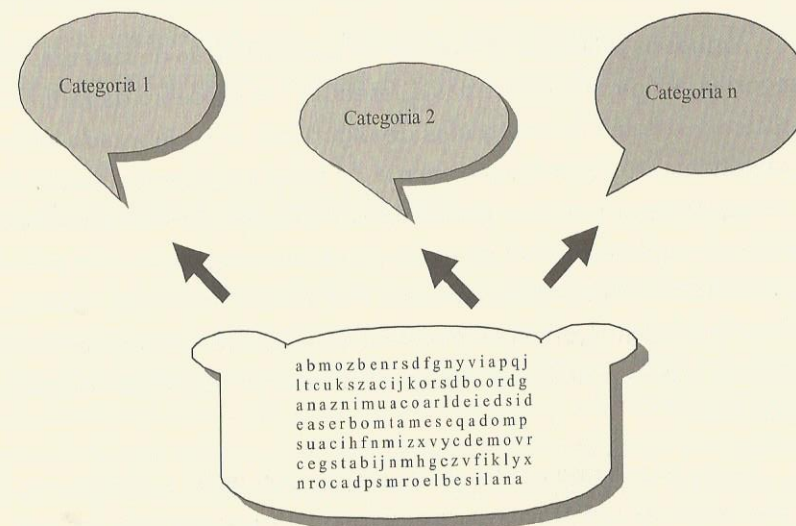
Figura 2 – Categorização indutiva emergente

A intuição, entretanto, precisa ser constantemente alimentada e favorecida na busca da emergência do novo. Isso pode ser feito a partir de dois modos de categorização diferentes, cada um deles com suas vantagens e limitações.

Um dos modos de categorização, que se pode denominar de *categorização indutiva emergente*, se estrutura a partir de um processo de indução analítica (Lincoln; Guba, 1985), bastante sistematizado, com grande direcionamento do pesquisador, ainda que também aproveitando as características emergentes dos sistemas complexos. Nesse

processo o pesquisador, numa sequência organizada de passos, vai construindo e reconstruindo um sistema de categorias a partir das ideias de seu caldeirão. Num exercício de comparação constante entre os itens ou ideias anteriormente produzidos, vai gerando diferentes níveis de categorias gradativamente mais amplos. O texto final é elaborado a partir desse sistema de categorias. A Figura 2 procura dar uma ideia de como pode funcionar esse modo de categorização. Na constituição das categorias iniciais reúnem-se elementos com uma aproximação muito estreita, quase uma identidade. Nos outros níveis reagrupam-se essas categorias iniciais em âmbitos cada vez mais abrangentes, sempre reunindo o que se mostra próximo. Nesse modo de categorização procura-se aproveitar todo o material válido disponível, organizando-o em um sistema de categorias.

O outro modo de categorização denomina-se de *intuitiva globalizada*. A partir de sua intensa impregnação com os materiais, o pesquisador vai percebendo diferentes categorias emergentes do caldeirão, uma a uma, sem uma preocupação inicial com um sistema de categorias em que estas se insiram. Cada uma delas pretende operar com o fenômeno como um todo. É processo intuitivo. Em cada categoria produzida aproveitam-se do caldeirão todos os itens que pareçam pertinentes a ela, reclassificando-se então esses materiais com o fim de obter diferentes níveis de subcategorias e encaminhando a estrutura de um texto para a categoria, num processo semelhante ao representado na Figura 2. Uma vez concluída a explicitação da primeira categoria investe-se numa segunda, e assim por diante, até que o pesquisador entenda que o fenômeno esteja suficientemente explicitado, até que se satisfaça com o que conseguiu expressar em novas compreensões. Nesse processo sempre podem ser produzidas novas categorias, contemplando novos modos de examinar o tema, mas todos eles focalizando o tema reconstruído em sua totalidade, numa perspectiva holística e integrada. Frequentemente as últimas

categorias trabalhadas mostram-se mais complexas, uma vez que o próprio processo de categorização é uma maneira de intensificar a impregnação nos materiais. A Figura 3 mostra esquematicamente como funciona esse modo de categorização.

Figura 3 – Categorização por intuição globalizada

O emprego desses dois modos de categorização tem mostrado possibilidades interessantes e criativas em ambos. A intuição está presente nos dois, ainda que mais claramente na segunda forma. O processo da indução analítica confere um pouco mais de segurança a quem nele se envolve pela primeira vez, mas se prende de um modo bastante forte numa linearidade capaz de pôr limites à criatividade do pesquisador. Mesmo assim esse processo tem se mostrado muito gratificante e criativo para quem nele se envolve, possibilitando, aos poucos, que os pesquisadores se libertem da estruturação inicial em que são envolvidos. Já o segundo processo exige maior flexibilidade do pesquisador, impondo que saiba conviver de modo mais radical com uma insegurança e liberdade de se mover no processo. Parece conseguir atingir uma perspectiva mais holística de descrição e in-

terpretação dos fenômenos investigados desde o início do processo. As categorias já nascem integradas, ainda que outros modos de integração possam ser produzidos, uma vez concluída a construção das categorias. Esse segundo modo de categorização exibe mais claramente o caráter sempre inacabado e incompleto de toda nova compreensão.

Ambos os processos envolvem-se na construção de sistemas de categorias, ainda que de formas diferentes. No processo da indução analítica o sistema de categorias de algum modo é elaborado antes do envolvimento na produção escrita do texto propriamente dito. Já na categorização intuitiva globalizada o sistema de categorias somente se completa ao final da análise e os subsistemas de categorias são produzidos independentemente. Em ambos processos, todavia, evidencia-se a categorização dos itens do caldeirão como momento central na explicitação dos novos entendimentos construídos ao longo do processo.

Tanto num como noutro modo de categorização manifesta-se a recursividade de um processo que exige o retorno reiterado aos mesmos materiais e movimentos, num sentido permanente de crítica ao já feito para refazê-lo de modo mais qualificado. Isso se aplica tanto ao sistema de categorias produzido quanto aos textos emergentes do processo. A produção escrita reconstrutiva é processo recursivo de constante aperfeiçoamento, envolvendo-se nisto tanto a crítica do pesquisador quanto a de outros interlocutores. Constitui, ao mesmo tempo, validação dos conhecimentos e discursos reconstruídos no processo e garantia de sua aceitação em comunidades mais amplas.

Ainda que a categorização e a escrita do texto emergente se mostrem em perfeita integração, a classificação dos materiais e a organização de sistemas de categorias são o processo preparatório importante para a escrita propriamente dita. O sistema de categorias, independentemente do processo de sua produção, constitui a estrutura compreensível dos conhecimentos e discursos reconstruídos.

Possibilita e encaminha a explicitação em forma de texto das novas compreensões emergentes do processo reconstrutivo. Manifesta-se, nesse sentido, como a estrutura de novas teorias produzidas pelo pesquisador, dando a conhecer novos modos de organização das ideias sobre o tema investigado, evidenciando a participação do pesquisador nas reconstruções, dando aos futuros textos um matiz próprio, marcando-os com suas próprias intenções e perspectivas.

Encaminhando a Versão Inicial do Texto

A escrita propriamente dita de um texto é encaminhada a partir da categorização. Pode ser iniciada pela escrita de parágrafos com base nas categorias menos abrangentes construídas, seguida de um encadeamento cada vez mais consistente dos parágrafos entre si. Ao mesmo tempo estabelecem-se as interlocuções teóricas e empíricas com diferentes sujeitos no sentido da construção da validade dos textos produzidos.

Escrevendo e organizando parágrafos

O processo de categorização dos materiais do caldeirão de ideias sobre o tema em reconstrução está estreitamente relacionado ao encaminhamento dos primeiros movimentos de escrita propriamente ditos sobre o tema pesquisado. De algum modo cada categoria inicial pode ser entendida como correspondendo a um único parágrafo do futuro texto. É o que se denomina *"escrita pelo parágrafo"*, a partir da terminologia de Figueiredo (1999). É importante salientar que não se trata simplesmente de costurar as ideias das categorias, mas de expressar seu sentido dentro da perspectiva do pesquisador. É momento importante de este assumir-se autor.

Tendo em vista o significado de parágrafo – conjunto de períodos organizados em torno de uma ideia central –, é importante que o autor consiga definir e explicitar com clareza essa ideia central que, então, servirá para organizar o parágrafo. Parágrafos podem ser mais ou menos longos, mas sua clareza depende de serem organizados como raciocínios estruturados em torno de uma ideia ou conceito central. Esse conceito já está estabelecido a partir da categorização. Cada categoria inicial corresponde a uma ideia que merece ser destacada em forma de um parágrafo do texto.

Uma vez escritos os parágrafos de fundo, emergentes das categorias iniciais, a organização do texto em seu todo resume-se a conseguir encadear esses parágrafos de forma consistente. Este trabalho se tornará mais facilitado se, anteriormente, tiver sido construído um sistema de categorias consistente e bem-estruturado, ainda que o processo da escrita também seja uma oportunidade importante para aperfeiçoamento desse sistema. O pesquisador deve estar constantemente atento para atingir uma coerência cada vez maior em seu texto, uma ordenação dos parágrafos que consiga expressar sempre com mais clareza as reconstruções produzidas.

O texto não requer apenas organização, mas o leitor precisa ser informado a seu respeito. "*Se o escritor deixa claro no início do texto como ele está organizado, fica mais fácil para quem lê compreender qual a hipótese a ser comprovada e como isto será feito*" (Bernardo, 2000, p. 64). Nesse sentido, é desejável que o autor oriente seus leitores nos modos de explorar seus textos.

Uma das maneiras de ajudar os leitores em sua exploração dos textos é a inclusão de boas introduções e fechamentos. Ainda que seja importante compreender que em "introduzir é dizer o que vem depois" e "fechar é dizer o que veio antes", é indispensável que o autor seja criativo ao produzir suas introduções e fechamentos. Tanto uma como a outra podem apresentar a "tese" ou o argumento aglutinador

central do texto, ainda que de formas diferentes. A organização de introduções e fechamentos não cabe apenas no texto em seu todo, mas se aplica também a cada uma das suas partes principais.

Ancorando argumentos construídos

Uma produção escrita reconstrutiva pressupõe que as aprendizagens e as reconstruções de conhecimentos e discursos sociais se concretizam a partir da confrontação com outras vozes, a partir do questionamento reconstrutivo propiciado pelo diferente, que é a voz do outro sujeito. Sem o diálogo com o outro não poderíamos perceber os limites de nossos conhecimentos e dificilmente conseguiríamos encaminhar sua reconstrução. Aprendemos por confrontação com o diferente, a partir do diálogo com outros sujeitos.

Esse interagir com outras vozes inicia-se no momento desconstrutivo, de constituição do caldeirão caótico de ideias visando à emergência de novos entendimentos sobre os temas tratados, quando não partimos apenas de nossas próprias ideias, mas incluímos também outras vozes. Continua, ainda, na etapa da escrita, momento de expressar e integrar em novos modos de argumentação as diferentes vozes em diálogo.

Ainda que diferentes vozes já estejam presentes desde o início do processo da produção reconstrutiva, é importante que no momento da escrita propriamente dita essas vozes se apresentem no texto. É necessário pôr em destaque essas reflexões compartilhadas a partir das quais se constituem os novos significados. Isso não apenas evidencia a dialogicidade das produções, dando créditos aos interlocutores que participaram de sua criação, mas também amplia as possibilidades de aceitação das reconstruções por comunidades mais amplas de interlocutores críticos.

Validam-se os textos ancorando-os em teóricos e especialistas nos temas trabalhados. Escrever um texto é estabelecer espaços de diálogo com uma comunidade de especialistas, passando o autor de uma periferia para posições mais centrais, assumindo cada vez mais o papel de autoridade nos temas tratados (Lave; Wenger, 1999). Nesse processo, ainda que definitivamente assumindo a própria autoria, é essencial que o autor ancore seus argumentos em teses de especialistas que tratam dos mesmos temas que pesquisa. Seja por citações literais, seja a partir de paráfrases, precisa mostrar as pontes do que propõe e do que argumenta com discursos já anteriormente elaborados por quem também investiu nos mesmos temas. Se o caldeirão tiver sido alimentado com ideias de múltiplos autores e sujeitos, essas interlocuções teóricas tornam-se um processo natural. É preciso apenas atenção para não assumir como próprios argumentos produzidos por outros, ainda que cada autor possa se apropriar desses argumentos adaptando-os as suas intenções e necessidades.

Insiste-se que a escrita reconstrutiva implica em o pesquisador assumir-se autor de seus textos. Essa autoria, entretanto, necessita ser compreendida de uma perspectiva dialógica, com base em um entendimento de que não se consegue produzir nada a não ser a partir de algo já anteriormente criado. Isso significa que a autoria é sempre compartilhada, que, mesmo pretendendo expressar algo original, sempre as produções se inserem numa polifonia de vozes que se manifestam em um mesmo discurso coletivo. O ser humano se constitui dentro de determinados discursos sociais. Somente consegue se manifestar a partir deles, sem possibilidade de assumir olhares objetivos externos. Por isso as autorias são sempre coautorias, em que os argumentos carregam junto com eles múltiplas autorias. Isso, ao mesmo tempo que torna o ser humano mais humilde em relação às ideias que acredita serem suas, também oferece espaços de aceitação junto as outras vozes implicadas em suas produções. Os outros fundamentam e validam as produções do autor.

A Autoria Emergente nas Múltiplas Versões de uma Produção Escrita

As teses propostas no presente texto fundamentam-se em processos reconstrutivos em que os sujeitos e autores se envolvem em suas produções assumindo-se efetivamente autores e participantes ativos nas reconstruções que produzem. Nisso combinam-se qualidade formal com qualidade política (Demo, 2000a) na produção escrita.

Assumindo-se autor no ler e no escrever

O caráter polifônico das produções reconstrutivas requer ao longo de toda a escrita uma estreita integração entre escrever e ler. Ainda que, conforme se insista reiteradamente, o processo se inicie com a escrita tendo como foco expressar o conhecimento de partida do pesquisador, a interação com outras vozes é essencial para que as reconstruções possam se concretizar. Essa procura por novos diálogos, trazer novos interlocutores para as conversas (Marques, 1997), acompanha todo o processo produtivo, concluindo-se apenas quando chegamos à versão final de nossos textos.

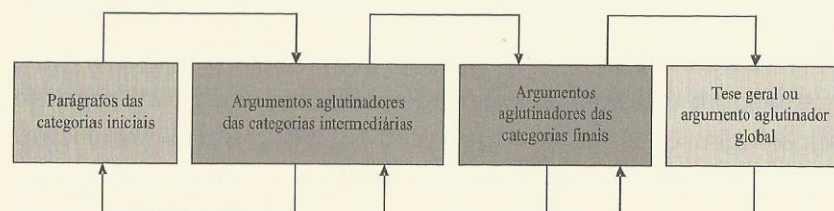
As leituras têm nesse processo diferentes sentidos: promover os questionamentos reconstrutivos, auxiliar na produção de novos argumentos e teses, ancorar teoricamente os produtos das reconstruções. Em todas elas, entretanto, destaca-se que "antes o escrever, depois o ler para o reescrever" (p. 90). As leituras sempre se apresentam como consequência do direcionamento que o pesquisador dá ao seu trabalho, sua primeira escrita.

Assumir a leitura como segundo momento na produção reconstrutiva supõe compreender-se o leitor mais do que mero instrumento de passagem de ideias de outros. A escrita que pretende reconstruir conhecimentos exige um leitor que se assuma sujeito, que assuma suas próprias interpretações enquanto lê, que leia como autor (Smith,

1989), que leia já pensando em como apropriar-se dos argumentos expressos. Esse tipo de leitor ultrapassa posições passivas para se assumir leitor crítico, capaz de interagir com outros autores no sentido de utilizar seus textos como "artefatos de pensamento" (Wells, 2001a) na produção de novos argumentos, na reconstrução de seus próprios conhecimentos.

Ao tomar para si os textos que lê dialogicamente, como dispositivos de pensamento, o pesquisador está se constituindo autor, atingindo desta forma a função epistêmica da leitura, ferramenta reconstrutora de conhecimentos. Escrever no sentido reconstrutivo envolve superar a mera aderência a ideias de outros, para assumir nos textos escritos argumentos pessoais, expondo as próprias ideias. Só merece ser escrito o texto que apresenta um ponto de vista próprio de seu autor, ainda que sempre consciente das diferentes coautorias que o acompanham.

Ter algo a dizer implica ter uma tese, algum novo argumento em torno do qual o texto é organizado. Assim como o texto em seu todo, a tese não está pronta ao se iniciar a escrita, mas é produto da impregnação no tema e do esforço reconstrutivo encaminhado a partir do diálogo com outras vozes. Assim sendo, não se justifica um texto que não apresente alguma contribuição nova e original de seu autor, por restrita e delimitada que seja. A razão do texto está em sua tese, ponto de vista do autor, argumento aglutinador do texto. Conseguir expressar com clareza a tese é parte do processo de qualificação de uma produção escrita e da qualidade política do processo (Demo, 2000a).

Figura 4 – Argumentos aglutinadores somando-se para sustentar a tese

A tese de um texto requer defesa ou organização de argumentos que lhe deem sustentação. Isso pode ser obtido a partir de um conjunto de argumentos aglutinadores ou teses parciais, organizadas em torno das diferentes partes do texto. A tese geral se sustenta a partir desses argumentos-suporte construídos ao longo do texto, conforme se procura mostrar na Figura 4.

É esse conjunto de argumentos produzidos pelo autor e expressos no encaminhamento do texto que manifesta a essência da contribuição original do autor em suas reconstruções. Corresponde aos novos entendimentos, novos olhares teóricos sobre os temas pesquisados, resultado final do processo de pesquisa praticado. Representa, ao mesmo tempo, a capacidade do autor em intervir nos discursos existentes, num exercício de transformação, e de o autor assumir-se sujeito histórico.

Um texto se faz e refaz num processo de o autor assumir-se sujeito na reconstrução social da realidade

Tendo em vista o caráter de pesquisa e estudo que caracteriza a produção escrita reconstrutiva, as teses de quem se envolve nesse tipo de processo não estão prontas no início do trabalho. Somente à medida que o autor compreende melhor os temas que investiga, conforme se aprofunda nos conhecimentos sobre os quais se propõe a escrever é que consegue se expressar melhor sobre eles. Mesmo assim, um texto nunca nasce pronto na primeira tentativa, solicitando retornos reiterados no sentido do aperfeiçoamento gradativo, somente alcançado juntamente com os novos entendimentos em construção. Nesse processo a crítica exerce papel essencial.

Assim, pode-se afirmar que numa produção textual reconstrutiva o autor escreve já pensando em reescrever. Produz uma escrita inicial sem se preocupar com seu acabamento, sem pretender uma escrita final. Pensa sua produção como um objeto que pode ser melhorado e qualificado cada vez mais.

Envolver-se numa produção escrita reconstrutiva é percebido por um escritor experiente não como modo de expressar algo conhecido, mas como exercício de apropriação de novos modos discursivos, de desenvolvimento de competências de dialogar sobre os temas investigados. Interessa ao autor mais o processo que o produto.

Escrever, nessa perspectiva, é envolver-se em processos coletivos de reconstrução de significados. Pela produção escrita reconstrutiva o pesquisador se incorpora e participa de diálogos continuados de construção de significados das comunidades a que pertence (Wells, 2001a).

A partir disso vai se assumindo como autoridade nos temas que investiga, sendo capaz de se expressar sobre eles cada vez com maior competência e segurança.

"O conhecer começa com a experiência pessoal que, amplificada pela informação, se transforma em compreensão por meio da construção de conhecimento" (Wells, 2001a, p. 104). Processos de escrita reconstrutivos correspondem a modos de complexificação e enriquecimento do conhecer e do compreender dos sujeitos que neles se envolvem, operando com temas que são de seu interesse e de valor para as comunidades das quais os sujeitos fazem parte. Constituem, ao mesmo tempo, modos de transformação social, de intervenção dos indivíduos nos entornos sociais a que pertencem.

Considerações Finais

Fênix, ave mitológica que sempre ressurge das cinzas, independentemente de sua idade, linguagens-discursos que constantemente se renovam, e para se renovarem requerem sua própria destruição, num sentido dialético de superação, de substituição das antigas teses

por novas, mas sempre "mantendo as cinzas", ou seja, recriando-se a partir do anteriormente existente. Isso ocorre também com os conhecimentos dos sujeitos que para ressurgirem exigem envolver-se em movimentos desconstrutivos-reconstrutivos capazes de propiciarem constantemente a emergência do novo.

Entender as aprendizagens como reconstruções do já anteriormente construído implica compreendê-las num sentido que se aproxima do funcionamento dos próprios processos vitais, auto-organizados e emergentes, em que continuamente novas formas de vida são gestadas em processos autopoiéticos capazes de garantirem a sobrevivência tanto dos indivíduos quanto dos grupos sociais.

Seria importante que se conseguísse transformar salas de aula em surgimento de Fênix, espaços em que os participantes fossem permanentemente desafiados a questionar os seus conhecimentos, destruindo-os para, então, criarem-se as condições de sua reconstrução. Isso, ao mesmo tempo, possibilitaria aos participantes irem se apropriando dos discursos sociais aceitos, encaminhando-se no mesmo processo sua reconstrução coletiva.

Capítulo 9

AVALANCHES RECONSTRUTIVAS:[1] movimentos dialéticos e hermenêuticos de transformação no envolvimento com a Análise Textual Discursiva

A ATD, Análise Textual Discursiva,[2] constitui uma metodologia de análise de informações que tem sido cada vez mais utilizada em pesquisas sociais, especialmente na Educação. Consistindo de *unitarização, categorização e produção de metatextos*, esta abordagem de análise tem sido especialmente empregada por mestrandos e doutorandos em suas produções acadêmicas. O presente texto investiga vivências de pesquisadores apropriando-se desta metodologia, visando à compreensão desse envolvimento, com foco especial nas transformações dos pesquisadores ao longo do processo, assim, algumas frases entre aspas em que não consta o autor foram obtidas por entrevistas de mestrandos e os nomes não foram identificados.

---

[1] Metáfora derivada de Kauffman, Stuart. *At home in the universe*: the search for the laws of self-organization and complexity. Oxford: Oxford University Press, 1995.

[2] Maiores informações sobre esta metodologia podem ser encontradas em artigo e livro: Moraes, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência e Educação*: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003; Moraes, R.; Galiazzi, M. C. *Análise textual discursiva*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2007.

No texto argumenta-se que o envolvimento com a Análise Textual Discursiva consiste não apenas em apropriar-se de uma metodologia de análise para produzir resultados de pesquisas, mas implica simultaneamente transformações do pesquisador, desafiando--o a assumir pressupostos de natureza epistemológica, ontológica e metodológica, com superação de modelos de ciência deterministas e com valorização dos sujeitos pesquisadores como autores das compreensões emergentes de suas pesquisas. Mostra-se, ainda, que a ATD, numa abordagem radicalmente qualitativa, evidencia aproximações com a hermenêutica, acionando processos reconstrutivos concretizados na linguagem, importante ferramenta de produção e expressão das compreensões produzidas.

Na sustentação destas ideias, o texto está organizado em quatro partes. A primeira focaliza mudanças epistemológicas e paradigmáticas implicadas no trabalho com a ATD. Na sequência, destacam-se movimentos reconstrutivos em que os pesquisadores se envolvem ao trabalharem com esta metodologia, implicando desconstruções e reconstruções, sempre à procura de maior compreensão dos fenômenos investigados. Na terceira parte aprofundam-se as questões de autoria e aproximação sujeito-objeto, implicadas no uso da ATD, com exigência de constantes interpretações do pesquisador em relação aos seus materiais de análise e necessidade de assumir seus próprios pontos de vista na organização dos resultados de suas pesquisas. Por último, procura-se mostrar o movimento do semântico ao hermenêutico, deslocamento da frase ao discurso no processo de análise, com inserção do pesquisador em espirais reconstrutivas, em que a criação e a imaginação são partes integrantes da produção e expressão de novas compreensões.

Pelo envolvimento com a ATD, a ruptura de paradigmas

Ao envolverem-se com a ATD os pesquisadores se percebem em descolamentos do explicar causal para o compreender na complexidade, assumindo cada vez mais a interpretação em suas pesquisas, com aproximações decisivas com a hermenêutica.

Pesquisadores em processo de apropriação da ATD percebem-se desafiados em seus fundamentos metodológicos e epistemológicos, surgindo estranhamentos que precisam ser superados ao longo do processo. Trabalhar com esta metodologia implica apropriar-se de um conjunto de pressupostos que a sustentam.

Uma das dimensões em que os pesquisadores se veem desafiados é a que se refere a seus entendimentos da realidade, exigindo-se que superem concepções de um realismo ingênuo para assumirem que realidades são construções humanas, com intensa participação da linguagem. A direção desse movimento parece coincidir com o que argumenta Santos (2002, p. 28):

> Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente.

Evidenciando esta ruptura, uma pesquisadora em apropriação da ATD afirma que sente ter crescido e se transformado ao longo do processo: "rompi com muitos paradigmas e percebi o quanto fomos formatados, quadriculados e programados para pensar de um determinado modo. Romper com estes moldes dói e exige muita vontade e querer caminhar por caminhos incertos e novos, cheios de novidades e sem rumo. A estrada vai se abrindo no decorrer da caminhada".[3]

[3] No texto sempre que aparecer uma referência entre aspas, sem autoria, trata-se de manifestação de algum sujeito da pesquisa.

As vivências de pesquisadores apropriando-se da ATD mostram ser um grande desafio a ruptura de paradigmas, processo exigente de desconstruir o já formatado e reconstruir em novas perspectivas, movimentos ao caos, para em seguida reorganizar visando a atingir novas compreensões, "sinfonia de textos e de vida em que o processo envolve intensamente os pesquisadores". Esses movimentos podem ser descritos como deslocamentos do *paradigma dominante de ciência* para *paradigmas emergentes* (Santos, 2002), com intensa implicação dos pesquisadores nos seus processos produtivos.

Nos seus estranhamentos epistemológicos os pesquisadores percebem os limites da causalidade e se deslocam do descobrir ao compreender, do explicar ao interpretar. No mesmo movimento vão superando o determinismo mecanicista e controlador, numa aproximação decisiva entre objeto e sujeito da pesquisa. As novas compreensões atingidas passam a ser percebidas como criações com autoria, superando a ideia de uma realidade objetiva a ser explorada e assumindo que a pesquisa social lida com discursos coletivos a serem compreendidos em profundidade.

Na sua apropriação da ATD o pesquisador envolve-se na exploração de relações complexas nos fenômenos sociais, sempre históricos e exigindo interpretação de sentidos, com superação do positivismo, caracterizado pela causalidade e legalidade, para aceitação de modos de compreensão da realidade que valorizam a diversidade, a multiplicidade e a diferença, focando na complexidade dos fenômenos sociais. Esse movimento implica deslocamentos do nomotético ao idiográfico (Lincoln; Guba, 1985), com superação de grandes sistemas explicativos para assumir a compreensão da vida cotidiana, em sua diversidade e multiplicidade (Mafessoli, 2007).

No seu desafio de assumirem novos pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos os pesquisadores em apropriação da ATD superam entendimentos de pesquisa como modos de testar

hipóteses de natureza causal para assumirem posturas que valorizam o emergente, com hipóteses de trabalho constituindo-se nas análises e sendo expressas em textos argumentados, com ancoragens empíricas nas informações trabalhadas na pesquisa e constituindo abstrações teóricas emergentes das análises.

O envolvimento na ATD é movimento em direção à hermenêutica, com valorização de pré-compreensões como modos de chegar a entendimentos mais complexos. Nisso o pesquisador vai além de análises de caráter semiótico e semântico, para atingir interpretações de caráter hermenêutico, contextualizadas e históricas, com intenso envolvimento e autoria do pesquisador.

A ATD em sua proposta de construção de novos conhecimentos a partir da reconstrução de conhecimentos já anteriormente elaborados aproxima-se do que é proposto por Santos (2002), admitindo a interpenetração dos conhecimentos, especialmente do científico com o senso comum, procurando aproveitar o caráter libertador e utópico do conhecimento cotidiano nos processos de produção científica.

A ATD constitui exercício de interpretação hermenêutica, capaz de atingir compreensões emergentes em discursos sociais analisados a partir de textos produzidos por uma diversidade de sujeitos. Nos espaços de linguagem em que se manifestam os sujeitos o pesquisador procura produzir novos sentidos e compreensões sobre os fenômenos que investiga, sempre com a marca de sua autoria.

A ATD manifesta-se assumindo pressupostos da hermenêutica, valorizando preferencialmente teorizações emergentes da análise, reconstruções de pré-compreensões do pesquisador e dos sujeitos de sua pesquisa. Na circularidade da produção dos resultados, sempre submetidos à discussão aberta e ao crivo da crítica para sua validação e aceitação coletiva, concretiza-se a tessitura hermenêutica das compreensões sobre os fenômenos investigados.

A complexidade do compreender pela reconstrução

As rupturas paradigmáticas associadas à apropriação da ATD dão-se na relação com movimentos entre ordem e caos, com o entendimento dos fenômenos em sua complexidade a partir de reconstruções em caminhos hermenêuticos, atingindo-se novos entendimentos a partir da exploração de diferenças percebidas pelos pesquisadores e integradas em suas pré-compreensões.

Os mergulhos na intensidade dos fenômenos, característicos da ATD, implicam o envolvimento em ciclos de caos e ordem, movimentos em espaços não lineares com o questionamento de conhecimentos existentes, desorganização e desconstrução seguidas de categorização e reorganização, espaços para a criação e produção de novas ordens e novas compreensões.

No seu envolvimento em ciclos de caos e ordem, os pesquisadores compreendem que o medo, a angústia e a incerteza são parte do processo, aceitando o argumento de Demo (2001, p. 16), quando afirma que "*a realidade está mais próxima da metáfora do caldeirão, onde tudo ferve e se transforma, do que do texto analítico sistemático que, por força do próprio destino, só retrata o que é sistemático*".

Operar entre caos e ordem é mergulhar na intensidade dos fenômenos, explorando sua profundidade pelo envolvimento e participação intensa. Implica atingir a não linearidade dos fenômenos, o caótico criativo e a dimensão incontrolável da inovação surpreendente. Atingir a profundidade e a intensidade dos fenômenos exige participação intensa do pesquisador em sua subjetividade e individualidade, processo de criação e imaginação em que a autoria não é uma opção, mas uma exigência.

No envolvimento com a ATD os pesquisadores declaram-se em "turbilhões de ideias", em "tempestades com livres voos". No movimento desconstrutivo de aproximação ao caos, sempre num es-

forço interpretativo rigoroso, estão as possibilidades de emergência do novo, compreensões explodindo de forma natural, *avalanches de novidades* (Kauffman, 1995) sendo gestadas, sempre com a presença ativa e a autoria do pesquisador.

Inserir-se em movimentos desconstrutivos e de aproximação ao caos ajuda a atingir as dimensões sistêmica e complexa dos fenômenos, aproximando compreensão e complexidade. A partir de movimentos desconstrutivos da unitarização, a ATD movimenta-se pela categorização no sentido de construir sistemas de categorias num padrão em rede, possibilitando compreender os fenômenos em sua complexidade.

Ao participarem desses processos os pesquisadores percebem-se dentro de uma proposta de complexidade e de visão sistêmica, associando esta metodologia com entendimentos de que "na realidade nada é definitivo, tudo é um devir eterno e imanente; transcender a linearidade e a visão cartesiana é um desafio diante da complexidade do mundo em que vivemos".

Perceber-se trabalhando com ideias sistêmicas e de complexidade é desafiar-se a construir redes, redes de categorias e subcategorias em diferentes níveis de interconexão. Pela categorização constroem-se redes de compreensão na linguagem, estabelecendo pontes entre vivências concretas e abstrações elaboradas por meio de conceitos. Também pela categorização, na ATD, reconstroem-se redes conceituais e teóricas relacionadas ao mundo e às culturas.

No processo da ATD os pesquisadores são convidados a desconstruírem e reconstruírem conceitos, com unitarização, categorização e produções escritas derivadas de suas análises e sínteses. Nesse desconstruir e esforço reconstrutivo explodem novas compreensões, sempre com intensa participação e autoria, aplicando-se o que é proposto por Demo (2001, p. 56-57):

> ...assumindo a posição de intérprete autônomo... de interpretar o fenômeno pesquisado em tom desconstrutivo, para ir além do que se diz e das aparências do que se diz; se antes estava em jogo o ponto de vista do outro, agora salientamos o ponto de vista próprio... a desconstrução é apenas uma parte, que deverá ser completada com a reconstrução analítica do fenômeno.

Abrir-se para novas compreensões exige pôr em dúvida o já estabelecido e aceito, libertar-se do já conhecido para dar espaços às reconstruções. Nas reconstruções propiciadas nos movimentos entre análise e síntese é que se encontram as possibilidades de conhecer de forma mais complexa e diferente, de ampliar os limites de compreensão.

Os caminhos reconstrutivos da ATD vão de pré-compreensões para entendimentos e interpretações cada vez mais complexas, numa aproximação de objeto e sujeito, examinando-se os fenômenos partindo de dentro deles, caminhos hermenêuticos de reconstrução de compreensões sempre a partir de um sujeito-pesquisador que se assume em suas interpretações e autorias.

Os limites de compreensão e interpretação iniciais do pesquisador são definidos por pré-entendimentos construídos no contato com discursos sociais. Por isso, ampliar compreensões exige partir de pré-compreensões, exercitando sua superação, entendendo que "*a primeira tarefa de qualquer interpretação deve ser a de trazer à consciência a própria pré-estrutura da compreensão*" (Grondin, 1999, p. 165).

A metodologia da ATD aproxima de uma "hermenêutica objetiva" (Vilela; Napoles, 2010), "*associada a um conjunto de metodologias qualitativas de caráter reconstrutivo*" (idem, p. 6). Implica reconstruir as próprias ideias do pesquisador a partir das ideias dos outros. As possibilidades de emergência de novas compreensões são dependentes da escuta do outro que tem algo diferente a manifestar. Novas compreensões são produzidas a partir das diferenças de pontos de vista, no confronto das próprias ideias com ideias diferentes dos outros.

No seu envolvimento na ATD os pesquisadores percebem que suas interpretações necessariamente precisam se iniciar neles mesmos, nos entendimentos e pré-compreensões que já trazem para o contexto da pesquisa, mas também exigem a escuta do outro, pois é a partir das diferenças manifestadas que se ampliam as próprias compreensões dos fenômenos investigados. O grande desafio é conseguir entender o outro nas suas diferenças, uma vez que apenas conseguimos entender o que já sabemos, conforme nos aponta Nietzsche: "*em última instância ninguém pode escutar nas coisas, incluídos os livros, mais daquilo que já sabe*" (apud Larossa, 2002, p. 18).

Novas compreensões emergentes da ATD produzem-se na confrontação de diferentes pré-compreensões e compreensões anteriormente construídas, sejam de sujeitos empíricos, sejam de teóricos.

> ... para que aprendizagens possam ocorrer... o pesquisador precisa se confrontar com diferenças, permitindo que as diferenças desafiem seus pressupostos, valores e crenças, improvisando e adaptando às diferenças e aprendendo como conseqüência disto (Clandinin; Conelly, 2000, p. 9).

Assim, uma perspectiva hermenêutica e reconstrutiva da ATD exige a presença da autoria do pesquisador. As aprendizagens e novas compreensões construídas devem trazer necessariamente a marca do pesquisador, a manifestação de seus pontos de vista, as novas compreensões apresentadas a partir de sua própria perspectiva, ainda que sempre sustentadas em outras vozes, quer de sujeitos empíricos, quer de teóricos com os quais foram realizados diálogos.

Novas compreensões são atingidas na ATD somente com intenso envolvimento, muita imaginação e criatividade, aproveitando a intuição e os instintos pessoais. É desafio permanente produzir e perceber o novo, processo auto-organizado e emergente a partir de intensa impregnação nos fenômenos investigados.

Nesse processo é importante que o pesquisador consiga liberar seus "instintos de pesquisador e suas intuições pessoais" a partir de uma imersão profunda nos materiais de análise, mesmo que isso implique insegurança e incerteza. A dificuldade do processo está em que exige em sua apropriação, ao mesmo tempo, superar pressupostos já anteriormente assumidos. Além de reconstruir compreensões dos fenômenos pesquisados, o pesquisador precisa refazer suas visões de ciência e paradigmas.

Produção de novas compreensões com autoria do pesquisador

Numa decisiva aproximação sujeito-objeto, a ATD requer um pesquisador que assume suas interpretações e pontos de vista, com autorias emergentes no processo das análises a partir de uma intensa impregnação com os fenômenos, exigindo, ao mesmo tempo, conviver com dúvidas e inseguranças ao longo de todo o processo. O conhecimento produzido constitui-se em autoconhecimento, com autorias assumidas durante todo o processo.

Apropriar-se da ATD exige lidar de uma nova forma com a relação sujeito-objeto nas pesquisas, implicando uma aproximação dialética entre eles:

> ...a informação qualitativa torna-se mais nítida: refere-se àquela ostensivamente interpretada e que lida com sujeito-objeto, não com mero objeto de análise. Não conseguimos nos comunicar sem sermos parte do processo comunicativo, como sujeito e como sujeito objeto (Demo, 2001, p. 30).

Esta aproximação, concretizada a partir de um intenso envolvimento e impregnação do pesquisador nos fenômenos que investiga, é uma das características da ATD no sentido de criar e produzir com originalidade e autoria. Na ATD com tendência hermenêutica o pesquisador precisa assumir-se como centro do processo interpretativo, ainda que sempre atento a uma multiplicidade de vozes afetando suas interpretações.

Assumir a própria voz e autoria interpretativa é processo que exige tempo e reconstruções epistemológicas. Implica aceitar que a produção científica é centrada num sujeito que manifesta seu ponto de vista,

> que o objeto é continuação do sujeito, por outros meios... que todo conhecimento científico é autoconhecimento". Ao assumir esses pontos de vista o pesquisador assume que "a ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real (Santos, 2002, p. 52).

Assumir que as produções de suas pesquisas se constituem em autoconhecimento do pesquisador evidencia-se a partir da presença intensa do "eu" nos resultados, com autorias interpretativas e produção de novos significados pelo pesquisador, manifestando pensamentos e pontos de vista próprios de quem produz as pesquisas.

Enxergar além do já dado ao entendimento exige um olhar aguçado, com intenso envolvimento do pesquisador como sujeito e intérprete, envolvendo imaginação para vencer as sombras que cercam os fenômenos em sua profundidade. Na dialética entre ordem e desordem vão emergindo novos entendimentos dos fenômenos investigados, sempre com intensa participação do pesquisador e de suas autorias.

Na apropriação da ATD os pesquisadores dão-se conta de que um dos princípios desta metodologia de análise é "que o pesquisador se torne produtor de seu pensamento", que se assuma com coragem de manifestar suas próprias reconstruções. Isso exige mais do que estruturar textos a partir das ideias de outros. Requer organizar produções escritas a partir de seus próprios pontos de vista, textos organizados em torno de sua autoria.

A produção escrita resultante de uma pesquisa é construção do pesquisador, constituindo documentos com marcas do seu "eu". O relatório de uma pesquisa é uma tentativa de interpretação das relações entre os fenômenos investigados, sempre na perspectiva do pesquisador (Clandinin; Conelly, 2000). Expressa aprendizagens, sempre incompletas e incertas realizadas pelo pesquisador ao longo de sua investigação.

As autorias emergentes na ATD são resultado de intenso envolvimento e impregnação nos materiais e no processo da análise, com movimentos auto-organizados em que *"o relâmpago tudo governa"*.[4] O pesquisador mergulhado nos temas e fenômenos que investiga percebe-se capaz de compreender e expressar novos entendimentos com intenso uso de sua imaginação e intuição, produções nas quais, mais do que ser propriamente criador, ele se encontra governado, com um mínimo controle sobre os resultados atingidos.

Tendo em vista suas vivências anteriores de pesquisa, o pesquisador em apropriação da ATD tem inicialmente dificuldades em assumir suas autorias. Na medida, contudo, em que consegue compreender que todo conhecimento é um autoconhecimento, a partir de um intenso envolvimento no processo da análise, consegue superar sentimentos de medo e frustração, aprendendo a conviver com a insegurança e incerteza sempre associadas a reconstruções com suas marcas de autoria.

Num processo essencialmente hermenêutico, o pesquisador envolvido com a ATD percebe que as verdades elaboradas em suas análises e sínteses não se constituem em tomada de posse de algo já dado. Nesse contexto,

[4] Dito heraclítico esculpido no umbral de entrada da cabana de Heidegger, segundo Grondin, Jean. *Introdução à Hermenêutica filosófica.* São Leopoldo,RS: Editora Unisinos, 1999. p. 225.

> ...parece mais justificado o discurso sobre uma verdade compartilhada. Porque, no diálogo uns com os outros e conosco mesmos, enquanto pensamos, chegamos a certas verdades que intuímos, sem saber como e o quê está acontecendo conosco. Pois nós não dominamos essas verdades. São elas que simultaneamente se apossam de nós (Grondin, 1999, p. 225).

Na interação com diferentes vozes e sujeitos atingida a partir da unitarização e categorização se possibilita um compartilhar de verdades e compreensões num sentido hermenêutico, num processo intuitivo e auto-organizado que não conseguimos entender de modo consciente. No expressar de um pesquisador envolvido com a ATD, "a partir da desconstrução das idéias dos sujeitos da pesquisa, num esforço construtivo do pesquisador, explodem novas idéias e compreensões, sempre com a presença ativa e da autoria do pesquisador".

Para que isto possa concretizar-se, entretanto, o processo é exigente e trabalhoso. Requer impregnação nos materiais da análise, além de disciplina e organização. Tanto a unitarização quanto a categorização constituem-se etapas que não podem ser aceleradas para que possam emergir resultados válidos e que satisfaçam ao pesquisador. Depoimentos de pesquisadores afirmam que é processo rigoroso e que exige aplicação e disciplina de quem o utiliza, mas, é, ao mesmo tempo, instigante e envolvente. "Parece cachaça, de golinho em golinho você se impregna na bebedeira, com unitarização, categorização e produção textual".

Somente um envolvimento intenso e comprometido cria as condições de emergência do novo, possibilitando a autoria e produção de autoconhecimento. O mergulho nos materiais de análise e no fenômeno investigado é que facilita o encaminhamento da categorização e de uma produção textual fluida e consistente.

Essa impregnação envolve o processo como um todo, mas é principalmente destacado nas fases iniciais da análise, momentos desconstrutivos e interpretativos da unitarização e produção das unidades de análise. Exige não pular etapas, solicitando tempo e dedicação, capazes de se refletirem no rigor e qualidade da produção final.

Ainda que esse envolvimento e impregnação na ATD tragam uma segurança progressiva e que um estado de fluxo se manifeste especialmente no momento da escrita final, incertezas e ansiedade acompanham o pesquisador ao longo de todo o processo. Trabalhar com a ATD exige aprender a conviver com dúvidas e insegurança.

> Como uma reinterpretação de um campo objetivo pré-interpretado, o processo de interpretação é necessariamente arriscado, cheio de conflito e aberto à discussão. A possibilidade de um conflito de interpretação é intrínseca ao próprio processo de interpretação (Thompson, 1998, p. 376 apud Demo, 2001, p. 42).

Vivências de pesquisadores com a ATD, entretanto, também evidenciam que, ainda que a incerteza e as dúvidas continuem, a impregnação com os materiais da análise e o envolvimento no processo de interpretação e categorização produzem uma sensação agradável de confiança em relação às produções emergentes. Especialmente no momento da produção escrita final alguns pesquisadores descrevem encontrar-se num "estado de fluxo" em que já não são eles que controlam suas produções, mas estas os dominam e tomam conta deles.

Da semântica à hermenêutica pelo envolvimento na linguagem

Os movimentos da ATD, de caráter hermenêutico, correspondem a espirais reconstrutivas de produção de compreensões, constituídas na linguagem, com envolvimento de diferentes vozes capazes de desafiarem as compreensões iniciais do pesquisador em direção

a novos níveis de entendimento. A ATD é processo de produção de novas compreensões em que a recursividade está presente o tempo todo, com movimentos em ciclos e em espirais, conduzindo a entendimentos cada vez mais complexos.

Para quem inicia seu envolvimento com a ATD o processo parece simples e imediato. Com a inserção na prática, entretanto, o pesquisador vai percebendo a complexidade das análises e o cuidado que é exigido na condução de cada passo do processo. Seguidamente, após um envolvimento mais superficial inicial, o pesquisador aprende que a ATD precisa ser entendida e praticada como processo, implicando desconstrução, impregnação intensa, reflexão, análise, diálogo, síntese, tudo exigindo tempo, sem poder ser abreviado.

Uma efetiva apropriação da ATD requer que o pesquisador perceba a recursividade inerente a todo o processo, suas idas e vindas, avanços e retrocessos, tanto nas produções práticas quanto na apropriação dos fundamentos teóricos que sustentam a metodologia. Ao longo do processo o pesquisador compreende que se trata de um processo cíclico-espiralado, círculos hermenêuticos em cadeia, em que diferentes patamares de compreensão são atingidos, esforços intensos e sempre renovados para compreender além, em que compreensões do pesquisador são reconstruídas a partir da interação com entendimentos de outros sujeitos. Esses movimentos pressupõem transformações nos modos de ler e interpretar textos, com exigência de releituras para ampliar compreensões e para atingir maior coerência e validade nas produções. "Exige um olhar que tudo vê", esforço de compreender o objeto de pesquisa cada vez em maior profundidade, olhar de águia para ampliar compreensões além do que está posto, atingindo mais significado em cada novo ciclo do processo.

O envolvimento e impregnação com a ATD possibilitam produzir argumentos cada vez mais consistentes e válidos, sempre a partir da autocompreensão do pesquisador, com ancoragem em manifes-

tações de uma diversidade de sujeitos. A qualidade dos argumentos amplia-se pelo retorno reiterado às informações analisadas e às compreensões parciais atingidas ao longo do processo.

Esses movimentos em espiral ocorrem entre análise e síntese, unitarização e categorização, movimentos de reconstrução teórica e compreensiva em que se integram diferentes vozes, com intenso envolvimento do pesquisador, de outros sujeitos e de teóricos, sempre em espirais de caos e ordem, "ventania com trovões e relâmpagos, necessárias tempestades para que a bonança possa se estabelecer".

Ainda que nos movimentos cíclicos e hermenêuticos de procura de maior compreensão, as teorizações ancorem-se nos sujeitos da pesquisa e em teóricos com os quais o pesquisador dialoga, na base das novas compreensões produzidas está a voz do próprio pesquisador, constituindo-se suas teorizações em novos modos de abstração e compreensão que vai elaborando no decorrer do processo.

As espirais de compreensão da ATD constituem-se na linguagem, com exploração de diferenças de significados produzidas a partir de diferentes sujeitos, sempre a partir das interpretações do pesquisador. Na linguagem se estabelece o foco hermenêutico da ATD. O pensamento é possível pela linguagem e por meio dela se constroem conceitos e teorias, tornando compreensíveis os mundos humanos. Constitui elo hermenêutico a partir do qual se concretizam os círculos de compreensões gradativamente mais qualificados nos quais a ATD envolve os pesquisadores.

Se a compreensão do mundo concretiza-se na linguagem, é somente por ela que novos entendimentos podem ser elaborados.

> Somente na conversação, no encontro com pessoas que pensam diferentemente, podendo habitar em nós mesmos, podemos esperar chegar além da limitação de nossos eventuais horizontes. Por isso a filosofia hermenêutica não conhece nenhum princípio mais elevado do que a conversação (Grondin, 1999, p. 208).

No seu caráter hermenêutico a ATD valoriza o diálogo e interação com outras vozes, atitude de aprender com os outros, sempre à procura de diferenças que ajudem a desafiar entendimentos já elaborados antes, visando a superar horizontes de compreensão existentes.

O movimento do semântico ao hermenêutico, característico da ATD, é esforço permanente de construir e expressar novas compreensões sobre os fenômenos investigados. Novos entendimentos não nascem prontos e claros, exigindo seguidamente metáforas para sua expressão, *metáforas vivas*[5] que tanto ajudam a expressar novas compreensões como a constituí-las.

"*A passagem ao ponto de vista hermenêutico corresponde à mudança de nível que conduz da frase ao discurso*" (Ricoeur, 2005, p. 13). Quando se explora a metáfora num ponto de vista hermenêutico ela passa a ser forma de redescrever a realidade... Na sua associação a discursos a metáfora apresenta-se "*como estratégia de discurso que, ao preservar e desenvolver a potência criadora da linguagem preserva e desenvolve o poder heurístico desdobrado pela ficção*" (Ricoeur, 2005, p. 13).

As metáforas, estratégias de discurso capazes de ajudar no movimento do semântico ao hermenêutico, servem tanto para vencer os desafios reconstrutivos que se apresentam quando se visa a ampliar compreensões, quanto no conseguir expressar as novas compreensões.

As metáforas auxiliam o pesquisador a se mover em espaços discursivos desconhecidos, ajudando a aproveitar a intuição e a imaginação e os conhecimentos tácitos do pesquisador na elaboração e comunicação de novos entendimentos construídos ao longo das análises. As metáforas construídas são modos de ampliação de horizontes de compreensão do pesquisador.

[5] Mais informações em Ricoeur, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

A exploração e uso das metáforas na apropriação da ATD constituem parte do processo de rupturas epistemológicas, ontológicas e metodológicas pelas quais passam os pesquisadores envolvidos com esta forma de análise. São ainda modos de aproximação entre sujeito e objeto de pesquisa, podendo concretizar a proposta de ATD de, preferencialmente, construir novas compreensões que se constituem em autoconhecimento de quem pesquisa. Na medida em que as metáforas ajudam a trilhar o caminho hermenêutico da ATD, possibilitam colocar em prática os pressupostos que sustentam esta forma de análise.

Considerações finais

Pretendeu-se neste texto construir novas compreensões sobre a Análise Textual Discursiva, destacando em seus movimentos de análise e síntese o caráter hermenêutico do processo. Ao tentar concretizar isto reuniu-se argumentos visando a mostrar esse movimento como constituído de:

- exigência de rupturas com pressupostos epistemológicos, ontológicos e metodológicos associados ao paradigma dominante de ciência, com movimentos em direção a novos paradigmas;
- perceber o processo de análise como movimento permanente de reconstrução de compreensões já anteriormente constituídas a partir da interação com outros pontos de vista;
- entender o processo de análise como exigindo a presença constante do pesquisador em sua capacidade interpretativa e em suas autorias, concebendo o conhecimento produzido como autoconhecimento do pesquisador;
- os movimentos da ATD vão da semântica à hermenêutica, com intenso envolvimento na linguagem numa perspectiva de discursos sociais, exigindo ao pesquisador inserir-se em círculos hermenêuticos capazes de lhe possibilitarem compreensões cada vez mais elaboradas e válidas, seguidamente criando espaços para a metáfora como modo de sua expressão.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D.; LÜDKE, M. *Pesquisa em educação:* abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ANTOLI, V. B. *La investigación en pedagogía:* el estado de la cuestión. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1988. (Mimeo).

ARAUJO, M. S. de. *Construindo conceitos no ensino médio para sentir, pensar e atuar no ambiente.* 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Furg, Rio Grande, 2003.

ASSMANN, H. *Reencantar a educação.* Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMGARTEN, C. *Ação pedagógica como facilitadora do avanço de alunos de turma de progressão.* 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUCRS, Porto Alegre, 2003.

BERNARDO, G. *Educação pelo argumento.* Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

BRUYNE, P. de et al. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CAPRA, F. *As conexões ocultas.* São Paulo: Editora Pensamento--Cultrix, 2002.

CARLOTTO, F. R. *Hipertextualidade como possibilidade metodológica complexa para uma educação transdisciplinar:* uma pedagogia das relações. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUCRS, Porto Alegre, 2004.